



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónica)

OSÓRIO DA COSTA XIMENES

***A ecologia integral* na encíclica *Laudato Si'*
Leitura inspirada por Francisco de Assis e Francisco de Roma**

**Dissertação final
sob orientação de:
Prof.^a Doutora Maria Isabel Pereira Varanda**

**BRAGA
2020**

AGRADECIMENTO

No final desta caminhada académica sinto uma convicção firme: a de que todo o percurso feito até aqui não iria ser possível sem a ajuda de várias pessoas que fazem parte da minha vida. A todas elas, a minha sincera gratidão.

Apesar de correr o risco de me esquecer de alguém, não posso deixar de mencionar aqueles e aquelas que de mais perto me acompanharam, ajudando-me a concretizar esta minha dissertação. Agradeço, em primeiro lugar, ao Padre António de Sousa Araújo, Frei Sérgio Pinheiro e Frei Paulo Faria, por tudo o que me ensinaram e pela paciência e disponibilidade que demonstraram sempre para acompanhar o meu trabalho. À minha professora orientadora Doutora Isabel Varanda, pelo conselho e apoio que sempre me deu, por ser um exemplo de bondade e uma excelente pedagoga.

Uma palavra de estima e agradecimento ao Frei Moisés Semedo que acompanhou pacientemente toda a minha formação desde Leiria até Braga. Aos Freis Márcio Carreira, Sérgio Soares e Domingos Xavier pelas palavras de encorajamento por terem sempre acreditado que este trabalho seria possível, não me deixando desistir, nem desanimar.

Aos meus amigos e amigas mais próximos, ao meu primo Paulo Martins, às minhas primas Angélica Fátima, Elda Fernandes, Mónica L.P. Almeida e Irmã Noémia Imaculado, por todo o apoio que sempre me deram, em particular aos meus pais Marçal Ximenes e Angelina da Costa, onde me apoio nos momentos mais difíceis, e que tanto acreditaram em mim.

À Província Portuguesa da Ordem Franciscana dos Santos Mártires de Marrocos, na representação do Provincial Padre Domingos Casal Martins e delegado do Ministro Geral para a Fundação de Santo António de Lisboa em Timor Leste, Padre Vítor Melícias, o meu muito obrigado pelo apoio financeiro nos meus estudos académicos, e profunda gratidão à fraternidade do Convento Franciscano de São Boaventura de Montariol que me acolheu e me apoiou em termos de material, moral e espiritual.

Por fim, o meu respeito e agradecimento a todos os Professores e Professoras, que aqui não posso nomear a cada um e cada uma, que me ensinaram ao longo da minha aprendizagem na Universidade Católica Portuguesa – Centro Regional de Braga.

ÍNDICE

RESUMO	6
ABSTRACT	7
SIGLÁRIO	8
INTRODUÇÃO	10

CAPÍTULO I

APRESENTAÇÃO GERAL DA ENCÍCLICA *LAUDATO SI*

1. O cuidado da casa comum	12
2. O que está a acontecer à nossa casa	13
2.1. <i>Poluição e Mudanças Climáticas</i>	14
2.1.1. <i>Ecologia humana</i>	14
2.1.2. <i>A questão da água</i>	14
2.2. <i>Perda de Biodiversidade</i>	15
2.3. <i>Deterioração da qualidade de Vida Humana e Degradação Social</i>	17
2.4. <i>Desigualdade planetária</i>	18
2.5. <i>A Fraqueza das Relações</i>	19
2.6. <i>A Diversidade de Opiniões</i>	19
3. O Evangelho da criação	20
3.1. <i>A luz que a fé oferece</i>	20
3.2. <i>Sabedoria das narrações bíblicas</i>	21
4. A mensagem de cada criatura na harmonia da criação	22
5. O olhar de Jesus	23
6. A raiz humana da crise ecológica	24
6.1. <i>A Tecnologia: criatividade e poder</i>	24
6.2. <i>A globalização do paradigma tecnocrática</i>	25
6.3. <i>A crise ecológica é uma crise de família</i>	26
6.4. <i>Crise do antropocentrismo moderno e suas consequências</i>	26
6.5. <i>O relativismo prático</i>	27
6.6. <i>A necessidade de defender o trabalho</i>	28
6.7. <i>Quanto à inovação biológica a partir da pesquisa, recorde-se que:</i>	29
7. Uma ecologia integral	30
7.1. <i>Ecologia ambiental, economia e social</i>	30
7.2. <i>Ecologia do domínio e da cultura do descarté</i>	31
7.3. <i>Ecologia da vida quotidiana</i>	32
7.4. <i>O princípio do bem comum</i>	32

8. Justiça integral	33
9. Algumas linhas de orientação e ação	34
10. Educação e espiritualidade ecológica	35
10.1. <i>Um outro estilo de vida e algumas linhas orientadoras:</i>	35
10.2. <i>Educar para a aliança entre a humanidade e o ambiente</i>	37
10.3. <i>A conversão ecológica</i>	38
10.4. <i>Alegria e paz</i>	39
10.5. <i>Amor civil e política</i>	39
10.6. <i>Os sinais sacramentais e o descanso celebrativo</i>	40
10.7. <i>A Trindade e a relação entre as criaturas</i>	40
10.8. <i>A rainha de toda a criação</i>	40
10.9. <i>Para além do Sol</i>	41
11. Síntese	42

CAPÍTULO II

A ECOLOGIA INTEGRAL NA *LAUDATO SI'*

1. A nossa casa comum está a sofrer uma grave enfermidade	43
1.1. <i>As mudanças climáticas e os seus efeitos</i>	45
1.2. <i>Os gases com efeito estufa produzidos pelo ser humano</i>	48
1.3. <i>Temperaturas mais elevadas podem ter alguma das consequências</i>	52
1.3.1. <i>Consequências amplificadoras do efeito estufa:</i>	52
1.3.2. <i>Consequências redutoras do efeito estufa:</i>	53
1.4. <i>Evitar a degradação ambiental e a questão da luta contra a fome</i>	53
1.5. <i>Os desafios que ameaçam a vida do ser humano</i>	53
1.6. <i>O combate contra à fome</i>	54
2. O respeito e a valorização da natureza	57
3. Centro de conversão ecológica	59
4. Síntese	63

CAPÍTULO III

DE FRANCISCO DE ASSIS A FRANCISCO DE ROMA

1. Os sonhos de Francisco de Assis e do Papa Francisco	65
1.1. <i>O sonho de Francisco de Assis</i>	65
1.2. <i>O sonho do Papa Francisco</i>	66
2. De São Francisco ao Papa Francisco: no âmbito do “Espírito de Assis”	68
2.1. <i>São João Paulo II e o Espírito de Assis</i>	68
2.2. <i>O sonho da paz e a profecia de Assis a partir da concentração das confissões religiosas</i> ..	70
3. O encontro histórico de Francisco de Assis e Francisco de Roma com os maometanos	72

3.1. <i>O Poverello de Assis em diálogo com o Islão, em Damietta</i>	73
3.2. <i>A primeira visita Papal da Igreja Católica, o vigário de Cristo na Península Arábica</i>	75
3.3. <i>“Construir a paz é difícil, mas viver sem paz é o tormento”</i>	79
3.4. <i>A paz de Francisco é a de Cristo</i>	80
4. O que acontecer no planeta terra dependerá da reconciliação interior do ser humano? ...	82
5. Uma ‘Igreja sem saída’ e uma ‘Igreja em saída’	83
5.1. <i>Uma ‘Igreja sem saída’</i>	83
5.2. <i>Uma Igreja em saída (EG § 20)</i>	84
6. Síntese	86
CONCLUSÃO	88
BIBLIOGRAFIA	92

RESUMO

O Papa Francisco convida-nos a abandonar a lógica do domínio, da exploração e do desperdício e convoca-nos a colaborar integralmente em combater a pobreza, dar de novo dignidade aos excluídos, e salvaguardar a natureza. O bem comum é um princípio central e unificador da ética, um princípio que se baseia no respeito da pessoa humana enquanto tal. É necessário defender e promover o bem comum, na medida em que, todos nós, contribuindo de coração sincero, dedicamos a nossa atenção e solidariedade aos mais pobres e tornamo-los numa opção preferencial.

O diálogo inter-religioso é um desafio grande da era da globalização. Agora é momento de encontro e de criar laços de paz como caminho de conversão ecológica, em prol duma relação pacífica entre as comunidades, em geral, e a terra, entre o presente e a memória, entre as experiências e as esperanças.

Promover um conjunto de valores fundamentais para uma conversão ecológica, é levar o Homem a perceber que a terra é uma comunidade a que pertence e ele assim começará tratá-la com amor e respeito mútuo. Uma conversão ecológica chama-nos a atenção para uma responsabilidade e um compromisso ambientais, associados aos valores éticos do respeito, da compaixão e da solidariedade.

Palavras-chave: O saber cuidar das coisas criadas, responsabilidade, degradação ambiental, a conversão coletiva e pessoal, humildade na escuta recíproca em diálogo, gratidão.

ABSTRACT

Pope Francis invites us to abandon the logic of domination and exploitation and waste and calls us to collaborate fully in combating poverty, giving dignity to the excluded again, and safeguarding nature. The common good is a central and unifying principal of ethics, a principal that is based on respect for the human person as such. It is necessary to defend and promote the common good, since, all of us, contributing with a sincere heart, dedicate our attention and solidarity to the poorest and make them a preferential option.

Interreligious dialogue is a major challenge in the era of globalization. Now is the time to meet and create bonds of peace as a path of ecological conversion, in favor of a peaceful relationship between communities, in general, and the earth, between the present and memory, between experiences and hopes.

To promote a set of fundamental values for an ecological conversion, is to lead the human being to realize that the land is a community to which he belongs and he will thus begin to treat it with love and mutual respect. An ecological conversation calls our attention to an environmental responsibility and commitment, associated with the ethical values of respect, compassion and solidarity.

Keywords: Knowledge taking care of created things, responsibility, environmental degradation, collective and personal conversion, humility in listening to each other in dialogue, gratitude.

SIGLÁRIO

AAS	<i>Acta Apostolicæ Sedis</i>
CA	<i>Centesimus Annus</i>
CC	Entrevista ao Papa Francisco realizado pelo Padre António Spadaro diretor da revista <i>Civiltà Cattolica</i> publicada no L'Osservatore Romano de 21 de Setembro de 2013.
CIC	Catecismo da Igreja Católica
CV	<i>Caritas in Veritate</i>
Cr.V	Christus Vivit
EG	<i>Evangelii Gaudium</i>
FAO	Food and Agriculture Organisation of the United Nation: Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura.
GE	<i>Gaudete et Exsultate</i>
IPPC	International Plant Protection Convention: A Convenção Internacional de Proteção de Plantas.
LE	<i>Laborem Exercens</i>
LS	<i>Laudato Si'</i>
MIT	Mestrado Integrado em Teologia

MM	<i>Mater et Magistra</i>
NA	PAPA PAULO VI, “Declaração <i>Nostra Aetate</i> sobre a Igreja e as religiões Não-Cristãs”
OMG	Organismos Modificados Geneticamente
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONG	Organizações Não-Governamentais
ONU	Organizações das Nações Unidas

INTRODUÇÃO

O presente estudo insere-se no âmbito do Mestrado Integrado em Teologia (MIT). Foi, de facto, precisamente nesse âmbito, que se despertou em mim a necessidade de pensar a problematização Ecologia. Na realidade, o trabalho da Dissertação é o resultado da experiência do Curso, durante o qual tive oportunidade de refletir e equacionar, teologicamente, a problemática ecológica, aquando do estudo da Encíclica *Laudato Si'*.

Assim, o título da Dissertação é o seguinte: *A ecologia integral na encíclica Laudato Si'. Leitura inspirada por Francisco de Assis e Francisco de Roma*. Para isso, foi-me exigido um estudo específico em busca de uma reflexão, que tivesse em conta a responsabilidade do ser humano no cuidado para com o Planeta terra.

O Papa Francisco ofereceu ao mundo um documento extraordinário, que extrapola a adjetivação de “encíclica verde”. A *Laudato Si'*, marco necessário neste momento histórico da humanidade, realiza o intento de “nos ajudar a reconhecer a grandeza, a urgência e a beleza do desafio que temos pela frente: cuidar da casa comum, a Terra (*LS* § 15). Dirige-se não somente aos católicos, mas também a cada pessoa que habita neste planeta (*LS* § 3). Conclama a reunir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral (*LS* § 13).

O trabalho está dividido em três capítulos e tem como fundamento o que se reflete no cuidado para com a nossa casa comum e inspira-se na encíclica *Laudato Si'*, aplicando, assim, as ideias da ecologia integral, promovidas pelo Papa no referido documento. Esta dissertação sublinha todo o pensamento do Sumo Pontífice Francisco no procurar soluções para a crise ecológica, no cuidar a casa onde habitamos, no derrubar muros e estabelecer laços com o outro, ir às periferias, isto é, ir ao encontro dos marginalizados, dos esquecidos e dos excluídos.

No Capítulo I procurarei sublinhar as importâncias gerais na encíclica *Laudato Si'*, na qual o Papa Francisco destaca como pontos principais os seguintes: o Cuidado da casa comum; o que está acontecer à nossa casa; o Evangelho da Criação; a mensagem da Criatura na harmonia da criação; o olhar de Jesus; a raiz humana da crise ecológica; uma ecologia integral; Justiça Integral; algumas linhas de orientação e ação; e síntese.

O Capítulo II surgiu a partir de um tema sobre as mudanças climáticas, tema abordado pelo Pontífice no mesmo documento: a consciência do ser humano para o respeito pelo meio. Sem o compromisso pela Casa comum e pela salvaguarda da criação – forma judaico-cristã de interpretar a natureza – não será nunca possível a justiça e a paz. Portanto, os pontos principais que aqui apresentamos são: a nossa casa comum está a sofrer uma grave enfermidade; o respeito e a valorização da natureza; O centro de conversão ecológica; e síntese.

O Papa Francisco fala de si e de São Francisco. A bênção passa também através do sorriso, do rosto descontraindo e sereno, das palavras espontâneas e cordiais, do bem-estar, da felicidade, da paz. Dando assim o início ao encontro e ao diálogo com as outras confissões religiosas.

Hoje, a Igreja e os jovens têm um ponto de encontro: a fragilidade. Constatamos em diversas partes do mundo o fracasso de propostas pastorais que terminam afastando muitos jovens. No entanto, sabemos que o problema não é a mensagem, mas o mensageiro.

Estamos vivendo um pontificado muito intenso do ponto de vista dos sinais que o Papa Francisco coloca diante dos nossos olhos, quase diariamente. Falar de uma “Igreja em saída” engloba uma reflexão sobre quem é Igreja, a sua natureza missionária; para onde devemos ir, depois de ter passado a fronteira; e como voltar a ser uma comunidade que celebra a eucaristia como memória viva e eficaz da pessoa de Cristo ressuscitado na nossa história e na vida pessoal de cada um.

Há aqui uma palavra fraterna, ou seja a urgência de reconverter tudo a partir da perspectiva de uma ecologia integral. Uma tarefa urgente. Uma causa nobre. Um trabalho árduo. Um resgate de emergência. E talvez a última oportunidade para salvar a vida do Planeta tal como hoje a conhecemos. Vale a pena seguir em frente.

No Capítulo III, falarei, precisamente, sobre a época das Cruzadas, onde Francisco de Assis teve iniciativa de ir em missão ao encontro de outras confissões religiosas e estabelecer laços. Entretanto, na nossa época, veio precisamente dos confins do mundo, ou seja, além-mar, um sucessor de Pedro, a fim de comungar a mesma ideologia de Francisco de Assis, tomando, por esse motivo, o nome Francisco, vindo a tornar-se o primeiro Papa a fazer uma visita histórica aos Emiratos Árabes. Neste capítulo vou pontualizar os seguintes temas: Os sonhos de Francisco de Assis e do Papa Francisco; De São Francisco ao Papa Francisco: no âmbito do Espírito de Assis; O encontro histórico de Francisco de Assis e Francisco de Roma com os Maometanos; o que vai acontecer neste Planeta terra; dependerá da reconciliação interior do ser humano? Uma Igreja sem saída e uma Igreja em saída; e síntese.

CAPÍTULO I

APRESENTAÇÃO GERAL DA ENCÍCLICA *LAUDATO SI'*

Neste século XXI, o sumo pontífice, Papa Francisco, apresentou esta encíclica não só aos cristãos, como também a toda a humanidade.

Iniciou-a com o Cântico das Criaturas de São Francisco de Assis; “Louvado sejas meu Senhor, pela nossa irmã, a mãe terra, que nos sustenta e governa e produz variados frutos com flores coloridas e verduras”¹.

A maneira como a iniciou é reveladora da mensagem que nos comunica nessas quase 160 riquíssimas e substanciosas páginas; louvemos a Deus, com a nossa irmã criatura, a mãe terra, ornada de frutos e flores.

O louvor é o reconhecimento de Deus enquanto Deus. Todas as criaturas, em uníssono com a mãe terra, são chamadas a reconhecer o criador, de quem dependem.

Maltratada pela ação irresponsável e abusiva do ser humano a terra protesta contra a violência que lhe é feita. Esquecemo-nos de que o nosso corpo também é feito dos elementos do planeta, respiramos o ar que a terra nos dá e vivemos da água e da luz que nos oferece.

Por isso, o Papa Francisco dirige-se a todos, sensibilizando-nos para que nos deixemos tocar pelas consequências da deterioração do meio ambiente, que a todos afetam, a começar pelos mais desprotegidos e pobres.

A linguagem poética de São Francisco de Assis possui força para nos convencer para o esforço comum de salvar o planeta.

Por incrível que isso pareça, só há cerca de cinquenta anos, começámos a tomar consciência dos “gemidos” da terra. Hoje, já ninguém mais tem o direito de lhe fechar os ouvidos.

1. O cuidado da casa comum

No início da Encíclica, o Papa Francisco dá voz ao louvor de São Francisco de Assis: “louvado sejas meu Senhor, pela nossa irmã terra, que nos sustenta e governa e produz variados frutos com flores coloridas e verduras”². Mediante a atitude de reconhecimento da grandeza e

¹ Cf. São Francisco de Assis, *Cântico das Criaturas*, in *Fontes Franciscanas* (Braga: Editorial Franciscana, 2017), 60 e 88.

² Cf. São Francisco, *Fontes*, 60 e 88.

dignidade do criado, o Papa orienta o seu discurso, chamando à razão cada ser humano acerca da sua responsabilidade na construção de uma “casa comum”. “Esquecemo-nos facilmente de que cada um é terra”.

Entretanto, Francisco faz o elenco do que mais tem destruído a terra: 1) o uso irresponsável e o abuso da terra; 2) a ideia errada do Homem como dominador da terra; 3) o coração humano, marcado pela violência (*LS* § 2).

Hoje a terra faz parte dos “entre os mais pobres [...] oprimida e devastada”, pelo que é preciso uma mudança radical por parte das pessoas: há que transmitir uma proposta de paz, a qual ultrapasse todas as formas da “atividade descontrolada do ser humano” – evitando a “delapidação” dos seus recursos de que é vítima –; uma conversão ecológica global – como já havia afirmado João Paulo II – que remexe com todos os âmbitos da vida. De facto, Bento XVI chegou a apelar para a urgência de “eliminar as causas estruturais das disfunções da economia mundial e corrigir os modelos de crescimento [...] incapaz de garantir o respeito do meio ambiente”³.

No fundo, os problemas ecológicos devem-se em boa parte ao comportamento irresponsável do ser humano. O próprio Patriarca Ortodoxo, Bartolomeu, o diz – relembra Francisco – quando convida todos a arrependem-se do modo como estão a maltratar o Planeta, que, de um modo ou de outro, acaba por constituir uma verdadeira desfiguração do ambiente.⁴ Por isso, só um debate que una todos e cada um poderá contribuir para uma mudança de mentalidades, com impacto verdadeiro sobre todas as pessoas, quanto aos seus hábitos e comportamentos. Portanto, deve haver um mútuo diálogo, isto é, uma “solidariedade universal” (*LS* § 14), nas palavras do Papa Francisco.

2. O que está a acontecer à nossa casa

Todo o discurso, conceito e reflexão sobre a situação da humanidade e do mundo, no que ele tem de “inédito para a história” (*LS* § 17), têm um contexto base, que nos leva a interrogar sobre o que se passa no ambiente onde vivemos. Há que deparar com a velocidade “espantosa” com que as sociedades se vão transformando, em seus diversos campos, estruturas e categorias. É evidente que a mudança faz parte da dinâmica dos sistemas complexos, como é o do universo. Porém, deve-se questionar se estas mudanças conduzem e proporcionam uma melhor qualidade de vida para a humanidade.

³ Cf. Bento XVI, “Discurso ao Corpo Diplomático acreditado junto da Santa Sé,” *AAS* 99 (8 de janeiro de 2007), 73.

⁴ Papa Francisco, “Carta encíclica *Laudato Si'* Sobre o Cuidado da Casa Comum,” *AAS* 107 (2015), § 8.

Felizmente, nem tudo está perdido: vê-se uma preocupação crescente e uma grande sensibilidade em relação ao cuidado da natureza, que interpela as pessoas a assumir pessoalmente aquilo que acontece no mundo (de bom e menos bom) e a consciência do contributo que cada uma lhe pode dar (*LS* § 19).

2.1. *Poluição e Mudanças Climáticas*

A poluição, fruto dos resíduos e *cultura do descarte*, têm consequências desastrosas no ecossistema: desde a poluição atmosférica causada pelo transporte, a poluição da indústria, até à acidificação do solo e da água, etc.

2.1.1. *Ecologia humana*

A poluição e as mudanças climáticas têm consequências desastrosas no ecossistema. O clima é um bem comum. Como tal, tudo deve ser feito no sentido de se evitar o aquecimento global do planeta. Qualquer alteração indesejável recai principalmente sobre os mais pobres. Logo, “as mudanças climáticas são um problema global com graves implicações ambientais, sociais, económicas, distributivas e políticas, constituindo atualmente um dos principais desafios para a humanidade” (*LS* § 25). Noto que se verifica uma indiferença ou falta de solidariedade para com os sofrimentos de muitos dos nossos irmãos. Nesse sentido, é preciso cuidar das necessidades dos nossos irmãos imigrantes – que buscam melhores condições de vida.

Francisco lamenta a falta de transparência por parte das autoridades que tentam mascarar os problemas ou ocultar os seus sintomas e os impactos negativos das mudanças climáticas. Por isso, fala da necessidade de desenvolver adequadas *tecnologias de acumulação* energéticas (*LS* § 26).

2.1.2. *A questão da água*

O Pontífice ajuda-nos a perceber que o esgotamento dos recursos naturais implica a existência de um desequilíbrio entre os que vivem na abundância destes recursos e os que estão privados dela. Veja-se a questão da água, por exemplo: sendo um elemento essencial, é fundamental na sustentação dos ecossistemas terrestres e aquáticos. Privar o ser humano deste elemento primordial é “negar-lhe o direito à vida radicado na sua dignidade inalienável” (*LS* §

30). Destaque-se o drama da escassez de água em África (e não só) – a falta de água potável acarreta sérias consequências, nomeadamente doenças.

No que foi dito até agora, podemos salientar algumas palavras que surgiram durante a reflexão: casa comum, mudanças; sensibilidade; ambiente; mudanças climáticas (poluição; resíduos; cultura do descarte); a terra; o clima; o bem comum; a humanidade; desenvolvimento; responsabilidade; matéria orgânica, global, migração; a água; autoridade, política; tecnologia; disponibilidade; planeta; ecossistema; alimento.

2.2. *Perda de Biodiversidade*

Há palavras-chave que nos reportam um ponto de vista positivo e outro negativo:

Positivo: Construir recursos para alimentação e cura de doenças; necessidades de prestar atenção às áreas mais ricas em variedade de espécies; todas as criaturas estão interligadas; há interdependências, um inventário cuidadoso das espécies.

Negativo: Perda de biodiversidade; milhares de espécies já não darão glória a Deus, as espécies não são apenas recursos exploráveis; está-se a substituir a beleza natural pela artificial, pelo efémero com diminuição excessiva e consequente desequilíbrio no ecossistema, e a desigualdade que afetam o resto da humanidade, presente e futuro. Tal como com a poluição por diversos fatores: desflorestamento e monoculturas, descargas industriais, o impacto ambiental, desmedido e descontrolado de muitas cidades.

No que respeita à “perda da biodiversidade”⁵, há vários pontos a considerar no sentido de evitar o agravamento da situação, como por exemplo:

- a. “Os recursos da terra estão a ser depredados também por causa de formas imediatas de entender a economia e a atividade comercial”. Verifica-se uma “perda-em-cadeia”: perda de floresta e bosques – perda de espécies. As diferentes espécies são recursos para alimentação e cura de doenças; para resolução da necessidade humana ou até problemas ambientais, pois contém genes que tal permitem (cf. *LS* § 32);
- b. “Por nossa causa, milhares de espécies já não marcam na existência”, nem “poderão comunicar-nos a sua própria mensagem”. Não temos o direito de o “fazer” (*LS* § 33);
- c. A existência da espécie; devido à atividade humana, esquece-se que as espécies não são apenas “recursos exploráveis”, mas “têm valor em si” (cf. *LS* § 33);

⁵ Filipe Duarte Santos, *Perda de biodiversidade e degradação ambiental dos ecossistemas*, «Breve análise sectorial da situação actual das alterações globais do ambiente, In Alterações Globais (os desafios e os riscos presentes e futuros), 1.ª edição: Setembro de 2012 em Lisboa, p. 92.

- d. A extinção de um mamífero/ave causa preocupação: Mas...e os micro-organismos? E as espécies pouco numerosas? Também são necessárias para o bom funcionamento dos ecossistemas (cf. *LS* § 34);
- e. A intervenção humana (...) agrava ainda a situação, como por exemplo; muitos pássaros e insetos, que desaparecem por causa dos agrotóxicos criados pela tecnologia, são úteis para a própria agricultura. O seu desaparecimento deverá ser compensado por outra intervenção tecnológica que por sua vez trará novos efeitos nocivos (*LS* § 34).
- f. Será legítimo substituir a beleza (natural) por outra “criada por nós” (*LS* § 34), efémera ou (artificial)?
- g. O impacto ambiental causado por “qualquer iniciativa económica”. A tomada de posse dos *habitats*, com a criação de estradas, com “novos cultivos, as reservas, as barragens e outras construções” (*LS* § 35);
- h. O estudo científico, não acompanha, muitas vezes, a “modalidade de crescimento das espécies”, de modo a evitar a sua diminuição excessiva e conseqüente desequilíbrio no ecossistema (*LS* § 35);
- i. É necessário uma perspectiva diferenciada para além:
 - i. Do imediato;
 - ii. Do benefício económico.
- j. “Valores que excedem todo o cálculo”. “Desigualdades” que afetam o “resto da humanidade, presente e futuro” (*LS* § 36);
- k. Necessidades de prestar atenção às “áreas mais ricas em variedade de espécies” (*LS* § 37);
- l. A Amazónia, a Bacia Fluvial do Congo (*LS* § 38);
- m. Os governos nacionais devem cumprir os seus deveres (*LS* § 38);
- n. Toda e qualquer ação sobre a natureza tem efeitos (*LS* § 41);
- o. A poluição é causada por diversos fatores:
 - i. Desflorestamento ou “diminuição da floresta tropical”⁶ e monoculturas;
 - ii. Descargas industriais;
 - iii. Métodos de pescas destrutivos – com cianeto e dinamite (cf. *LS* § 41); afeta a alimentação humana;
 - iv. Aumento de temperatura dos oceanos (cf. *LS* § 41).

⁶ Claude Allègre, *A biodiversidade*, In *Ecologia das Cidades e Ecologias dos Campos*. Artes gráficas e decoração, Lda. ISBN 972-8245-97-1. Depósito Legal n.º 9858/96, Av. João Paulo II, Lisboa (1996), p. 119.

- p. É necessário “investir muito mais na pesquisa para se entender melhor o comportamento dos ecossistemas e analisar adequadamente as diferenças variáveis do impacto de qualquer modificação importante do meio ambiente” (LS § 42);
- q. “Todas as criaturas estão interligadas” (interdependência); deve-se, portanto, reconhecer o “valor de cada uma delas” (LS § 42).

2.3. Deterioração da qualidade de Vida Humana e Degradação Social

Tendo em consideração que o ser humano é uma criatura deste mundo e tem o seu “direito de viver e de ser feliz”, mantendo uma “dignidade especial, não podemos deixar de considerar os efeitos da degradação ambiental”, sobretudo o exercício de uma cultura do descarte na vida (LS § 43).

No contexto da deterioração da vida humana e degradação social, sublinhem-se alguns pontos importantes, que nos chamam a atenção:

- a. Forte influência sobre a “vida das pessoas” (LS § 43);
- b. Crescimento “desmedido e descontrolado de muitas cidades”: o “ caos urbano” (LS § 44);
- c. Poluição: visual e acústica (Cf. LS § 44);
- d. As “grandes estruturas” gastam em excesso. Bairros “congestionados”, sem espaços verdes – privação do “contacto físico com a natureza” (LS § 44);
- e. A questão da privatização dos espaços com a criação de situações de marginalização, “os descartados da sociedade” (LS § 45);
- f. Aparecimento dos sinais de uma “silenciosa rutura dos vínculos de integração e comunhão” (LS § 46):
 - i. Os efeitos laborais provocados por algumas inovações tecnológicas;
 - ii. Desigualdade no fornecimento e no consumo de energia;
 - iii. Fragmentação social;
 - iv. Aumento da violência; novas formas de agressividade social;
 - v. Narcotráfico e consumo de drogas entre os mais jovens.
- g. As dinâmicas dos “mass media” não permitem a “capacidade de viver com sabedoria” e podem desenvolver “emoções artificiais” (LS § 47) (que afastam da *pessoa* e da *natureza*);
- h. Os meios atuais impedem o “contacto direto com a angústia a trepidação, a alegria do outro e com a complexidade da sua experiência pessoal” (LS § 47);

- i. A importância da ação dos “mass media” como agentes do *novo desenvolvimento* cultural (LS § 47);
- j. Aumento da “Insatisfação” ou “novo isolamento” nas relações interpessoais (LS § 47).

2.4. *Desigualdade planetária*

As palavras-chave mais frequentes são:

Positivas: A sensibilidade ecológica; escutar e promover um debate honesto; mudança; esperança; justiça; redução da natalidade; limites invioláveis e segura proteção dos ecossistemas; abertura de espaço e contribuição de modo a provocar um diálogo.

Negativas: Desigualdade afeta os países interiores; falta uma consciência clara perante os problemas; dívida externa dos países pobres; hábitos nocivos de consumo; a guerra causa sempre danos graves, irresponsabilidade.

No âmbito da desigualdade planetária subsistem pontos específicos que se destacam de diversas formas:

- a. O ambiente humano e natural degrada-se em conjunto. Não podemos enfrentar a degradação ambiental, sem prestarmos atenção às causas da degradação humana e social (LS § 48);
- b. Há muito a dizer, quanto à poluição da água, que afeta particularmente os mais pobres, que não têm possibilidades de comprar água engarrafada (LS § 48);
- c. O impacto dos desequilíbrios atuais manifesta-se na morte prematura de muitos pobres, nos conflitos gerados pela falta de recursos e em muitos outros problemas esquecidos das “agendas mundiais”;
- d. Falta de preocupação na busca de soluções para os problemas dos pobres e de pensar num mundo diferente. Apenas se propõe uma redução da natalidade (LS 50);
- e. Falar em desigualdade é falar na discriminação que não afeta só os indivíduos, mas países inteiros, e obriga a pensar numa ética das relações internacionais (LS § 51);
- f. O grande consumo dos países ricos causa o aquecimento do planeta que tem repercussões nos mais pobres da Terra, especialmente em África, onde o aumento da temperatura, juntamente com a seca, tem efeitos desastrosos no rendimento das culturas (LS § 51);
- g. A dívida externa dos países pobres transformou-se num instrumento de controlo, mas não se verifica o mesmo com a dívida ecológica (LS § 52).

2.5. *A Fraqueza das Relações*

Ao falar das relações, há que sublinhar também as seguintes linhas principais, a saber:

- a. Torna-se indispensável criar um sistema normativo que inclua limites invioláveis e assegure a proteção dos ecossistemas, antes que novas formas de poder (derivadas do paradigma tecnoeconómico) acabem por arrasá-los (*LS § 53*).
- b. Há demasiados interesses particulares. Com muita facilidade os interesses económicos chegam a prevalecer sobre o bem comum, manipulando a informação, para não ver afetados os seus projetos (*LS § 54*).
- c. Cresce a sensibilidade ecológica das populações mas é insuficiente para mudar hábitos nocivos do consumo, que não parecem diminuir, antes se expandem e desenvolvem (*LS § 55*);
- d. A guerra causa sempre danos graves ao meio ambiente e na riqueza cultural dos povos, e os riscos avolumam-se quando se pensa em armas nucleares e em armas biológicas (*LS § 57*);
- e. Aumenta uma ecologia superficial ou aparente, que consolida um certo torpor e alegre irresponsabilidade (*LS § 59*).

2.6. *A Diversidade de Opiniões*

Possíveis soluções (*LS § 60*):

- a. Alguns defendem o mito do progresso, afirmando que os problemas ecológicos se resolvem com novas aplicações tecnológicas;
- b. Outros pensam que o ser humano, com as suas intervenções, só pode ameaçar e comprometer o ecossistema. Essas reflexões deveriam indicar possíveis cenários, e de seguida debatê-los, pois não há apenas um caminho. Temos de abrir espaços capazes de provocar um diálogo.
- c. A Igreja não tem uma palavra definitiva sobre o assunto mas encontra-se disponível para escutar e promover um debate honesto entre os cientistas (*LS § 61*).

Perante a problemática do meio ambiente, isto é, a perda da biodiversidade, o Papa apela para uma nova compreensão da economia e da atividade comercial e da produtividade, mais interessada em fins imediatistas ou utilitaristas. A atividade humana, quando não respeita a beleza e a dignidade das criaturas, acaba por impedir que estas realizem a suas “funções” relativamente ao seu Criador (dar glória a Deus) e à criação (comunicar a sua beleza intrínseca).

No fundo, a extinção das espécies tem por responsáveis as ações do ser humano. Francisco lembra que nem sempre os estudos científicos acompanham o sentido moral. Daí a necessidade de uma perspectiva diferenciada – a mudança de mentalidade –, para além do imediato, do benefício económico, pois os danos causados excedem todo o cálculo.

Entretanto, é pertinente, investir numa educação que favoreça e melhore a compreensão do comportamento dos ecossistemas. Trata-se de uma ecologia integral, aberta a todas as realidades e não apenas à antropologia (Ecologia Superficial) (LS § 55-59)⁷. Há ainda sinais de esperança: uma crescente sensibilidade ecológica, para além de uma “ecologia superficial”, que acredita que o ser humano é capaz de fazer melhor com as suas pequenas intervenções (LS § 55-59). Porém e como se disse, perante a diversidade de opiniões e possíveis soluções é importante um diálogo interdisciplinar, onde haja espaço para a contribuição de cada um, de modo a promover e a respeitar o bem comum, pois não há apenas um só caminho. Nisto, a Igreja “escuta e promove um debate honesto entre os cientistas, respeitando a diversidade de opiniões” sem nada impor como “definitivo” (LS § 60-61).

3. O Evangelho da criação

Com o capítulo “O Evangelho da Criação” Papa Francisco dirige-se assim “a todas as pessoas de boa vontade”. O Sumo Pontífice está consciente de que “alguns, no campo da política e do pensamento, rejeitam decididamente a ideia de um Criador ou consideram-na irrelevante, a ponto de relegar para o reino do irracional a riqueza que as religiões possam oferecer para uma ecologia integral” (LS § 62). Reafirma ainda a importância de um diálogo entre a ciência e a religião.

3.1. A luz que a fé oferece

Para que se possa encontrar uma solução para resolução da crise ecológica, o Papa Francisco apela à necessidade de “recorrer também às diversas riquezas culturais dos povos, a arte e a poesia, a vida interior e a espiritualidade”. Se quisermos, de verdade, construir uma ecologia que nos permita reparar tudo o que temos destruído, então nenhum ramo das ciências

⁷«Shallow Ecology» traduz-se à letra por «Ecologia Superficial». Aqui, superficial no sentido de apenas se centrar em uma das dimensões da ecologia. Neste caso, a redução dá-se ao nível da antropologia, remetendo, implicitamente, para segundo plano, outras dimensões, como, por exemplo, a natureza, os planetas, etc.

e nenhuma forma de sabedoria pode ser transcurada, nem sequer a sabedoria religiosa com sua linguagem própria” (*LS* § 63).

Dirigindo-se naturalmente aos fiéis católicos, e retomando as palavras de São João Paulo II, afirma que “os cristãos, em particular, advertem que a sua tarefa no seio da criação e os seus deveres em relação à natureza e ao criador fazem parte da sua fé”⁸, acrescentando ser importante para a humanidade e para o mundo, “que nós, crentes, conheçamos melhor os compromissos ecológicos que brotam das nossas convicções”(*LS* § 64).

3.2. Sabedoria das narrações bíblicas

A Bíblia ensina que “cada ser humano é criado por amor, feito à imagem e semelhança de Deus” (Cf. Gn 1,26). Esta afirmação mostra-nos a imensa dignidade de cada pessoa humana, que não é somente alguma coisa, mas alguém. É capaz de se conhecer, de possuir e livremente dar e entrar em comunhão com outras pessoas.⁹

O Criador pode dizer a cada um de nós: “antes de te haver formado no ventre materno, eu já te conhecia” (Jr 1,5). Fomos concebidos no coração de Deus e, por isso, “cada um de nós é um fruto dum pensamento de Deus. Cada um de nós é querido, cada um de nós é amado, cada um é necessário”¹⁰.

O Papa Francisco diz-nos que a existência humana se baseia em três pilares fundamentais: as relações com Deus, com o próximo, e com a Terra. Por sua vez é notável o rompimento da harmonia quebrada entre o criador e a humanidade e o seu impacto na “harmonia entre o criador, a humanidade e toda a criação foi destruída, por termos pretendido ocupar o lugar de Deus, recusando reconhecer-nos como criaturas limitadas” (*LS* § 66) à terra.

O Pontífice lembra-nos que os textos bíblicos nos lançam o convite a “cultivar e guardar o jardim do mundo”, tendo em conta que isto implica uma relação de “reciprocidade responsável entre o ser humano e a natureza” (*LS* § 68). Contudo, esta responsabilidade para com uma terra, que também é de Deus, implica que o ser humano, dotado de inteligência, respeite as suas leis dela e os delicados equilíbrios entre os seres nela existentes.

Neste sentido devemos fazer um uso responsável das coisas. Somos chamados a reconhecer que os outros seres vivos têm valor próprio diante de Deus, só pelo facto de existirem. Por isso, eles O bendizem e Lhe dão glória, porque “o Senhor se alegra em suas obras” (Sl 104/103, 31).

⁸ Cf. João Paulo II, “Mensagem para o dia Mundial da Paz,” *AAS* 82 n° 15 (1990).

⁹ Cf. Catecismo da Igreja Católica, (Coimbra: ed. Gráfica de Coimbra, 2001).

¹⁰ Bento XVI, “Homilia no início solene do Ministério Petriano,” *AAS* 97 (24 de abril de 2005), 711. Edição portuguesa de *L'Osservatore Romano* de 23/XI/1980.

Como se vê, o ser humano é chamado a respeitar a criação com as suas leis internas, pois, o Senhor fundou a terra com a sua sabedoria. O Papa Francisco chama atenção para o “descuido no compromisso de manter um correto relacionamento com o próximo, perante o qual sou devedor duma atitude de solicitude e custódia, pondo em causa o relacionamento interno “comigo mesmo, com os outros, com Deus e com a terra” (LS § 70).

O Papa Francisco encaminha-nos para a misericórdia de Deus. Ele “decidiu abrir um caminho de salvação através de Noé”, que ainda se mantinha “íntegro e justo”. A tradição bíblica estabelece claramente que esta reabilitação implica “a redescoberta e o respeito” dos ritmos inscritos na natureza pela “mão do Criador” (LS § 71).

Os salmos convidam não só o ser humano a louvar o Senhor mas também “convidam” todas as criaturas, porque “existimos não só pelo poder de Deus, mas também na sua presença e companhia” (LS § 72).

A experiência do cativo na Babilónia gerou uma crise espiritual que conduziu a um aprofundamento da fé em Deus, “explicitando a sua onipotência criadora, para animar o povo a recuperar a esperança no meio da sua situação infeliz” (LS § 74).

Este parágrafo reafirma uma espiritualidade da presença de um Deus onipotente e criador: “não podemos defender uma espiritualidade que esqueça Deus todo-Poderoso e criador” (LS § 75).

4. A mensagem de cada criatura na harmonia da criação

Todo o universo material é uma linguagem do amor de Deus, do seu carinho sem medida por nós: “o sol, a água, as montanhas, tudo é carícia de Deus”(LS § 84).

O facto de insistir na afirmação de que o ser humano é imagem de Deus força-nos a dizer que cada criatura tem uma função própria, e nenhuma é supérflua.

Quem cresceu no meio de montes, quem na infância se sentava junto do riacho a beber, ou quem jogava numa praça do seu bairro, quando volta a esses lugares sente-se chamado a reviver e recuperar a sua própria identidade (LS § 84).

Para o crente, contemplar a criação significa também escutar uma mensagem, ouvir uma voz paradoxal e silenciosa.¹¹

Neste ponto, o Papa apela a que sejamos fiéis à nossa missão como cocriadores, agindo de forma que as nossas ações sejam como espelho que reflete o amor de Deus criador. Como

¹¹ Cf. João Paulo II, *Catequese, Insegnamenti* 24/1 n.º 8 (2001). Edição portuguesa de *L'Osservatore Romano* de 20 de janeiro de 2001.

criaturas somos chamados a amar. Esse amor não se limita ao ser humano; é abrangente a todas as criaturas.

Para tanto, é preciso enveredar por uma nova cultura do amor,¹² cultura que leve a uma mudança do paradigma de destruição da terra, para que a natureza possa continuar a ser evangelho vivo e, não se torne manipulação de seres egoístas.

5. O olhar de Jesus

Em colóquio com os seus discípulos, Jesus convidava-os a reconhecer a relação paterna de Deus para com as criaturas e recordava-lhes, com comovente ternura, como cada uma delas era importante aos olhos d'Ele (*LS* § 96).

O contributo que a encíclica oferece reside essencialmente neste capítulo. É o ponto onde se nota o maior contraste entre o Magistério da Igreja Católica e o pensamento ecologista dominante, ou seja o da chamada ecologia humana pensada a partir do seu Criador. Reforça-se a importância do diálogo entre a ciência e a religião, porque ambas beneficiam das riquezas uma da outra, favorecendo uma ecologia integral (*LS* § 62). Afirma que nenhum dos dois ramos (ciência e religião) pode ser transcurado, já que a Igreja, aberta ao diálogo com o pensamento filosófico, faz sua síntese entre a fé e a razão (*LS* § 63). Assim, os cristãos em particular e todos os crentes encontram “motivações elevadas para cuidar da natureza e dos irmãos e irmãs mais frágeis” (*LS* § 64).

O Pontífice relendo as narrativas da Bíblia, oferece uma visão global da tradição judaico-cristã. Reconhece a dignidade de cada ser humano criado à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1,26) e faz eco das palavras dos seus predecessores: São João Paulo II – o amor que o Criador tem por cada ser humano “confere-lhe uma dignidade infinita”¹³; e o Papa Bento XVI sublinha esta dignidade como fruto do pensamento de Deus. Porém estas situações mostram a responsabilidade do ser humano diante da criação e apontam as três relações fundamentais intimamente ligadas: as relações com Deus, com o próximo e com a terra. De facto, estas implicam que o ser humano dotado de inteligência seja capaz de “cultivar e guardar” a terra, respeitando os equilíbrios entre os seres deste mundo, isto é, reconhecendo o valor intrínseco de cada criatura.

No que se refere à harmonia e à comunhão universal, Francisco apela a que sejamos fiéis à nossa missão como ‘cocriadores’, agindo de tal forma que as nossas ações sejam um

¹² Meadows e outros, “Más allá de los límites,” (1992) acessado a 21/12/2019, <http://servicioskoinonia.org/relat/392.htm>.

¹³ Papa João Paulo II, “Angelus com os inválidos em Osnabrück, Alemanha,” (16 de novembro de 1980), in *Chave de leitura para o aprofundamento e aplicação da encíclica Louvado Sejas*, § 17.

espelho que reflete o amor de Deus que criou o céu e a terra. Como criatura de Deus, somos chamados a amar, porém, esse amor não se limita ao ser humano, mas estende-se a todas as criaturas. Na verdade, o ser humano tem que se deixar interpelar por uma cultura do amor, que o leve a mudar o paradigma da destruição da terra, para que a natureza possa continuar a ser um evangelho vivo e não resultado de manipulação de seres egoístas (LS § 84).

Francisco sublinha a importância do bem comum ao serviço de todos. Isto implica ter um olhar de Jesus, capaz de contemplar a beleza da criação, que reflete o amor que Jesus tem por nós; não só por nós, seres humanos, mas também para com as outras coisas criadas, como os pássaros, os lírios, etc., Deus vive em plena harmonia com toda criação. Tendo em conta que o destino da Criação inteira passa pelo mistério de Cristo, nela está presente desde a origem: “Todas as coisas foram criadas por Ele e para Ele”.

6. A raiz humana da crise ecológica

Uma das questões tratadas pelo Papa Francisco na sua encíclica *Laudato Si'* é a raiz humana da crise ecológica. No mundo atual há um modo desordenado de conceber a vida e ação do ser humano que contradiz a realidade até ao ponto de a arruinar (LS § 101). O Papa refere e faz o convite a que todos se concentrem no “paradigma tecnocrático” (LS § 101).

6.1. A Tecnologia: criatividade e poder

A técnica permite dominar a matéria, poupar fadigas, melhorar condições de vida do ser humano, porém, ela oferece um poder tremendo “àquele que detêm o conhecimento e sobretudo o poder económico para o desfrutar, um domínio impressionante sobre o conjunto do género humano e do mundo inteiro” (LS § 102-104). São precisamente as lógicas de domínio tecnocrático que levam a destruir a natureza e explorar as pessoas e as populações mais vulneráveis. “O crescimento tecnológico” não foi acompanhado por um desenvolvimento correspondente do ser humano, quanto à responsabilidade, à ética. É esta a razão pela qual “cresce continuamente a possibilidade do homem e da mulher fazer em mau uso do seu poder” (LS § 105).

6.2. *A globalização do paradigma tecnocrática*

Neste paradigma, sobressai uma concepção do sujeito que no processo lógico-racional, progressivamente, compreende e se apropria do objeto que se encontra fora (LS § 106). Na verdade, o Papa alerta para o “abuso” do poder, que a tecnologia pode favorecer no campo político. Por isso, é preciso estar atento a tais abusos. Mas o Papa pede ainda que seja evitada “a globalização do paradigma tecnocrático”. É o que ele explica, agora:

“Não se consegue pensar que seja possível sustentar outro paradigma cultural e servir-se da técnica como mero instrumento, porque hoje o paradigma tecnocrático tornou-se tão dominante que é muito difícil prescindir dos seus recursos, e mais difícil ainda é utilizá-los, sem ser dominados pela sua lógica. Tornou-se anti-cultural a escolha de um estilo de vida, cujos objetivos possam ser, pelo menos em parte, independentes da técnica, dos seus custos e do seu poder globalizante. Com efeito, a técnica tem tendência a fazer com que nada fique fora da sua lógica férrea, e ‘o homem que é o seu protagonista sabe que, em última análise, não se trata de utilidade nem de bem-estar, mas de domínio; domínio no sentido extremo da palavra’. Por isso, ‘procura controlar os elementos da natureza e, conjuntamente, os da existência humana’. Reduzem-se assim a capacidade de decisão, a liberdade mais genuína e o espaço para a criatividade alternativa dos indivíduos” (LS § 108).

Isto quer dizer que a tecnologia não pode ser utilizada como uma lógica de poder, de dominação, mas ser um meio ao serviço da promoção da vida, em todos os seus aspetos, em favor da dignidade da pessoa humana. E Francisco ressalta: o paradigma tecnocrático tende a exercer o seu domínio também sobre a economia e a política. A economia assume todo o desenvolvimento tecnológico em função do lucro, sem prestar atenção a eventuais consequências negativas para o ser humano (LS § 109).

Por isso, o Papa Francisco acentua a sua crítica ao capitalismo e ao mercado, criticando a lógica de consumismo. A tecnologia não se pode perverter num abuso de poder, mas ser instrumento concreto de ação, de políticas públicas que favoreçam, particularmente os mais fragilizados da sociedade.

Perante estas questões torna-se urgente uma “revolução cultural” para olhar a realidade de outra forma.

Há aqui palavras-chave que dizem respeito à *Crise do antropocentrismo moderno e suas consequências* (LS § 115-136):

Negativas: Antropocentrismo moderno; esquizofrenia permanente; biocentrismo; degradação ambiental e social; exaltação tecnocrática; patologia; o relativismo prático; debilita-se o valor intrínseco do mundo; antropocentrismo desordenado; poder humano sem limites.

Positivas: Experimentação; progresso; dom; economia; administração responsável; cuidado; trabalho; ética; bem comum; desenvolvimento; criatividade.

6.3. *A crise ecológica é uma crise de família*

A atual “crise ecológica” é consequência natural da nossa “mentalidade e do nosso comportamento”, e a legislação não é suficiente para a vencer. É necessário um compromisso ecológico generoso, apenas possível quando cultivarmos as relações familiares e as sólidas virtudes, isso é, quando recuperarmos os diversos níveis do equilíbrio ecológico: “a dimensão de cada um consigo mesmo, o solidário com os outros, o natural com os seres vivos, e o espiritual com Deus”¹⁴.

O conceito de família ajuda a entender a relação que existe entre todos os seres. E ajuda também a ampliar o conceito de solidariedade, de modo que a busca da igualdade ande acompanhada pelo respeito da diversidade. Somos diferentes, mas somos irmãos, membros da única família cósmica e habitantes na mesma casa comum.

Ao dizer “a crise ecológica”¹⁵ como uma crise de família, quer dizer, uma rutura a nível global das relações gratuitas, fraternas e afetuosas que caracterizam a vida familiar. Para superar esta crise, é necessário restabelecer o tipo de relacionalmente misteriosos que costumamos ter em casa durante a infância, o qual nos ajuda a descobrir o verdadeiro rosto do Pai celeste.¹⁶

6.4. *Crise do antropocentrismo moderno e suas consequências*

No relacionamento com a crise do antropocentrismo moderno e suas consequências há também os seguintes pontos que sublinho:

- a. “O relativismo prático” (LS § 122-123);
- b. A necessidade de defender o trabalho (LS § 124-129);
- c. A inovação biológica a partir da pesquisa (LS § 130-136);

¹⁴ Martín Carbajo Núñez, *Tudo está conectado: Ecologia integral e comunicação na era digital* (Braga: Editorial Franciscana, 2020), 33.

¹⁵ Leonardo Boff, *A crise ecológica: A perda da re-ligação*, «Ecologia, grito da terra, grito dos pobres» (São Paulo: Editora Ática, 1999), 101.

¹⁶ Núñez, *Tudo está conectado*, 35.

- i. O “antropocentrismo moderno” que coloca a razão técnica acima da realidade e, assim, o ser humano vê a natureza “como espaço e matéria onde realizar uma obra em que se imerge completamente, sem se importar com o que possa suceder” (*LS* § 115);
 - ii. Enfraquecimento do “valor intrínseco do mundo”. O ser humano, não (re)descobrendo o seu verdadeiro lugar, contradiz a sua realidade. A par disto, é oportuno lembrar que o homem é “dom de Deus” (*LS* § 115);
 - iii. Nos dias de hoje, o “antropocentrismo apresenta-se com nova roupagem”, continua a boicotando as tentativas de reforço dos laços (*LS* § 116).
 - iv. É necessário compreender os “limites que a realidade impõe”. Só assim se consegue um desenvolvimento humano e social profícuo (*LS* § 116);
 - v. O conceito de ser humano como “Senhor do universo” e de “administrador responsável” (*LS* § 116);
 - vi. A “esquizofrenia permanente” acontece quando não se reconhece nos outros seres valor próprio – consequência da “exaltação tecnocrática” (*LS* § 118);
- d. “Não há ecologia sem antropologia”. Contudo, um “antropocentrismo desordenado” não deve ser substituído por um “biocentrismo” (*LS* § 118);
- i. Sendo a “crise ecológica” resultado da “crise ética, cultural e espiritual” da modernidade, é necessário, “curar todas as relações humanas fundamentais”. Não se pode propor uma relação com o ambiente, sem a “relação com outras pessoas e com Deus” (*LS* § 119). Também não é compatível a defesa da natureza tentando a justificação do aborto (*LS* § 120).

6.5. *O relativismo prático*

No relativismo prático há 4 vertentes a compreender:

- a. “Relativismo prático” – Põe-se no centro o ser humano e dando-se prioridade absoluta aos “seus interesses” (*LS* § 122);
- b. “Degradação ambiental e social” resulta da “exaltação tecnocrática” e da adoração do “poder humano sem limites” (*LS* § 122);
- c. A “cultura do relativismo” (enquanto “patologia”) impele uma pessoa a aproveitar-se de outra e a tratá-la como mero objeto “trabalhos forçados, escravidão, exploração, abandono...” (*LS* § 123);

- d. Os “programas políticos ou as leis” insuficientes para evitar “comportamentos que afetam o meio ambiente” (LS § 123).

6.6. *A necessidade de defender o trabalho*

Ideias principais para promover a importância do trabalho:

- a. Uma “ecologia integral” que não exclui o ser humano, e o seu “valor do trabalho”¹⁷;
- b. Segundo o Génesis “o Senhor Deus levou o homem e colocou-o no jardim do Éden, para o “cultivar” e o “guardar” (Gn 2,15). Portanto, Deus colocou o homem no jardim não apenas para cuidar do que já existia (guardar), conservar, mas também para “trabalhar”, desenvolver (cultivar) (LS § 124);
- c. O homem é convidado a “colocar-se como instrumento de Deus para ajudar a fazer desabrochar evoluir as potencialidades que Ele mesmo inseriu nas coisas” (LS § 124);
- d. Qual é o sentido e finalidade da ação humana sobre a realidade? (LS § 125-126).
 - i. Num primeiro momento (tradição monástica) procurava-se a fuga do mundo, afastando-se da decadência urbana;
 - ii. Mais tarde, Bento de Núrsia uniu oração e estudo ao trabalho manual (*Ora et labora*).
- e. Acima de qualquer interesse limitado das empresas ou de uma racionalidade económica, deve-se tornar prioritário o “acesso ao trabalho para todos” (LS § 127);
- f. Todos “somos chamados ao trabalho desde a nossa criação” (LS § 128). Por isso, não se pode permitir que o progresso tecnológico substitua o trabalho humano;
- g. O “trabalho” é uma “necessidade” e potencial para a “maturidade”, o “desenvolvimento humano” e a “realização pessoal” (LS § 128);
- h. A “orientação económica” favoreceu um tipo de “progresso tecnológico” “reduzindo os custos de produção”, economia das forças humanas e dos postos de trabalho (homem e mulher são substituídos pela máquina) (LS § 128);
- i. “Para se dar emprego é indispensável uma diversificação produtiva e criatividade empresarial” (LS § 129);

¹⁷ Cf. João Paulo II, “Carta Encíclica *Laborem Exercens*,” AAS 73 n.º 9 (1981).

- j. Para uma benéfica “liberdade económica da qual todos beneficiem”, é necessário pôr “limites” aos detentores dos “maiores recursos e poder financeiro” (*LS* § 129).

6.7. *Quanto à inovação biológica a partir da pesquisa*, recorde-se que:

- a. As “experimentações sobre os animais só são legítimas desde que não ultrapassem os limites do razoável e contribuam para curar ou poupar vidas humanas”¹⁸;
- b. O “poder humano tem limites” (*LS* § 132): “não é possível travar a criatividade humana” (*LS* § 132). Contudo, é contrário à liberdade humana “fazer sofrer os animais” e “dispor indiscriminadamente das suas vidas”¹⁹;
- c. É legítima uma “intervenção na natureza” que desenvolva a linha “querida por Deus” (*LS* § 133);
- d. Não é fácil emitir um juízo acerca do desenvolvimento de Organismos Modificados Geneticamente (OMG) para fins medicinais ou agropecuários, “por serem muito diferentes entre si e requer distintas considerações” (*LS* § 133).

Sobre este ponto, o Pontífice evoca a raiz humana da crise ecológica e o modo desordenado de conceber a vida e a ação do ser humano. Centra a sua reflexão no paradigma tecnocrático dominante, no lugar que ocupa nele o ser humano e a sua ação no mundo. Enumera quão pertinente é o desenvolvimento da tecnologia para toda humanidade. Mostra o seu descontentamento relativamente ao mau uso do poder por parte do Homem, pela globalização do paradigma tecnocrático. Ele critica a supervalorização da ciência, sem o contributo dos outros saberes, como a Filosofia e a Ética social, concebendo a vida como elemento condicionado pela técnica (*LS* § 114), e a natureza como espaço e matéria onde se age sem se preocupar com consequências dessas ações (*LS* § 115).

A resposta ao problema do desequilíbrio ecológico não pretende uma solução imediata e parcial, mas antes repensar o estilo de vida de toda a realidade ambiental. O Papa alimenta uma esperança, ao acreditar que a liberdade humana é capaz de limitar, orientar e colocar a técnica ao serviço do progresso, que promove a dignidade do ser humano. Convida-nos a buscar sempre o sentido mais profundo de tudo que nos motiva a avançar corajosamente.

Embora seja permitido ao ser humano intervir no mundo vegetal e animal e usando-o quando necessário, as experimentações sobre animais só são legítimas desde que não

¹⁸ Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, citado em *LS* § 130.

¹⁹ Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, citado em *LS* § 133.

ultrapassem os limites do razoável e contribuam para curar ou poupar vidas humanas (Cf. CIC 2417 citado em *LS* §130). Em jeito de balanço, é necessária uma atenção constante que considere todos os aspetos éticos; assegurar um debate científico e social que seja responsável e amplo; colocar “sobre a mesa” todas as informações sem estar envolvidas em interesses; abrir espaço para um debate, onde os abrangidos possam expor as suas problemáticas; procurar o bem comum presente e futuro e tendo em conta todos os aspetos em relação à questão da OMG (*LS* § 135-1).

7. Uma ecologia integral

Palavras-chave: Ecologia integral; Ecologia ambiental, ecologia económica, ecologia social, relação, ser humano, meio ambiente, sociedade, cultura, história, dignidade humana; o (respeito pelo corpo), ecologia humana: a vida do ser humano com a lei inscrita na sua própria natureza.

Proposta: refletir sobre os diferentes elementos da ecologia integral e isto implica dimensões humanas e sociais.

7.1. Ecologia ambiental, economia e social

O papel da ecologia é estudar as relações entre os organismos vivos e o meio ambiente onde se desenvolvem. Contudo, exige “pensar e discutir acerca das condições de vida e de sobrevivência de uma sociedade do qual fazemos parte. Assim como, precisar de que modo as espécies vivas do Planeta se relacionam entre si” (*LS* § 138).

O meio ambiente é a “relação entre a natureza e a sociedade que a habita” (*LS* § 138). Ora, “a natureza” não deve ser considerada como algo isolado de nós, uma vez que estamos “envolvidos nela” (*LS* § 139), fazemos parte dela.

Deste modo, não podemos considerar duas crises separadas “ambiente e social”, mas uma única: “socio-ambiental” (*LS* § 139). A solução para combater esta crise consiste em combater a pobreza, devolvendo a dignidade e, ao mesmo tempo, cuidar da natureza.

Cada organismo é bom e admirável em si mesmo, enquanto é criatura de Deus (valor intrínseco); do mesmo modo, também o “conjunto harmónico de organismos num determinado espaço, funcionado como um sistema”, também o é. Entretanto, dependemos deste “conjunto para a nossa própria existência” (*LS* § 140).

Os seres humanos devem tomar consciência desta relação (social e natureza) e assim perceber que “vivemos e agimos a partir duma realidade que nos foi previamente dada, que é anterior às nossas capacidades e à nossa existência”. Assim, o “uso sustentável” tem sempre em conta “a capacidade regenerativa de cada ecossistema” (LS § 140).

Atualmente, ao analisarmos os problemas ambientais, devemos também analisar os contextos humanos, sociais, etc. Há uma relação “entre os ecossistemas” e “entre os diferentes mundos de referência social” (LS § 141).

A “ecologia social” alcança as diferentes dimensões, que vão desde “um grupo social primário, a família”, até à vida internacional, passando pela “comunidade local e a nação”. Tudo o que danifica estes grupos tem consequências terríveis, como por exemplo, a violência, a perda de liberdade, injustiças, etc. Deste modo, o que acontece numa determinada região, influencia; direta ou indiretamente, outra região (LS § 141).

7.2. Ecologia do domínio e da cultura do descartar

O dualismo ôntico e ontológico alimentaram a lógica de domínio, o “antropocentrismo despótico e a cultura de descartar”. Até mesmo “os direitos humanos foram reduzidos a meras barreiras defensivas para proteger dos demais lobos humanos”, em vez de serem considerados como meios para valorizar “a nossa natural capacidade de doação”²⁰.

Um consumismo exacerbado reduz tudo à irrelevância, a simples produtos a usar e deitar fora. Tanto os seres humanos excluídos como as coisas, rapidamente se transformam em lixo (LS § 47). Chegou-se assim à cultura do descartar e a uma forma individualista de entender as relações pessoais e comunitárias.

A encíclica fala também na questão do património histórico, artístico e cultural que se encontra ameaçado. A cultura faz parte de uma identidade comum de um lugar.

Deste modo, a ecologia engloba o cuidado das riquezas culturais da humanidade, pedindo que se esteja atento, às “culturas locais” relativamente às questões relacionadas com o “meio ambiente”.

Não é possível, portanto, excluir a cultura, quando se pensa na relação do “ser humano com o meio ambiente” (LS § 143); como “a vida e o mundo, são dinâmicos, assim também o cuidado do mundo deve ser flexível e dinâmico” (LS § 144).

²⁰ Núñez, *Tudo está conectado*, 47.

7.3. *Ecologia da vida quotidiana*

Os ambientes onde vivemos influem sobre “a nossa maneira de ver a vida, de sentir e agir”. Ao mesmo tempo, “no nosso quarto, na nossa casa, no nosso lugar de trabalho ou no nosso bairro, usamos o ambiente para exprimir a nossa identidade” (*LS* § 147).

Há necessidades: cuidar dos espaços comuns (quer sejam urbanos ou rurais) uma vez que melhoram o nosso “sentimento de estar em casa, dentro da cidade que nos envolve e une”. Os diferentes “grupos” que envolvem “uma cidade” devem estar bem integrados “uns com os outros”. Com esta integração, os outros deixam de ser estranhos e podemos sentir como “parte de nós que construímos juntos” (*LS* § 151).

Atualmente, em várias partes do mundo, a falta de habitação é muito elevada, verificando-se tanto em áreas rurais como em áreas urbanas. Isto infere com a “dignidade humana e com o desenvolvimento das famílias”. Esta é “uma questão central da ecologia humana” (*LS* § 152).

O reconhecimento da “dignidade” peculiar do ser humano contrasta frequentemente com a “vida caótica que têm de fazer as pessoas nas nossas cidades” (*LS* § 154).

A ecologia humana está relacionada com “a vida do ser humano, com a lei moral inscrita na sua própria natureza”. É através do nosso corpo que estamos em relação com o meio ambiente e com os outros seres vivos. Para isto, é importante “aprender a aceitar o próprio corpo, cuidar dele, e respeitar os seus significados, o que é essencial para uma verdadeira ecologia humana” (*LS* § 155).

7.4. *O princípio do bem comum*

A ecologia humana é inseparável da noção de bem comum, e este deve ser entendido de modo concreto (*LS* § 156-157):

- a. Respeito pela pessoa humana, reconhecendo-lhe direitos às condições para o seu desenvolvimento integral;
- b. Aplicação do princípio de subsidiariedade aos grupos sociais, sobretudo à família “célula basilar da sociedade” (*LS* § 157);
- c. Paz social – atenção à justiça distributiva.

Estes princípios contrastam com as desigualdades da sociedade atual onde a aplicação do princípio do bem comum, como “apelo à solidariedade e uma opção preferencial pelos mais pobres”, se torna urgente. Esta, além de ser uma exigência ética, é uma exigência de fé, que nos leva a “contemplar a imensa dignidade do pobre” (*LS* § 158).

8. Justiça integral

Sobre a lógica do dom gratuito, na dignidade que está em jogo e na deterioração ecológica, podemos vê-lo nos três seguintes pontos:

- a. A casa comum em que vivemos deve ser entendida na “lógica do Dom gratuito, que recebemos e comunicamos”. Esta não é a lógica do utilitarismo ou da produtividade, mas uma questão de justiça para com as gerações vindouras. O ambiente “é um empréstimo que cada geração recebe e deve transmitir à geração seguinte” (*LS* § 159), esta é a amplitude da ecologia integral;
- b. Questionar-nos sobre “que tipo de mundo queremos deixar a quem nos vai suceder”, tem implicações mais amplas do que apenas o meio ambiente. “Devemos ter a coragem de nos colocarmos questões mais profundas”, sobre o “sentido da nossa passagem pela terra”, na certeza de que é a “nossa dignidade que está em jogo” (*LS* § 160), alerta-nos o Papa Francisco;
- c. A “deterioração ética e cultural, que acompanha a deterioração ecológica” impede-nos de pensar nas futuras gerações. Na sua base está “o Homem pós-moderno que se caracteriza por ser” (*LS* § 162): profundamente individualista, que busca a satisfação imediata, não respeita os laços familiares e sociais, tem dificuldade em reconhecer o outro; vive num consumo excessivo e míope.

Estas características, impedem-nos de ser solidários não só com as gerações futuras, mas até mesmo com a nossa própria geração,²¹ assim, é difícil reconhecer o pobre que vive ao nosso lado.

Porque é necessária uma ecologia económica? Esta ecologia económica é capaz de induzir a considerar a realidade de uma forma mais ampla”, ou seja, perceber que “a proteção do meio ambiente” deve-se a uma componente no “processo de desenvolvimento”²².

Na mesma perspetiva, os patrimónios histórico, artístico e cultural encontram-se ameaçados. Ora, a cultura faz parte da identidade comum de um lugar. Portanto, a “ecologia engloba o cuidado das riquezas culturais da humanidade”, pedindo que se esteja atento às “culturas locais”, relativamente a questões relacionadas com o meio ambiente. De facto, não é possível excluir a cultura quando se pensa na relação do ser humano com o meio ambiente.

²¹ Cf. Bento XVI, “Mensagem para o dia Mundial da Paz de 2010,” *AAS* 102 n.º 8 (2010).

²² Conferencia das Nações Unidas sobre ambiente e o Desenvolvimento, Rio de Janeiro, “Declaração do rio sobre o ambiente e desenvolvimento”, (3-14 de Junho de 1992), acedido a 17/02/2020, https://apambiente.pt/_zdata/Políticas/DesenvolvimentoSustentavel/1992_Declaracao_Rio.pdf.

“Como a vida e o mundo são dinâmicos, assim também o cuidado do mundo deve ser flexível e dinâmico” (*LS* § 144), refere Francisco. É importante que os diferentes grupos que envolvem uma cidade estejam bem integrados uns nos outros; assim ninguém é excluído, mas sente-se parte do “nós” que se constrói em conjunto. A ecologia humana implica uma “relação necessária da vida do ser humano com a lei moral inscrita na sua própria natureza” (*LS* § 155). A verdadeira ecologia humana insiste-se pela sua importância, inclui o cuidado e aceitação do corpo, porque é através dele que nos relacionamos com o ambiente (*LS* § 155).

A ecologia humana é inseparável da noção de bem comum, e este deve ser entendido de modo concreto, com respeito pela pessoa humana, reconhecendo-lhe direito às condições para o seu desenvolvimento integral; aplicação do princípio de subsidiariedade aos grupos sociais, sobretudo à família. Esta, além de ser uma exigência ética, é uma exigência de fé, que nos leva a “contemplar a imensa dignidade do pobre” (*LS* § 158). A casa comum em que vivemos deve ser entendida na “lógica do dom gratuito, que recebemos e comunicamos” (*LS* § 158), e não do utilitarismo ou da produtividade efêmera, que asseguramos, mas uma questão de justiça para com as gerações vindouras.

9. Algumas linhas de orientação e ação

Para a situação atual da humanidade, apontam-se percursos de diálogo para sair da espiral de autodestruição em que nos fundamos (*LS* § 163). A saber: diálogo sobre o meio ambiente, na política internacional; para novas políticas nacionais e locais; diálogo e transparência nos processos decisórios da política e economia, no sentido de promover a plenitude humana. A construção destes caminhos concretos não será encarada de modo ideológico, superficial ou reducionista. A este nível, o desenvolvimento tecnológico envergonha-nos, uma vez que a mesma inteligência humana que fez tantos avanços a nível tecnológico, não é capaz de encontrar de forma eficaz um processo de gestão internacional para resolver os problemas ambientais e sociais (*LS* § 164).

Por isso, o Papa mostra-se severo sobre as dinâmicas internacionais recentes: “as cimeiras mundiais sobre o meio ambiente dos últimos anos não corresponderam às expectativas, porque não alcançaram, por falta de decisão política, acordos ambientais realmente significativos e eficazes” (*LS* § 166). E não esquece também as posições de alguns países que impedem os avanços, porque colocam os seus interesses acima do bem comum. Portanto, a lógica que impede a tomada de decisões, ao nível da redução do aquecimento global, é a mesma que não permite erradicar a pobreza. Na realidade, urge uma “reação global” (*LS* § 175) que não deixe a dimensão económico-financeira prevalecer sobre a política.

Instituindo sobre a urgência de medidas a nível internacional, o Papa Francisco olha para a dimensão nacional e considera a necessidade de cada Estado “planificar, coordenar, vigiar e sancionar dentro do respetivo território” (LS § 177), para uma maior atenção à prevenção, que ajude na criação das boas práticas. Na mente do Papa, as mudanças serão possíveis unicamente quando existir uma assunção das responsabilidades que envolva as instâncias locais e os cidadãos e que possam vir a ter participação e controlo no poder político, superando os partidarismos e alternâncias no governo, com reformas das instituições (LS § 179-181).

Importa que, antes da aplicação de um projeto, se considere um estudo do impacto ambiental, não unicamente em termo geológico e biológico mas considerando também os diferentes cenários e os diferentes atores sociais (científicos, políticos, laborais, moradores locais), evitando que a corrupção suprima a transparência (LS § 182-183). Segundo o Papa, é preciso estabelecer um diálogo para que, nem a economia, nem a técnica dominem a política. Na opinião do Papa, a oportunidade da crise não foi aproveitada para “uma regulamentação da atividade financeira especulativa e da riqueza virtual” (LS § 189).

Urge, portanto, praticar uma saudável austeridade, como já foi sugerido por Bento XVI numa crítica ao modelo do desenvolvimento, num convite a olhar para a criação relatada no Génesis e chamando para a responsabilidade e solidariedade entre gerações.²³ Desta maneira, propõe uma política que seja “capaz de promover uma reformulação integral, abrangendo um diálogo interdisciplinar dos vários aspetos da crise” (LS § 197) para preservar o meio ambiente e os mais fracos.

10. Educação e espiritualidade ecológica

No âmbito da questão educacional e espiritual ecológica, temos o dever de acertar o próprio caminho, mas acima de tudo é “a humanidade que precisa de mudar”. Mudar a consciência dum a origem comum, “duma recíproca pertença e dum futuro partilhado por todos”. Portanto, “esta consciência basilar permitiria o desenvolvimento de novas convicções, atitudes e estilos de vida. Surge assim, um grande desafio cultural, espiritual e educativo que implicará longos processos de regeneração” (LS § 202).

10.1. Um outro estilo de vida e algumas linhas orientadoras:

- a. O mercado tende a criar um mecanismo consumista compulsivo para vender os seus produtos. “Está a acontecer aquilo que assinalava Romano Guardini:

²³ Cf. Bento XVI, “Mensagem,” (2010) nº 5-9.

o ser humano aceita os objetos comuns e as formas habituais da vida como lhe são impostos pelos planos nacionais e pelos produtos fabricados em série e, em geral, agem assim com impressão de que tudo isto seja razoável” (*LS* § 203);

- b. O mundo de hoje “gera um sentido de precariedade e insegurança, que por sua vez, favorece formas de egoísmo coletivo”²⁴. Quando as pessoas se tornam autorreferenciais e se isolam na própria consciência, aumentam o seu egoísmo voraz (*LS* § 204);
- c. Os seres humanos que conhecem a degradação são também capazes de olhar para si mesmos e começar a trilhar novos caminhos rumo à liberdade. Não há sistemas que anulem a abertura ao bem, à verdade e à beleza, nem a capacidade de reagir, que Deus continua a estimular no mais fundo dos nossos corações (*LS* § 205);
- d. Mudar o atual estilo insustentável de vida pode equivaler a uma pressão positiva sobre quantos detêm o poder político, económico e social, pois quando os hábitos da sociedade afetam os ganhos das empresas, estas vêm-se pressionadas a mudar a produção. O que remete para a responsabilidade social dos consumidores. “Comprar é sempre um ato moral, para além de económico”²⁵. Por isso, hoje “o tema da degradação ambiental põe e questiona os comportamentos de cada um de nós”²⁶;
- e. A *Carta da Terra* convida a todos a começar de novo deixando a autodestruição... “Que o nosso destino comum seja um novo início que se recorde pelo despertar duma nova reverência face à vida, pela firme resolução de alcançar a sustentabilidade, pela intensificação da luta em prol da justiça e da paz e pela jubilosa celebração da vida”²⁷;
- f. Sair de si rumo ao outro é sempre possível. Não fazê-lo é recusar reconhecer o valor das outras criaturas, desviar o olhar do sofrimento ou a degradação presente. Só superando o individualismo, podemos, de facto, desenvolver um estilo de vida alternativo e contribuir para uma mudança na sociedade.

²⁴ Cf. João Paulo II, “Mensagem,” (1990) n.º 1.

²⁵ Cf. Bento XVI, “Carta Encíclica *Caritas in Veritate*,” *AAS* 101 n.º 66 (2009).

²⁶ Cf. Bento XVI, “Mensagem,” (2010) n.º 11.

²⁷ Cf. “Carta da Terra,” (Haia, 29 de Junho de 2000), in *Chave de leitura para o aprofundamento e aplicação da Encíclica Louvado Sejas*, § 207.

10.2. *Educar para a aliança entre a humanidade e o ambiente*

Neste contexto educacional para a aliança entre a humanidade e o ambiente sugerem-se-nos alguns pontos fundamentais que se sublinham da seguinte forma:

- i. Se estamos conscientes da gravidade da crise cultural e ecológica, precisamos de traduzir essa consciência em novos hábitos. Não basta o progresso atual e a mera acumulação de objetos ou prazeres, para dar sentido e alegria ao coração humano. Muitos sentem-no, mas não são capazes de renunciar àquilo que o mercado lhe oferece (*LS § 209*);
- ii. No começo, a educação ambiental estava muito centrada na informação científica e na consciencialização e prevenção dos riscos ambientais... Pretende igualmente recuperar distintos níveis de equilíbrio ecológico: 1) o aspeto interior consigo mesmo, 2) o solidário com os outros, 3) o natural com todos os seres vivos, 4) o espiritual com Deus (*LS § 210*);
- iii. A existência de leis e normas não é suficiente para limitar os maus comportamentos, mesmo quando haja controlo... A doação de si, mesmo num compromisso ecológico, só é possível, a partir do cultivo da virtude... É nobre cuidar da criação com pequenas ações diárias, e é maravilhoso que a educação seja capaz de motivá-las (*LS § 211*);
- iv. O exercício destes comportamentos restitui a nossa dignidade, levando-nos a experimentar uma maior profundidade existencial, pois vale a pena a nossa passagem por este mundo (*LS § 212*);
- v. Considerar os âmbitos educativos, a escola, a família, os meios de comunicação, a catequese e outros. Uma boa educação escolar, em tenra idade, coloca sementes para toda a vida. Detém central importância, também, a família, “o lugar onde a vida, dom de Deus, pode ser convenientemente acolhida e protegida contra os múltiplos ataques a que está exposta, e pode desenvolver-se segundo as exigências de um crescimento humano autêntico”²⁸. A família é o lugar da formação integral, do amadurecimento pessoal (*LS § 213*);
- vi. Compete à política, às várias associações e à Igreja imprimir um esforço de formação das consciências da população. Dentro destas, as comunidades cristãs têm um papel preponderante na educação. Nos nossos seminários e casas religiosas de formação, deve educar-se para uma austeridade responsável, para uma grata contemplação do mundo, o cuidado da fragilidade dos pobres e do meio ambiente (*LS § 214*);

²⁸ Cf. João Paulo II, “Carta encíclica *Centesimus Annus*,” *AAS* 83 n.º 39 (1991).

vii. Neste contexto, “não se deve descurar nunca a relação que existe entre uma educação estética apropriada e a preservação de um ambiente sadio”²⁹. Prestar atenção à beleza e amá-la, ajuda-nos a sair do pragmatismo utilitarista; a educação será ineficaz, se não propagar um novo modelo relativo ao ser humano, à vida, à sociedade e à relação com a natureza que mitigue o modelo consumista, transmitido pelos meios de comunicação social e pelos eficazes mecanismos do mercado.

10.3. *A conversão ecológica*

O último capítulo da encíclica *Laudato Si'* vai ao cerne da conversão ecológica. As raízes da crise cultural agem em profundidade e não é fácil reformular hábitos e comportamentos. A educação e a formação continuam a ser desafios centrais pois aquilo que o Evangelho ensina tem consequência no nosso modo de pensar, sentir e viver (*LS* § 216). Todavia, “a educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir conhecimentos e valores aos educados”³⁰.

Sabendo que a grave crise ecológica exige uma mudança de postura existencial, de estilo de vida, de valores fundamentais e de convicções. Portanto, é preciso que cada um se arrependa das suas próprias maneiras de prejudicar o planeta e inicie um caminho de purificação para tornar possível a conversão ecológica global.³¹

A consciência da nossa responsabilidade deve levar-nos a dar passos concretos no caminho da conversão ecológica, superando a avareza e o consumismo e reforçando as virtudes ecológicas: “compaixão, prudência, moderação, simplicidade, sobriedade, capacidade de se contentar com pouco”³².

Não se pode subestimar a importância de percursos de educação ambiental capazes de incidir sobre gestos e hábitos quotidianos. De facto, esta “conversão comporta várias atitudes, que se conjugam para ativar um cuidado generoso e cheio de ternura” (*LS* § 220).

Mais que nunca, Francisco de Assis convida-nos à conversão, ou seja, a centramo-nos de novo em Deus e no Homem. Em Deus, acolhido em todas as suas exigências de amor; no Homem, assumido em todas as suas dimensões relacionais, socioeconómicas, estruturais e políticas.³³

²⁹ Cf. João Paulo II “Mensagem,” (1990) n.º 14.

³⁰ Paulo Freire, *A Pedagogia do Oprimido, Paz e Terra* (São Paulo: Ed. S. Paulo, 2003), 52.

³¹ Núñez, *Tudo está conectado*, 106.

³² Núñez, *Tudo está conectado*, 106.

³³ Michel Hubaut, *São Francisco e a alegria de viver o Evangelho* (Braga: Editorial Franciscana, 2008), 74.

A conversão ecológica implica a gratidão e gratuidade, a consciência amorosa de que não estamos separados das outras criaturas, mas pelo contrário, que formamos uma estupenda comunhão universal (*LS* § 220).

10.4. *Alegria e paz*

Na verdade, a “espiritualidade cristã propõe um crescimento na sobriedade e uma capacidade de se contentar com pouco. É um regresso à simplicidade que nos permite saborear as coisas pequenas” (*LS* § 222). Contudo, não se trata de menos vida, ou vida de baixa qualidade, alerta o Papa Francisco, pois são as pessoas que saboreiam mais, as que vivem melhor cada momento (*LS* § 223).

Para tal atitude, é preciso alargar a compreensão da paz, que é muito mais que ausência de guerra; uma ecologia integral exige que se retome a harmonia, e que nos retiremos do ciclo da velocidade, distração, e ruído com que nos rodeamos, para ter a disponibilidade de ouvir as palavras de amor da natureza (*LS* § 225).

10.5. *Amor civil e política*

Este cuidar da natureza, implica a comunhão e o amor fraterno; assim, é “necessário voltar a sentir que precisamos uns dos outros, que temos uma responsabilidade para com os outros e o mundo, que vale a pena ser bons e honestos” (*LS* § 229). Na verdade, é por vezes raro fazermos alguma coisa pelos outros, que devemos dar graças a Deus quando nos aparece uma oportunidade e não a deveríamos deixar fugir.³⁴

Os santos acompanham-nos neste caminho de conversão, e o Papa Francisco recorda-nos o exemplo da Santa Teresa de Lisieux que pelo seu exemplo nos ensina que uma ecologia integral “é feita também de simples gestos quotidianos, pelos quais quebramos a lógica da violência, da exploração, do egoísmo” (*LS* § 230). É esse cuidado que transforma a sociedade e esse amor que de facto, a torna “mais humana, mais digna da pessoa” (*LS* § 231) e continua: “é necessário revalorizar o amor na vida social – no plano político, económico, cultural – fazendo dele a norma constante e suprema do agir”³⁵.

³⁴ Cf. Liev Tolstói, *O Diabo e outros contos* (Lisboa: Relógio d’água, 2008), 156.

³⁵ Cf. Pontifício Conselho Justiça e Paz, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* (Vaticano: 2004), acessido a 26/12/2019, http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html.

10.6. *Os sinais sacramentais e o descanso celebrativo*

Os sacramentos também não podem ser esquecidos; estes constituem um modo privilegiado em que a natureza é assumida por Deus e transformada em mediação da vida sobrenatural (LS § 236).

O Papa Francisco destaca a Eucaristia, afirmando que nela a criação encontra a sua maior elevação. A Eucaristia é por si mesma, “um ato de amor cósmico porque ela une o céu e a terra, abraça e penetra toda a criação” (LS § 235).

Assim, o Papa Francisco lembra que o Domingo é um dia particularmente importante, não só pelos mistérios que o crente celebra, mas também pelo descanso merecido, o repouso dos fatigantes trabalhos que se realizam durante uma jornada de trabalho semanal. Logo, o “repouso é uma ampliação do olhar que permite voltar a reconhecer os direitos dos outros. Assim, o dia de descanso, cujo centro é a Eucaristia, difunde a sua luz sobre a semana inteira” (LS § 237).

10.7. *A Trindade e a relação entre as criaturas*

A Trindade reflete também a natureza, visto que esta possui em si mesma uma marca Trinitária. As “pessoas divinas são relações subsistentes e o mundo criado segundo o modelo divino, é uma trama de relações” (LS § 240). Na verdade, quem não se lembra de na infância ter refletido sobre o ciclo da água e ser fascinado como algo tão simples possui um mecanismo tão perfeito e circular de relações intrincadas que se repetem ao longo do tempo.

Nesta pequena descoberta surge do interior uma vontade de louvar o Criador que criou e continua a criar e a sustentar tão prodigioso mecanismo. Porém, “tudo está interligado, e isto convida-nos a deixar amadurecer uma espiritualidade da solidariedade global que brota do mistério da Trindade” (LS § 240). Por isso, é tão grandiosa a “relação humana eu-tu (que) se transcende em direção ao tu divino”³⁶. Esta relação pode ampliar-se em direção ao próprio cosmos.

10.8. *A rainha de toda a criação*

Não podemos esquecer Maria, Mãe de Jesus que cuidou de Jesus e cuida agora também deste mundo ferido, sempre com a sua preocupação material. E tal como chorou a morte de Cristo, também se compadece do sofrimentos dos pobres crucificados e das criaturas deste

³⁶Coreth Emerich, *O que é o Homem?/: Elementos para uma Antropologia Filosófica* (Lisboa: Verbo, 1988), 201.

mundo. Por isso, devemos pedir também a Maria que nos ajude a contemplar este mundo com um olhar mais sápiete (*LS* § 241).

10.9. *Para além do Sol*

Por fim, os últimos pontos desta encíclica transportam-nos para a expectativa da vida eterna, que será uma maravilha contemplada, onde cada criatura, esplendorosamente transformada, ocupará o seu lugar e terá algo a oferecer aos pobres, definitivamente libertados (*LS* § 243). Devemos, portanto, caminhar cantando; que as “nossas lutas e a nossa preocupação por este planeta não nos tirem a alegria da esperança” (*LS* § 244).

A finalizar o documento, o Papa Francisco propõe-nos duas orações: uma, proposta a todos os que acreditam em Deus Criador Onnipotente; “e outra, pedindo que nós, cristãos, saibamos assumir os compromissos para com a criação que o Evangelho de Jesus nos propõe” (*LS* § 246).

Neste último ponto, sobre a educação e espiritualidade ecológica, a encíclica convida à conversão ecológica. O Papa tem a noção que não é fácil mudar hábitos nem comportamentos, mas crê que a educação e a formação serão fundamentais, lembrando que toda a mudança necessita de motivação e de um caminho educativo. Quando falta essa consciência duma origem comum, e de um futuro partilhado por todos, surge um “grande desafio cultural, espiritual e educativo que implicará longos processos de regeneração” (*LS* § 203). De facto, o início é apostar “numa mudança nos estilos de vida”, que abra possibilidade de “exercer uma percepção salutar sobre quantos detêm o poder político, económico e social” (*LS* § 206). Chamados a educar para a aliança entre a humanidade e o ambiente, nem sempre estamos conscientes disto, pelo que há dificuldade em renunciar àquilo que o mercado oferece, levando a um certo desequilíbrio ecológico em relação aos seres vivos, à natureza e a Deus, seu Criador.

Porém, a educação será ineficaz se não proporcionar um novo paradigma relativo ao ser humano, à vida, à sociedade e à relação com a natureza que se vê afundar no consumismo (cf. *LS* § 215). O Papa Francisco sublinha a importância e o contributo que a doação de si, num compromisso ecológico, a partir do cultivo da virtude, fará, restituindo ao ser humano a sua dignidade e levando-nos a experimentar uma maior profundidade existencial (cf. *LS* § 212).

11. Síntese

À luz da encíclica *Laudato Si'*, a crise ecológica é o problema atual do ajustamento do ser humano com o universo. O Papa propõe um caminho teórico de solução: o reconhecimento do verdadeiro lugar que o ser humano ocupa no universo e que se chama “ecologia integral”.

Propõe “algumas diretivas de orientação e ação”, para aplicar nas diversas instâncias político-económicas, inclusive religiosas. Com uma nota, a que atribui grande importância, trata da pedagogia e da espiritualidade ecológicas e conclui com uma oração que oferece a todos, e uma segunda versão que recomenda aos cristãos.

Não há apenas uma única maneira de ler a encíclica. Com um aspeto claramente didático a vincular o cuidado da casa comum e interrogando-se com o próprio ser humano, – o ser humano pode habitar numa casa desarrumada? O Papa Francisco manifestou claramente a sua posição de homem, de cristão e de pastor, respondendo aos grandes problemas que hoje desafiam a todos nós e a cada um em particular.

A relação íntima entre a pobreza e a fragilidade do planeta é um problema recorrente no mundo. Tudo está estreitamente ligado, e criticando severamente o paradigma tecnológico atual, o Papa alerta as mais variadas associações do poder. Convida a procurar outras maneiras de entender a economia e o progresso, a levar em conta o próprio valor de cada criatura e o sentido da ecologia.

Precisamos de amplos debates, sinceros e honestos, a nível internacional, nacional e local, respeitando as culturas; superando a cultura do descarte e do consumismo, conseguir-se-á um novo estilo de vida em liberdade e paz.

Todas as observações, sugestões, lições, orientações teóricas e recomendações práticas que a encíclica contém são de uma riqueza inestimável e devem ser lidas em função dos objetivos que as suscitaram e que dão unidade a todo o documento.

Com base nessa constatação elementar verifica-se que o caminho de solução para a crise ecológica é uma ecologia integral. Só assim, o ser humano poderá usufruir em paz de todos os benefícios a que tem direito, os quais devemos uns aos outros e ao planeta em que nos habitamos.

No Capítulo que se segue vai-se explorar o conceito de ecologia integral na *Laudato Si'* e os fatores que contribuem e provocam a destruição do planeta terra e a conversão ecológica.

CAPÍTULO II

A ECOLOGIA INTEGRAL NA *LAUDATO SI'*

Ao longo dos séculos, o nosso Planeta terra tem enfrentado uma séria degradação provocada pelo ser humano. Portanto, a questão do meio ambiente é um assunto de fundamental importância no mundo atual, ao considerar as grandes devastações que ocorrem e as poluições derivadas dos processos de industrialização e do progresso tecnológico dos tempos atuais. O objetivo deste capítulo é o de fazer um pequeno comentário e propor algumas soluções ao problema do meio ambiente; porque, se não se der um tratamento especial ao ecossistema em que o ser humano vive, a humanidade passará por sérias dificuldades de solução complicada. O importante é que não se deixe morrer a ideia de preservar o meio ambiente, assegurando à fauna e à flora todo o bem-estar que a natureza deu de graça a todos os povos do Planeta terra; entretanto, a própria humanidade “quer” aos poucos acabar com essa riqueza, dada por Deus, que deverá ser conservada por todos.

1. A nossa casa comum está a sofrer uma grave enfermidade

A “ecologia”, tal como indica a sua etimologia – vem do grego *oikos* (casa) e *logos* (estudo) – é, pois, o estudo sobre a “casa” – o habitat – espaço onde se desenvolve a vida. A ecologia é a parte da “biologia que estuda as relações dos seres vivos com o ambiente”³⁷.

A nossa mãe terra “clama contra o mal que lhe provocamos por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens que Deus nela colocou” (*LS* § 2). O desenvolvimento científico e tecnológico, que tem marcado a época moderna e contemporânea, traduz-se num domínio absoluto do Homem sobre a natureza. O paradigma tecnocrático dominante (*LS* § 106-109), com a sua lógica instrumental e a sua pretensão de eficácia e de rentabilidade, invade e condiciona todas as dimensões da vida humana, quer na relação do Homem com o meio ambiente e os outros seres vivos, quer na relação do ser humano consigo mesmo.

O Sumo Pontífice Francisco reconhece que, em decorrência da “intensificação dos ritmos de vida”, a natureza está cheia de feridas produzidas pelo comportamento irresponsável do ser humano. Logo, no capítulo I de *Laudato Si'*, ele enumera diversos problemas ambientais: poluição, acidificação do solo e da água causada pelos fertilizantes, inseticidas, fungicidas, pesticidas e agrotóxicos em geral, milhões de toneladas de resíduos, muitos deles não são

³⁷ J. Almeida Costa, A. Sampaio e Melo, “Ecologia,” in *Dicionário da língua portuguesa*, 8.^a ed. (Porto: Porto Editora, 1999), 577.

biodegradáveis: resíduos domésticos e comerciais, detritos de demolições, resíduos clínicos, eletrônicos e industriais altamente tóxicos e radioativos; tudo isto intimamente ligado à cultura do descarte.

Na visita do Santo Padre à FAO (Food and Agriculture Organization of the United Nation: Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura) por ocasião da II Conferência Internacional sobre alimentação, 20 de Novembro de 2014, ele chamou a atenção também para a preservação ambiental dizendo: “Deus perdoa sempre, as ofensas, os abusos. Os homens perdoam de vez em quando. A terra nunca perdoa”³⁸.

Desde o Renascimento, e num movimento cada vez mais progressivo e expansivo, o Homem considera-se o centro do mundo, a medida de todas as coisas. Portanto, a crise ecológica é o resultado de um antropocentrismo desordenado. Por isso, o futuro ecológico passará, necessariamente, por uma nova relação do Homem com a terra e por um novo humanismo.

Afirma o Papa Francisco, com sentido profético: “não haverá uma nova relação com a natureza, sem um ser humano novo. Não há ecologia sem uma adequada antropologia” (*LS* § 118). A atual crise ecológica é expressão da crise ética, cultural e espiritual que, presentemente, se verifica. Por isso, sanar a relação do Homem com a natureza e o meio ambiente passa, antes de mais, por curar as próprias relações humanas. O futuro da cultura ecológica envolve todas as dimensões do humano; passa por uma ecologia integral, por uma política, por uma educação, por um estilo de vida e por uma espiritualidade que “oponham resistência ao avanço do paradigma tecnocrático” (*LS* § 111).

O Papa Francisco diz: “amamos este magnífico planeta, onde Deus nos colocou, e amamos a humanidade que o habita, [...] Embora a justa ordem da sociedade e do Estado seja dever central da política, a Igreja não pode nem deve ficar à margem na luta pela justiça”³⁹. Como se sabe, enquanto o animal se adapta ao meio natural, o homem e a mulher “modificam-no com a técnica”⁴⁰.

Outras catástrofes se estarão a desenvolver ao longo de muitos anos – sem pressa, mas sem pausa, diante de nossos olhos indiferentes. Pensemos, por exemplo, na desflorestação crescente do Planeta. Quanto às florestas tropicais, “50% da sua superfície foi destruída nos

³⁸ Papa Francisco, “Discurso do Papa Francisco: Visita do Santo Padre à FAO por ocasião da II Conferência Internacional sobre alimentação,” (20 de Novembro de 2014), acessado a 21-10-2019, http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco_20141120_visita-fao.html.

³⁹ Papa Francisco, “Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*,” *AAS* 105 (2013), § 183.

⁴⁰ Cf. José Ortega y Gasset, *Meditación sobre la técnica: Obras completas* (Madrid: Revista de Occidente, 1961), 319-330.

últimos cinquenta anos”⁴¹. Na mesma proporção em que as florestas são destruídas, os desertos progridem e surgem, automaticamente, com as mudanças climáticas.

A contaminação atmosférica ou poluição do ar atingiu níveis que são absurdos. Em 1970, nalgumas rodovias de Tóquio, os agentes de circulação precisavam de respirar oxigénio de quinze em quinze minutos.⁴² As grandes lojas vendiam oxigénio enlatado, que podia ser aberto no escritório como uma lata de atum; nas farmácias e nalguns locais públicos, com uma moeda, podia-se respirar oxigénio dentro duma pequena cabine.

Muito têm uma postura irresponsável perante a crise ecológica. Alguns rejeitam a evidência, alegando que é um absurdo. Mas esse argumento já não é válido para ninguém bem informado.

O Papa explica que “há um consenso científico muito consistente, indicando que estamos perante um preocupante aquecimento do sistema climático”, devido, na sua maioria, à grande concentração de gases com efeito estufa. A humanidade “deve tomar consciência da necessidade de mudanças de estilo de vida, de produção e de consumo, para combater este aquecimento” (LS § 23). O Sumo Pontífice cita “o derretimento das calotas polares e dos glaciares”, apar da “perda das florestas em vias de desenvolvimento”. Por isso, tornou-se urgente e imperioso o desenvolvimento de políticas capazes de fazer com que, nos próximos anos, a “emissão de anidrido carbónico e outros gases altamente poluentes se reduza drasticamente” (LS § 26).

Na atualidade, “a nossa terra está doente”⁴³, por isso deveremos analisar a “taxa de desflorestação tão urgentemente como a velocidade a que os rolos de papel higiénico estão a desaparecer das nossas estantes. Estamos enfermos por que o nosso lugar está enfermo”⁴⁴. É uma forma de nos alertarmos uns aos outros para tomar mais cuidado com o que vamos deixar as próximas gerações.

1.1. *As mudanças climáticas e os seus efeitos*

As mudanças climáticas estiveram sempre presentes no planeta terra, mesmo antes da adoção de “instrumentos tecnológicos e produtivos desenvolvidos pelo Homem”. Estas alterações revelavam já uma “Sazonalidade equilibrada”⁴⁵.

⁴¹ Cf. Luis González Carvajal, *Entre la utopia y la realidad*, (Cantabria: Ed. Sal Terrae, 1998), 182.

⁴² Cf. Carvajal, *Entre la utopia*, 182.

⁴³ Maria Isabel Pereira Varanda, “Da preocupação ecológica como retorno ao Deus Criador,” *Theologica* 2ª série 38/2 (2003), 287.

⁴⁴ Cf. Bill Gates, “Covid-19: impressionantes testemunhos/reflexões,” *Ecos do Sameiro* LXXXIX n.º 1051 (Abril 2020), 6.

⁴⁵ Dirley dos Santos Vaz, *Riscos naturais e a sustentabilidade dos territórios*, (Universidade de Coimbra: Maio de 2010), 1, acedido a 01/07/2019, <http://www.uc.pt/fluc/cegot/VISLAGF/actas/tema4/dirley>.

A temperatura média global aumentou “0,75° C desde 1850”. Ao passo que a temperatura média na Europa aumentou ainda mais, “quase 1° C, tendo-se registado nos últimos 30 anos” as subidas mais rápidas. À escala mundial, doze dos últimos catorze anos foram os mais quentes desde que há registos (desde cerca de 1860; quando foram concebidos instrumentos capazes de medir a temperatura com uma precisão razoável). “Os três anos mais quentes foram, por ordem descendente, 1998, 2003 e 2005”⁴⁶. Os “cinco verões” mais “quentes da Europa, por exemplo, desde o ano 1500” foram “registrados a partir do início desde século, em 2002, 2003, 2010, 2016 e 2018”⁴⁷.

A tendência para o aquecimento deve-se à quantidade crescente de gases com efeito estufa libertados por atividades humanas e está a intensificar-se: “o ritmo de aumento da temperatura acelerou de 0,1° C por década nos últimos 100 anos, para 0,2° C na última década”. De acordo com os especialistas do clima, “até 2100 a temperatura média global deverá aumentar entre 1,8° C e 4,0° C, mas no pior dos casos esse aumento poderá atingir 6,4° C”⁴⁸.

Ondas de calor sempre aconteceram no passado, mas a probabilidade de elas acontecerem é maior devido à mudança climática. E um dos seus sintomas é o aumento da frequência, intensidade e duração das ondas de calor.

As calotas polares estão a derreter. A superfície do mar coberta pela “calota ártica diminuiu 10% nas últimas décadas e a espessura da camada de gelo reduziu-se em cerca de 40%”⁴⁹. Do outro lado da Terra, a camada de gelo que cobre o continente antártico tornou-se instável.

Os glaciares estão a recuar. Até “2050, é provável que 75% dos glaciares dos Alpes suíços desapareçam. Os responsáveis pela estância de esqui de Andermatt, na Suíça, estão agora a pensar cobrir Gruschen, um local popular para a prática de desporto, com uma enorme folha de plástico isolante durante o Verão”⁵⁰, de forma a impedir que o glaciar derreta e resvale.

O Papa Francisco reafirma o consenso científico “segundo o qual estamos perante um preocupante aquecimento do sistema climático e diz que:

“Numerosos estudos científicos indicam que a maior parte do aquecimento global das últimas décadas é devido à alta concentração de gases com efeito estufa (anidrido carbónico, metano, óxido de azoto e outros), emitidos sobretudo por causa da atividade

⁴⁶ Comissão Europeia, “Alterações climáticas: de que se trata?: Uma Introdução para os Jovens,” (2009) Luxemburgo: Comunidades Europeias 2009, 8, acedido a 01/07/2019, http://www.louleadapta.pt/uploads/document/8_CE_Alteracoes_climaticas_de_que_se_trata.pdf.

⁴⁷ Sanchez-Benítez, “O que causa o calor 'infernado' que atinge a Europa?,” (28/06/2019), acedido a 01/07/2019, <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/06/28/o-que-caoa-o-calor-infernado-que-atinge-a-europa.ghtml>.

⁴⁸ Sacherz, Benítez, “O que caua,”.

⁴⁹ Sacherz, Benítez, “O que caua,”.

⁵⁰ Sacherz, Benítez, “O que caua,”.

humana. A sua concentração na atmosfera impede que o calor dos raios solares refletidos pela Terra se dilua no espaço. Isto é particularmente agravado pelo modelo de desenvolvimento baseado no uso intensivo de combustíveis fósseis, que está no centro do sistema energético mundial. E indicou também a prática crescente de mudar a utilização do solo, principalmente o desflorestamento para finalidade agrícola” (LS § 23).

À medida que as temperaturas na Europa forem aumentando, muitas aves, insetos, animais e plantas deslocar-se-ão para Norte e para zonas de maior altitude. Contudo, é grande o risco de muitos deles não conseguirem acompanhar o ritmo das alterações climáticas ou as estradas, cidades e outras construções humana, que compartimentam o espaço rural e os impedem de se deslocar a maiores distâncias. Um estudo alarmante concluiu que “as alterações climáticas poderão extinguir um terço das espécies da Terra até 2050”⁵¹. Os mamíferos e aves das regiões polares, tais como os ursos polares, as focas, as morsas e os pinguins, são especialmente vulneráveis.

A longo prazo, as alterações climáticas poderão desencadear conflitos regionais, fomes e movimentos de refugiados, à medida que os alimentos, a água e a energia se forem tornando cada vez mais escassos. A nível mundial, mil milhões de refugiados poderão ser expulsos de suas casas pelas alterações climáticas e necessitar de ajuda, nomeadamente das nações mais ricas.

Além da questão climática, a encíclica mostra o efeito do processo de carbonização sobre os ecossistemas e sobre a cadeia alimentar:

“Por sua vez, o aquecimento influi sobre o ciclo do carbono. Cria um ciclo vicioso que agrava ainda mais a situação e que incidirá sobre a disponibilidade de recursos essenciais como a água potável, a energia e a produção agrícola das áreas mais quentes, e provocará a extinção de parte da biodiversidade do Planeta. O derretimento das calotas polares e dos glaciares a grande altitude ameaça com uma libertação, de alto risco, de gás metano, e a decomposição da matéria orgânica congelada poderia acentuar ainda mais a emissão de anidrido carbónico. Entretanto a perda das florestas tropicais piora a situação, pois estas ajudam a mitigar a mudança climática. A poluição produzida pelo anidrido carbónico aumenta a acidez dos oceanos e compromete a cadeia alimentar marinha. Se a tendência atual se mantiver, este século poderá ser testemunha de mudanças climáticas, com graves consequências para todos nós. Por exemplo, a subida do nível do mar pode criar situações de extrema gravidade, se se considera que

⁵¹ Sacherz, Benítez, “O que causa,” 11.

um quarto da população mundial vive à beira-mar ou muito perto dele, e a maior parte das megacidades estão situadas em áreas costeiras” (LS § 24).

Depois de nos tornar bem clara esta situação, a encíclica trata de outra realidade atual, ou seja do “esgotamento dos recursos naturais” (LS § 27). A água potável e limpa constitui uma questão de primordial importância: “um problema particularmente sério é o da qualidade da água disponível para os pobres, que diariamente ceifa muitas vidas” (LS § 29). A escassez de água provocará o aumento do custo dos alimentos e o controle da água por grandes empresas mundiais pode se transformar “numa das principais fontes de conflitos deste século” (LS § 31). Reforçando os estudos que mostram que estamos a caminhar para a sexta extinção em massa da espécie,⁵² o Papa mostra que “a perda de florestas e bosques implica simultaneamente a perda de espécies” e “anualmente, desaparecem milhares de espécies vegetais e animais, que já não poderemos conhecer, que os nossos filhos não poderão ver, perdidas para sempre. A grande maioria deles extingue-se por razões que têm a ver com alguma atividade humana” (LS § 33). A acidificação dos mares é uma grande ameaça à biodiversidade, pois “os oceanos contêm não só a maior parte da água do Planeta, mas também a maior parte da vasta variedade dos seres vivos, muitos deles ainda desconhecidos para nós e ameaçados por diversas causas” (LS § 40).

Enfim, a encíclica mostra que os maiores efeitos do aquecimento global e da degradação ambiental recaem sobre os pobres, especialmente aqueles dos países mais pobres, o que deve gerar muitos refugiados do clima. O Papa critica os modelos atuais de produção e consumo e denuncia as tentativas de mascarar os problemas ou ocultar os seus sintomas. Ele defende a substituição dos combustíveis fósseis pela energia limpa e renovável, o aumento da eficiência energética e o menor uso de matérias-primas, evitar transformar o nosso planeta numa imensa lixeira. Este tipo de posicionamento é muito importante, pois reforça a campanha do desinvestimento em combustíveis fósseis, a mudança da matriz energética e o processo de descarbonização da economia.⁵³

1.2. *Os gases com efeito estufa produzidos pelo ser humano*

O desenvolvimento produtivo da sociedade tem sido apontado por distintas instituições. De entre elas destaca-se “o IPPC, International Plant Protection Convention (2007)”⁵⁴,

⁵²Elizabeth Kolbert, *The Sixth Extinction: an unnatural history*. (New York: Henry Hol, 6 de Janeiro de 2015), acessado a 26/06/2019, https://www.fruugo.pt/a-sexta-extincao-uma-historia-natural/p-28467547-60775500?language=pt&ac=croud&glid=EAIAIQobChMIyd28eSf6gIVkMCyCh0IkAs0EAQYAiABEGLR9_D_BwE.

⁵³José Eustáquio Diniz Alves, “Pegada Ecológica: e se eliminarmos os países ricos? Ecodebate,” (Rio de Janeiro 19 de julho de 2013), acessado 27/06/2019, <https://www.ecodebate.com.br/2013/07/19/pegada-ecologica-e-se-eliminarmos-os-paises-ricos-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/>.

⁵⁴Vaz, *Riscos naturais*, p. 2, acessado a 01/07/2019, <http://www.uc.pt/fluc/cegot/VISLAGF/actas/tema4/dirley>.

exploração dos recursos naturais e o aumento da emissão de gases que contribuem para o efeito estufa pelo exagerado consumo da sociedade pós industrial.

A “radiação absorvida por moléculas contribui para aumentar a temperatura da Terra”. O efeito estufa não é uma controvérsia: é um facto estabelecido. O isolamento térmico provocado pelos gases com efeito estufa é vital para vida na terra; sem ele, a “temperatura global seria 33° C”⁵⁵ mais baixa.

O “vapor de água” é o mais importante dos gases com efeito estufa. O seu papel é complexo pelo facto de “formar nuvens”. Atua como “gás por absorver radiação”. Ao condensar-se em “forma de nuvens”, pode absorver radiações de longo comprimento de onda, “emitido pelo solo”, causando “maior aquecimento”, e ao refletir radiação emitida pelo “Sol”, causar “arrefecimento”. Qual dos dois processos predomina, depende do tipo de “nuvens e da respetiva altitude na atmosfera”⁵⁶.

A absorção de radiações situadas algures na “gama dos infravermelhos” incide sobre uma “grande variedade de moléculas”, incluindo “o CO₂, o metano (CH₄), os clorofluorcarbonetos (CFC), o óxido nitroso (N₂O), e o dióxido de enxofre”, sendo destes, o CO₂ o mais importante (tabela 1.3). Todos os restantes gases, embora absorventes de “radiação infravermelha muito mais potentes, persistem na atmosfera em concentração menor que a do CO₂”⁵⁷.

Tabela 1.3

Gases de efeito estufa e respetiva contribuição para a intensificação radiante durante os anos 1980 (do IPCC, 1990)⁵⁸

Gás	Contribuição para intensificação radiante (em percentagem)	Taxa de aumento anual (em percentagem)
CO ₂	55	0,5
CFC.....	24	5,6
CH ₄	15	0,9
N ₂ O.....	6	0,2

⁵⁵ Jonathan Graves e Duncan Reavey, *A Mudança Global do Ambiente «Plantas, Animais e Comunidades* (Lisboa: Instituto Piaget, 1998), 27.

⁵⁶ Graves, *A Mudança Global*, 28.

⁵⁷ Graves, *A Mudança Global*, 29.

⁵⁸ Graves, *A Mudança Global*, 29.

O efeito estufa segue um esquema, saber: 1) O solo emite a radiação eletromagnético; 2) A terra intercepta essa radiação; 3) Uma parte da energia reflete-se, voltando para o espaço; 4) Parte é absorvida pela atmosfera e outra parte, é absorvida pela terra; 5) A superfície da Terra é aquecida pelo sol e irradia o calor para o espaço; 6) por isso, são mais facilmente absorvidos os gases de efeito estufa que os que depois reemitem em todas as direções; 7) Assim o calor se dissipa no espaço com mais dificuldade, provocando um aquecimento natural na baixa atmosfera, que pode ser intensificado pelas atividades humanas responsáveis por uma crescente concentração dos gases de efeito estufa.⁵⁹

A escola britânica tem também a sua indicação sobre o efeito estufa:

“O efeito estufa é o mecanismo natural de aquecimento da superfície da terra e o ar”, que captam a energia do “sol refletida pela terra”. Esses gases que captam o calor são chamados de “gases de efeito estufa”. Os mais comuns são o “vapor de água, o dióxido de carbono e o metano. Sem o efeito estufa, a terra seria fria demais para permitir a existência de vida”⁶⁰.

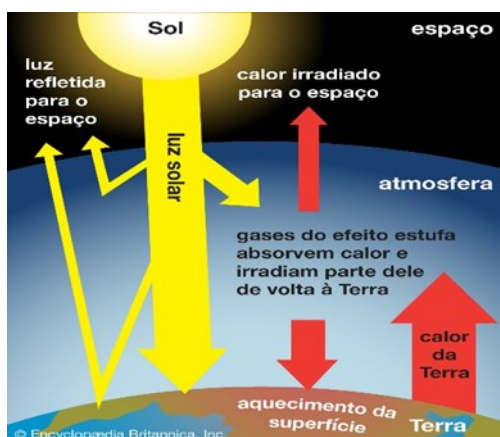


Ilustração 1⁶¹

“A energia solar aquece a superfície e atmosfera terrestres. Os gases de efeito estufa são uma barreira à dispersão desse calor, impedindo que ele retorne ao espaço, o que esfriaria a terra”⁶².

As atividades humanas estão desequilibrado o efeito estufa. Com o uso dos carros e o funcionamento das fábricas, é queimada uma grande quantidade de carvão, de petróleo e de outros combustíveis fósseis. Isso acrescenta mais gases de efeito estufa ao ar, e estes, por sua vez, captam ainda mais calor.

⁵⁹ Comissão Europeia, “Alterações climáticas,” 6, acessado a 01/07/2019,

http://www.louleadapta.pt/uploads/document/8_CE_Alteracoes_climaticas_de_que_se_trata.pdf.

⁶⁰ “Efeito Estufa,” acessado a 08/12/2019, <https://escola.britannica.com.br/artigo/efeito-estufa/481419>.

⁶¹ “Efeito Estufa”.

⁶² “Efeito Estufa”.

No “final dos anos 60”, alguns pesquisadores começaram a aperceber-se de uma intensificação do efeito estufa. Alertaram para “o facto de que as enormes emissões de dióxido de carbono (CO₂)”⁶³, além de outros gases, estavam a contribuir para o aumento da camada natural de gases na atmosfera, o que produz o efeito estufa.

A nossa atmosfera funciona como um “camada transparente e protetora” que envolve a Terra, deixando passar a luz do Sol e retendo o calor. Sem a atmosfera, o calor do Sol, ao incidir na superfície do nosso planeta, seria reenviado para o espaço; “a temperatura na Terra seria cerca de 30°C” a menos, e tudo congelaria. Assim, a atmosfera funciona um pouco como as paredes de vidro de uma estufa e é por isso que se fala do “efeito estufa”. Os responsáveis por este efeito são os “gases da atmosfera”⁶⁴, que absorvem o calor.

O principal gás com efeito estufa produzido pelas atividades humanas é “o dióxido de carbono (CO₂)”, que representa “82% das emissões totais de gases com efeito estufa dos 27 Estados-Membros da União Europeia”. Os “combustíveis fósseis” continuam a ser a fonte energia mais utilizada, quer para produzir “eletricidade e calor”, quer para abastecer os nossos “automóveis, navios e aviões”⁶⁵.

As pessoas conhecem o dióxido de carbono dos refrigerantes – com efeito, as bolhas contidas nas “bebidas gaseificadas e na cerveja são bolhas de CO₂”. Este gás tem também uma “intervenção essencial no processo respiratório: inspiramos oxigénio e expiramos dióxido de carbono”, ao passo que as “árvores e as plantas absorvem CO₂” para “produzir oxigénio”. É por isso que as “florestas são tão importantes” – o “abate de árvores” para a produção de “papel e madeira”, e para libertar “terrenos para a agricultura”, os “incêndios florestais”⁶⁶ – avança em grande parte do mundo. A “floresta tropical” está a desaparecer muito mais rapidamente do que as outras, à razão de “10 milhões de hectares por ano”⁶⁷.

Quando as florestas são abatidas ou ardem, é libertado CO₂ para a atmosfera. Estima-se que a deflorestação esteja na origem de cerca de 20% das emissões globais de gases com efeito estufa; portanto pôr cobro a este processo é uma prioridade importante.

O problema começou com a revolução industrial. Em baixas concentrações, o CO₂ não representa perigo. Na natureza, ele é usado pelas plantas verdes para produzir açúcar (glicose) e oxigénio.⁶⁸ O problema é o excesso de CO₂, que não é absorvido pelas plantas a uma taxa

⁶³ “Consumo Sustentável: Manual de Educação” (Brasília, 2005) Consumers International/MMA/MEC/IDEC, 5, acessado a 14/12/2019, <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao8.pdf>.

⁶⁴ “Consumo Sustentável,” 6.

⁶⁵ “Consumo Sustentável,” 6.

⁶⁶ Tânia Marisa Cordeiro Ferreira, *A comunicação de Risco na mitigação das alterações climáticas: Como promover práticas pro-ambientais?* «Ilha Terceira-Açores», acessado a 15/12/2019, <https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/3671/1/TeseDoutoramentoTaniaMarisaCordeiroFerreira2016.pdf>.

⁶⁷ “Consumo Sustentável,” 7.

⁶⁸ “Consumo Sustentável,” 7.

que permita o equilíbrio do ciclo de carbono. O excesso vai-se acumulando na atmosfera, de forma que intensifica o efeito estufa.

Os gases responsáveis pelo efeito estufa são também libertados naturalmente através de vulcões e incêndios florestais de causas naturais. As atividades humanas caracterizam-se pela emissão de gás carbónico (dióxido de carbono) em grandes quantidades – o gás carbónico é responsável por 75% do efeito estufa.

O metano, por sua vez, produz 12% do aquecimento global, mas também é 25 vezes mais ativo que o dióxido de carbono. Isso significa que uma molécula de metano segura o calor 25 vezes mais do que uma molécula de gás carbónico. A natureza produz um terço dessa substância, enquanto a atividade humana produz dois terços.

1.3. *Temperaturas mais elevadas podem ter alguma das consequências*

Há sempre algumas consequências, conforme se trata do âmbito do efeito estufa, o qual contribui para o aquecimento ambiental. Portanto, ambas as consequências são amplificadoras e redutoras do efeito estufa.

1.3.1. Consequências amplificadoras do efeito estufa:

- a. Redução da cobertura de “gelo do hemisfério norte e ou a fusão de parte da calote gelada do Ártico”. Isso reduziria o albedo terrestre (capacidade de reflexão da radiação solar), aumentando, ainda mais, a temperatura;
- b. “Libertação do metano encerrado no ‘permafrost’” (qualquer solo que permanece congelado por dois ou mais anos) do Ártico, o qual atuaria depois como um gás de efeito estufa;
- c. Aumento da taxa de decomposição da “matéria orgânica nos solos e húmus”, libertando maiores “quantidades de CO₂ para a atmosfera”;
- d. “Maior evaporação da água”, levando a um aumento da concentração, na atmosfera, de “vapor de água, o qual atua como um gás” de efeito estufa;
- e. Aumento da “taxa de respiração de plantas e animais”, libertando “CO₂ a partir do carbono” componente de toda a “biota mundial”⁶⁹.

⁶⁹ Graves, *A Mudança Global*, 37.

1.3.2. Consequências redutoras do efeito estufa:

- a. O aumento da “evaporação produz uma maior nebulosa”, aumentando o “albedo (radiação solar refletida pela terra e pela atmosfera) terrestre e diminuindo”, assim “a temperatura”;
- b. O mesmo aumento da “evaporação faz aumentar a precipitação polar de neve”, o que aumenta o “albedo terrestre”;
- c. O aumento da concentração “atmosférica de CO₂” estimula “globalmente a fotossíntese”, o que acaba por reter mais “carbono na biosfera”⁷⁰.

1.4. *Evitar a degradação ambiental e a questão da luta contra a fome*

A humanidade de hoje deve estar consciente dos seus deveres e tarefas em relação às gerações futuras. Portanto, é importante, sobretudo no ambiente do turismo, que todos tendam para uma gestão equilibrada do nosso habitat, daquilo que é a nossa casa comum e sê-lo-á para quantos vierem depois de nós. “A degradação ambiental só pode ser impedida difundindo uma adequada cultura comportamental, que inclua estilos de vida mais sóbrios”⁷¹. Eis a importância de educar para uma ética da responsabilidade e de proceder com propostas mais construtivas para garantir o bem-estar das gerações futuras.

Compete às novas gerações promover um turismo sadio e solidário, que elimine o consumismo e o desperdício dos recursos da terra, para deixar espaço a gestos de solidariedade e de amizade, de conhecimento e de compreensão. Desta forma o turismo pode tornar-se instrumento privilegiado de educação para a convivência pacífica dos povos.

1.5. *Os desafios que ameaçam a vida do ser humano*

Ao celebrar o Dia Mundial da Alimentação foi escolhido como tema central: A segurança alimentar mundial. Tendo em conta os desafios da mudança climática e das bioenergias, a reflexão incidiu na realização da luta contra fome e os obstáculos à ação da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO)⁷², perante os desafios renováveis que ameaçam a vida da família humana.

⁷⁰ Graves, *A Mudança Global*, 38.

⁷¹ Bento XVI, “Cerimónia de boas-vindas, encontro com autoridades de estado” (Paris, 12 de Setembro de 2008), acessado a 21-10-2019, http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20080912_parigi-elysee.html.

⁷² Bento XVI, “Mensagem à Conferência de alto nível sobre a segurança alimentar mundial”, in Maria Milvia Morciano (coord.), *Para uma Ecologia do Ser Humano: Antologia de Textos* (Braga: Editorial Franciscana, 2013), 86.

Presentemente, estamos numa situação alimentar bastante difícil, já que a disponibilidade de alimentos é insuficiente em relação ao consumo, e que as condições climáticas contribuem para pôr em perigo a sobrevivência de milhões de seres humanos, obrigados a deixar a própria terra para ir à procura de sustento.

Numa conferência de alto nível, a FAO recordou à comunidade internacional as suas responsabilidades direta perante a insegurança alimentar. Portanto, há uma mensagem para todos, indicando que precisamos de adotar “medidas corajosas, que não capitulem diante da fome e da subalimentação, como se se tratasse simplesmente de fenómenos endémicos e insolúveis”⁷³.

Ao acompanhar a situação de fome que alguns países enfrentam, sabendo que precisamos de colocar em alto nível o respeito para com a dignidade da pessoa, há que saber utilizar os instrumentos e recursos de que o mundo hoje dispõe para poder oferecer alimento suficiente às carências crescentes de todos.

Todo o esforço que se realiza numa campanha contra a fome tem muito mais exigência do que um simples estudo científico para enfrentar as mudanças climáticas ou para destinar corretamente a produção agrícola ao uso alimentar.

Há necessidade de construir relacionamentos entre os povos, com uma constante e autêntica disponibilidade de tornar cada país capaz de satisfazer as necessidades das pessoas carentes,⁷⁴ como há também a de transmitir a ideia de relacionamentos alicerçados em intercâmbio de conhecimentos recíprocos, de valores e de respeito.

1.6. *O combate contra à fome*

A fome está a aumentar em países onde o crescimento económico é lento, especialmente nos de renda média e naqueles que dependem fortemente do comércio internacional de mercadorias primárias. A Organização das Nações Unidas (ONU) pôs a claro essa situação mais difícil para os pobres, vulneráveis ou marginalizados perante desacelerações e crises económicos.⁷⁵

Em conjunto, a Organização Mundial da Saúde (OMS) e a FAO lançaram uma campanha contra a obesidade e em prol de uma nutrição sustentável. Margaret Chan (diretora

⁷³ Bento XVI, “Mensagem,” in Morciano, *Para uma Ecologia* (2013), 86.

⁷⁴ Bento XVI, “Mensagem,” in Morciano, *Para uma Ecologia* (2013), 88.

⁷⁵ World Health Organization, “World hunger is still not going down after three years and obesity is still growing,” (15 July 2019), acessado a 02/08/2020, <https://www.who.int/news-room/detail/15-07-2019-world-hunger-is-still-not-going-down-after-three-years-and-obesity-is-still-growing-un-report>.

geral da OMS), alerta que uma “parte de nosso desequilibrado mundo ainda morre de fome, e a outra parte come até atingir a obesidade”⁷⁶.

O Papa Francisco em cerimónia da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), defendeu que é necessário “combater a fome”, lutando contra “as mudanças climáticas e os conflitos”. Ao mesmo tempo, sublinha que é, urgente, “compartilhar a riqueza económica do mundo” apoio dos pobres em que passam fome, e a “solidariedade” é vista como atitude que “as pessoas a serem capazes de ir ao encontro do outro” e fundar as próprias relações e leva a procurar o “bem comum”⁷⁷.

Uma das condições essenciais para aumento dos níveis de produção das comunidades indígenas e também a paz e segurança no mundo é garantir o acesso à terra. E isso, favorecendo os trabalhadores rurais e promovendo os seus direitos.⁷⁸

A Santa Sé tem-se apercebido do interesse que cada país tem manifestado em favorecer um maior envolvimento por parte da comunidade internacional, na promoção da paz mediante a defesa dos direitos humanos e a salvaguarda do meio ambiente.⁷⁹ A experiência de cada país com capacidade tecnológica de recurso a energias alternativas pode ser de grande utilidade para todas as populações e contribuir para o desejo que o ser humano tem de ser melhor administrador da criação de Deus.

A falta de segurança alimentar e os efeitos causam a atual instabilidade nos preços dos produtos agrícolas. Há uma nova exigência estratégica na luta contra a pobreza rural e a promoção do desenvolvimento rural.⁸⁰ É bom saber que a Santa Sé compartilha plenamente do compromisso de superar a pobreza e a fome, indo ao encontro dos povos mais pobres do mundo.

Como os países ricos e em fase de desenvolvimento se reúnem para decisões conjuntas e determinar critérios para a contribuição orçamental de cada um para o Fundo, pode-se dizer que se encontram em termos de igualdade,⁸¹ expressando a sua solidariedade e os seus compromissos comuns para erradicar a pobreza e a fome.

A assistência oferecida aos produtores ajuda a construir a economia local e contribui para o desenvolvimento global em cada nação interessada. Sendo assim, os projetos de crédito

⁷⁶ FAO e OMS, “Campanha contra obesidade e por uma nutrição sustentável” (2014), acessado a 04/08/2020, https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2014/11/20/interna_internacional,591972/fao-e-oms-lancam-campanha-contr-obesidade-e-por-uma-nutricao-sustentavel.shtml.

⁷⁷ Papa Francisco, “Discurso do Papa Francisco: Visita do Santo Padre à FAO,” acessado a 21-10-2019, http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco_20141120_visita-fao.html

⁷⁸ Bento XVI, “Mensagem à Conferência,” in Morciano, *Para uma Ecologia*, 89.

⁷⁹ Bento, XVI, “O uso de energias alternativas,” in Morciano, *Para uma Ecologia*, 104.

⁸⁰ Bento, XVI, “Garantir com equidade o acesso aos recursos da terra,” in Morciano, *Para uma Ecologia*, 105.

⁸¹ Bento, XVI, “Garantir com equidade o acesso aos recursos da terra,” in Morciano, *Para uma Ecologia*, 106.

rural, aos pequenos proprietários da terra e aos trabalhadores agrícolas sem terra, podem incentivar uma economia mais vasta e oferecer maior segurança alimentar para todos.⁸²

A contribuição das Organizações Não-Governamentais (ONG) têm vínculos estreitos com a Igreja Católica e estão comprometidas com a aplicação do seu ensinamento social. O princípio de subsidiariedade exige que cada grupo ofereça contribuição para o bem de todos.⁸³ Muitas das vezes, é negada essa oportunidade para com os trabalhadores agrícolas nas nações em fase de desenvolvimento, na medida em que o seu trabalho é avidamente explorado e o seu produto é desviado para mercados distantes, tendo como resultado pouco ou nenhum benefício para a própria comunidade local.

Quanto à ação de cultivar a terra, disse São João XXIII na carta encíclica “Mater et Magistra”, § 143-144: “os lavradores podem facilmente convencer-se de quanto é nobre o seu trabalho: vivem no templo majestoso da criação [...] Este trabalho manifesta igualmente a dignidade dos que o realizam”⁸⁴.

O trabalho humano é uma presença e uma participação na providência criativa de Deus Todo-Poderoso, mas o trabalho agrícola é-o de maneira proeminente. Uma sociedade verdadeiramente humana saberá apreciar e recompensar sempre de maneira apropriada a contribuição do sector agrícola. Se for adequadamente ajudado e preparado, o trabalho agrícola terá a potencialidade de tirar um país da pobreza, lançando-lhe os fundamentos para uma prosperidade cada vez maior.

Agindo em harmonia e solidariedade com os diferentes elementos da família humana, garante-se o acesso equitativo aos recursos da terra, agora e no futuro. O que nos leva a realizá-lo, isso vem do amor: do amor pelos pobres, que não tolera a injustiça nem privação, amor que não permite descansar, enquanto a pobreza e a fome não forem eliminadas do meio de nós.

A erradicação da pobreza e da fome extremas, bem como a promoção da segurança alimentar e do desenvolvimento rural, longe de serem demasiado ambiciosas, tornam-se, imperativos obrigatórios para toda a comunidade internacional.⁸⁵ Por isso, promover uma transformação estrutural pró-pobre e com foco nas pessoas é colocar as comunidades no centro para lhe reduzir as vulnerabilidades econômicas e acabar com a fome.⁸⁶

⁸² Bento, XVI, “Garantir com equidade o acesso aos recursos da terra,” in Morciano, *Para uma Ecologia*, 106.

⁸³ Bento, XVI, “Garantir com equidade o acesso aos recursos da terra,” in Morciano, *Para uma Ecologia*, 107.

⁸⁴ João XXIII, “Mater et Magistra,” *AAS* 53 n.º 8 (1961).

⁸⁵ Bento, XVI, “Garantir com equidade o acesso aos recursos da terra,” in Morciano, *Para uma Ecologia*, 108.

⁸⁶ FAO e OMS, “Campanha”.

2. O respeito e a valorização da natureza

Nos tempos antigos, cada árvore, cada primavera, cada riacho, cada colina, tinha a sua própria essencialidade genial, ou espírito protetor. Antes de derrubar uma árvore, minerar uma montanha ou represar um riacho, era importante aplacar o espírito encarregado daquele lugar, em particular, e mantê-lo aplacado. Mas Weber foi o primeiro a dizer que a tradição hebraico-cristã havia “desencantado” a natureza, “considerando-a criação de Deus” e, assim, “eliminando a visão panteísta de outras religiões”⁸⁷.

Com efeito, isto é algo que todos os provindos de religiões animistas que chegaram à fé verificaram pessoalmente. Em mais de uma ocasião o bispo Zoa (Nome completo: Christophe Zoa, Bispo de Sangmélina, Camarões – Yaoundé, 10 de Junho de 1961)⁸⁸ descreveu com admiração o que experimentou no dia do seu batismo. As tradições ancestrais do seu povo haviam-no mergulhado num mundo de terror: determinado sinal era terrível; se alguém passar debaixo certa árvore, morrerá; se uma mulher beber daquela fonte, será estéril; se alguém não pronunciar tal feitiço corretamente, a má sorte o atingirá em todos os lugares... Quando experimentou a mudança para o senhorio único de Cristo, o Homem sentiu automaticamente libertado dos “demónios” da natureza (Cf. Gal 4,2.9-11; Col 2,8.20-22).

O cristianismo, no entanto, não alimenta uma relação “irreverente” para com a natureza, pois vê nela os vestígios de Deus.⁸⁹ Como o Ernesto Cardenal Martínez (Granada, 29 de Janeiro de 1925) – Manágua, 01 de Março de 2020; foi um escritor, sacerdote e teólogo nicaraguense), escreveu: “em toda a natureza encontramos as iniciais de Deus, e todos os seres criados são cartas de amor que Deus nos escreveu”⁹⁰. A originalidade da visão cristã consiste em opor-se à sacralidade e à profanação da natureza. Para a “consciência cristã”, o “mundo” é simultaneamente “sagrado e secular”, de modo que cada um dos “dois termos aceita ser limitado pelo outro”⁹¹.

Existem maneiras muito diferentes de contemplar a natureza. Quando o cientista, por exemplo, volta o olhar para ela, tenta descobrir como alguns fenómenos deram origem a outros, quais as leis que permitem explicar o que acontece nele e como seria possível modificar o curso espontâneo dos acontecimentos. Muito diferente é, no entanto, o olhar do Homem religioso. A este chama-o a atenção o mistério da existência e interroga-se sobre o porquê de os seres existirem, e não o nada, quando o Homem religioso contempla a natureza – segundo São Paulo

⁸⁷ Cf. Max Weber, *El político y el científico*, acedido a 08/11/2019, <http://www.hacer.org/pdf/WEBER.pdf>.

⁸⁸ Cf. Carvajal, *Entre la utopia*, 196.

⁸⁹ São Boaventura, *Itinerário da mente para Deus* (Porto: Ed. Centro de Estudos Franciscanos, 2009), 35.

⁹⁰ Ernesto Cardenal Martínez, “Vida el amor”, apud Carvajal, *Entre la utopia*, 197.

⁹¹ Cf. Luis González Carvajal, *Entre la utopia*, 197.

– percebe que “todas as coisas falam de Deus” (Rom 1,20). “Aquele que não é ilustrado com tantos esplendores de coisas criadas, é cego – disse São Boaventura –; quem com tantos gritos não reconhece, é surdo; quem por todos esses efeitos não louva a Deus, ele é mudo; quem com tantos sinais e não percebe o primeiro princípio, é louco”⁹².

A Bíblia acentua muito que Deus é Senhor da história e se revela através dos eventos – pense-se no Êxodo, por exemplo – mas não devemos esquecer que Ele se apresenta também como o Senhor da criação, revelando-se através dela. Lembremos, por exemplo, os salmos: “os céus proclamam a glória de Deus; o firmamento anuncia a obra das suas mãos” (Sal 19,2); “Senhor, nosso Deus, como é admirável o teu nome em toda a terra!” (Sal 8,2); “Senhor, meu Deus, como Tu és grande! Estás revestido de esplendor e majestade!” (Sal 104,1-2); “Louvai o Senhor [...], só Ele faz grandes maravilhas, porque o seu amor é eterno. Fez os céus com sabedoria [...], Estendeu a terra sobre as águas [...], Criou os grandes luzeiros: [...] o sol para presidir ao dia, [...] a lua e as estrelas para presidir a noite” (Sal 136,1.4-9). Ou aquela bela canção de Daniel (3,52-88) que quase sabemos de cor por rezar tanto em Laudes: “Criaturas todas do Senhor, bendizei ao Senhor, exaltai-O com hinos pelos séculos. Anjos do Senhor, bendizei ao Senhor; Céus, bendizei ao Senhor. Águas que estais acima dos céus, bendizei o Senhor...”. Quanto a Jesus de Nazaré, ele disse naturalmente que é Deus quem veste assim erva do campo (Cf. Mt 6,30).

A natureza é, com efeito, o nosso primeiro alfabeto coloquial com o mistério. Hermann Hesse escreve numa passagem memorável:

“Ouvi o zumbido do vento ressoar com milhares de tons entre as folhas das árvores, ouvi o barulho da água enquanto ela corria pelos riachos e o uivo da tempestade a atravessar as planícies ondulantes, e tinha a certeza de que todos esses tons eram a voz de Deus, e consegui entender que uma linguagem sombria e primitivamente bela faria recuperar o paraíso perdido pelo Homem. Tentei confirmar essa intuição nos livros, mas as páginas impressas nada sabiam sobre ela. Somente as palavras maravilhosas na Bíblia são referências ao ‘solução indizível’ das criaturas”⁹³.

Obviamente, não há razão para escolher entre o olhar do cientista e o do Homem religioso. Num Museu de Munique, onde muitos instrumentos astronómicos da época de Kepler e Galileu são preservados, por exemplo, alguns telescópios gravam as palavras do Salmo: “Os céus proclamam a glória de Deus” (Sal 19,2). Hoje, acontecem ainda coisas semelhantes – os astronautas do Apollo X, enquanto voam pelo espaço do cosmos, leem alternadamente o relato

⁹² São Boaventura, *Itinerário*, 34.

⁹³ Cf. Herman Hesse, *Peter Comenzind*, (Obras completas, t. 1, Aguilar, Madrid 1979), 81-82.

Bíblico da criação: “No princípio, quando Deus criou os céus e a terra” (Gn 1,1) –, mas esses são casos excepcionais. Telescópios gigantes, como o de Monte Palomar, não carregam mais legendas, como as de seus antecessores. E é uma pena, porque parece que existem linguagens não científicas que a humanidade não pode assumir sem perigo de empobrecimento.

Em termos de ecologia, há uma grande diferença entre os estaleiros industriais do século XIX desfazendo uma montanha para extrair o carvão que carregava em seu entorno, sem plantar qualquer dúvida sobre a possibilidade de os seres humanos terem o direito de agir assim, e São Francisco de Assis, que “até pelos vermes tinha afeição...por isso os retirava do meio do caminho para lugar seguro”, não fossem eles esmagados pelos que passavam. Quando encontrava muitas “flores juntas, pregava-lhes e convidava-as a louvarem o seu Senhor, como se fossem dotados de razão”. O mesmo fazia diante dos “trigais e dos vinhedos, dos rochedos e das florestas, das belas paisagens ridentes, das fontes, dos jardins, da terra e do fogo, do ar e do vento”, convidando-os com simplicidade e pureza de alma a “amarem e a louvarem o Senhor”. A todos os “seres chamavam irmãos e irmãs, como quem gozava já da gloriosa liberdade dos filhos de Deus”⁹⁴. Sobre isto, disse com razão Leonardo Boff: “o mundo Franciscano é cheio de magia, reverência e respeito. [...] Porque são irmãs, [as coisas] não podem ser violadas, mas devem ser respeitadas”⁹⁵.

3. Centro de conversão ecológica

Ouvir o grito da Casa comum contra a degradação ambiental que lhe provocamos, é estar atento aos riscos ambientais e de não coesão social que ameaçam o Planeta e a vida da comunidade. Há que denunciá-los e apontar-lhes nas causas. Por inadmissível o uso irresponsável dos bens da terra, é necessário identificá-lo e denunciá-lo no dia-a-dia.

Estabelecer na comunidade um diálogo para construção de uma ecologia integral, tanto na forma de se comportar individualmente, como nas opções e práticas da própria vida social. Na realidade, estamos conectados e, “tudo está relacionado, e todos nós, seres humanos, caminhamos juntos como irmãos e irmãs numa peregrinação maravilhosa, entrelaçados pelo amor com que Deus cuida de cada uma das suas criaturas” (LS § 92).

O convite que nos lança o Papa Francisco a uma conversão Ecológica ajuda-a nos refletir um pouco sobre os seguintes pontos; Qual é o significado desse convite? Será que isso traz

⁹⁴ Tomás de Celano, “Vida Primeira,” in São Francisco de Assis, *Fontes Franciscanas: Escritos, Biografias-Documentos*, 4.^a ed. (Braga: Editorial Franciscana, 2017), 302-303.

⁹⁵ Leonardo Boff, «El Franciscanismo, un desafío al desequilibrio ecológico», *Opciones de Vida. Retos al Franciscanismo* (Barcelona: Editorial Seráfica, 1982), 53.

alguma importância? Como encontrar o caminho para essa conversão específica? Aqui podemos entender como um chamamento de Deus, onde somos convidados a cuidar da casa comum, isto é, exige uma mudança de dentro para fora, o qual implica uma doação total de nós em prol de uma causa que constitui o sentido da nossa existência.

Como acompanhamos a situação atual, temos consciência de reconhecer que há muitas coisas erradas, não apenas no referente à ecologia. A mentira, a guerra, a ambição, a miséria, a fome, a corrupção e muitas outras realidades são tão claras que não dá para fechar os olhos perante elas. Em consciência, “a crise ecológica é um apelo a uma profunda conversão interior” (LS § 217) individualmente e, ao mesmo tempo, coletiva ou “conversão comunitária” (LS § 219).

A conversão ecológica requer uma reconciliação onde exista “paciência e confiança”⁹⁶ para uma mudança de atitude frente à realidade criada. Em primeiro lugar, implica “gratidão e gratuidade, renúncias e generosidade” (LS § 220) tendo consciência de que formamos com a criação uma estupenda comunhão universal.

O maior revolucionário espiritual da história ocidental, São Francisco de Assis – propôs o que, a seu juízo, era uma visão cristã alternativa da relação Homem-natureza. Tentou substituir a ideia do domínio da autoridade humana sem limites sobre a criação, pela ideia da igualdade entre todas as criaturas, incluindo homem e a mulher.⁹⁷ Portanto, se as raízes da nossa preocupação ecológica são basicamente religiosas, o remédio também o deve ser essencialmente religioso, queiramos ou não. Temos, por isso mesmo, reconsiderar e repensar a nossa natureza e o nosso destino.

Os dois grandes escritores norte-americanos Bill Devall e George Sessions destacaram, no seu livro *Ecologia Profunda*, o papel fundamental do Santo Fundador da Ordem Franciscana desta forma:

“Enquanto os ecologistas, geógrafos e biólogos citados, bem como muitos dos seus colegas, se debruçavam sobre os pressupostos do progresso, outros críticos voltavam-se para os pressupostos da dominação humana sobre a Natureza. Já no século XIII São Francisco de Assis tentou desviar o cristianismo dos pressupostos antropocêntricos dominantes, em direção a uma posição biocêntrica mais antiga e mais animista. Ele propôs uma democracia de todas as criaturas de Deus”⁹⁸.

⁹⁶ Papa Francisco, *Obtém-se tanto se espera*, «A paz como caminho de esperança: Diálogo, reconciliação e conversão ecológica» (01 de Janeiro de 2020), acessado 31-07-2020, http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20191208_messaggio-53giornatamondiale-pace2020.html.

⁹⁷ “Cântico das Criaturas,” in São Francisco de Assis, *Fontes Franciscanas*, 88.

⁹⁸ Bill Devall e George Sessions, *Ecologia Profunda: Dar propriedade à natureza na nossa vida* (Águas Santas: Sempre-em-pé, 2004), 65.

O Papa Francisco dá importância e chama a atenção para o facto de que a fé cristã aumenta segundo uma determinada atitude para com a realidade ecológica. “É bom, para a humanidade e para o mundo, que nós, crentes, conheçamos melhor os compromissos ecológicos que brotam das nossas convicções” (*LS* § 64).

O relato Bíblico apresenta a criação como dom gratuito de Deus. O Papa Francisco recorda-o nestes simples palavras:

“Não somos Deus. A terra existe antes de nós e foi-nos dada. Isto permite responder a uma acusação lançada contra o pensamento judaico-cristão: foi dito que a narração do Génesis, que convida a ‘dominar’ a terra (cf. Gn 1,28), favoreceria a exploração selvagem da natureza, apresentando a imagem do ser humano como dominador e devastador. Mas esta não é uma interpretação correta da Bíblia, como a entende a Igreja” (*LS* § 67).

A exegese atual deste trecho, segundo o mesmo Papa permite enfatizar a convocação à proteção e aos cuidados com as riquezas da criação. Assim:

“Se é verdade que nós, cristãos, algumas vezes interpretamos de forma incorreta as Escrituras, devemos decididamente rejeitar que, do facto de ser criados à imagem de Deus e do mandato de dominar a terra, se deduza um domínio absoluto sobre as criaturas. É importante ler os textos bíblicos no seu contexto, com uma justa hermenêutica, e lembrar que nos convidam a ‘cultivar e guardar’ o jardim do mundo (cf. Gn 2,15)” (*LS* § 67).

O convite a cultivar e guardar harmoniosamente todo o criado parece favorecer uma tensão crítica entre trabalhar a terra para o seu próprio sustento e preservá-la para todos os demais membros da humanidade.

“Enquanto ‘cultivar’ quer dizer lavrar ou trabalhar um terreno, ‘guardar’ significa proteger, cuidar, preservar, velar. Isto implica uma relação de reciprocidade responsável entre o ser humano e a natureza. Cada comunidade pode tomar da bondade da terra aquilo de que necessita para a sua sobrevivência, mas tem também o dever de protegê-la e garantir a continuidade da sua fertilidade para as gerações futuras (*LS* § 67)”.

Mudar a conexão do Homem com a natureza implica precisamente uma mudança da percepção que ele próprio tem de si mesmo: “Não haverá uma nova relação com a natureza, sem um ser humano. Não há ecologia sem uma adequada antropologia” (*LS* § 118).

O Papa admite que os cristãos nem sempre conseguem, efetivamente, pôr em prática aquilo em que creem, contudo, se as concepções de determinadas épocas dificultaram o reconhecimento da dimensão ecológica da tradição religiosa, isto não significa abandonar os relatos das experiências fundadoras, mas justamente, ao contrário, retornar a eles como a um tesouro valioso.

“Se às vezes uma má compreensão dos nossos princípios nos levou a justificar o abuso da natureza, ou o domínio despótico do ser humano sobre a criação, ou as guerras, a injustiça e a violência, nós, crentes, podemos reconhecer que então fomos infiéis ao tesouro de sabedoria que devíamos guardar. Muitas vezes, os limites culturais de distintas épocas condicionaram esta consciência do próprio patrimônio ético e espiritual, mas é precisamente o regresso às respetivas fontes que permite às religiões responder melhor às necessidades atuais” (*LS* § 200).

Por isso, o Papa Francisco sugere “linhas de espiritualidade ecológica” (*LS* § 216) que, na verdade, “nascem das convicções da nossa fé” animadas, não tanto por ideias, mas, sobretudo, por motivações “para alimentar uma paixão pelo cuidado do mundo” enraizada na experiência mística: “não é possível empenhar-se em coisas grandes, apenas com doutrinas, sem uma mística que nos anima”⁹⁹. É preciso admitir humilde e honestamente que nem sempre os cristãos conseguem apropriar-se da herança espiritual que receberam, procurando muitas vezes eximir-se das responsabilidades socioambientais que derivam da sua fé, sendo este um desafio a ser enfrentado no processo de conversão (Cf. *LS* § 216-217).

⁹⁹ Karl Rahner, “O cristão do futuro” (2004), acessado a 22/02/2019, <http://www.e-cristianismo.com.br/vida-crista/o-cristao-do-futuro.html>.

4. Síntese

Na encíclica *Laudato Si'*, o Papa Francisco sublinha que somos chamados a viver num relacionamento respeitoso com a “terra que nos precede” (*LS* § 67) e que foi confiada a nós, para cuidar dela; a terra não é propriedade nossa, mas somos chamados a ser administradores e guardiães. Porque é preciso entender os textos bíblicos nos seus contextos e ter capacidade de interpretação, porque o cultivar e guardar (cf. Gn 2,15), ambos têm o seu significado próprio, isto é, “cultivar significa lavrar ou trabalhar um terreno, guardar é proteger, cuidar, preservar, velar” (*LS* § 67), por outras palavras, pode-se definir como fazer o mundo crescer com responsabilidade, transformá-lo em lugar habitável para humanidade.

Diante da sistematização de estudos voltados para a compreensão desta nova dinâmica climática, que ora se apresenta, é de extrema importância olhar para a elaboração de políticas públicas voltadas para a minimização dos riscos decorrentes dos eventos climáticos extremos.

Diante de impactos ambientais intensificados pela ação humana, os efeitos atmosféricos no Planeta tem sido cada vez mais onerosos, isto é, são percebidos pelo aumento da poluição atmosférica, desencadeada pela queima de combustíveis fósseis, perturbações térmicas ocorridas a partir de estresse climático.

A irresponsabilidade ecológica é, no fundo, um problema moral, baseado num erro antropológico, surgido quando o ser humano se esquece que a sua capacidade de transformar o mundo deve respeitar sempre o Plano Divino.

Ao terminar o Capítulo II, apresentarei, em seguida, no Capítulo III, a saber De Francisco de Assis ao Francisco de Roma. Neste terceiro apartado vamos tratar sobretudo o encontro de São Francisco de Assis com o Sultão e as viagens apostólicas do Papa Francisco com objetivo de estabelecer a ponte com as outras confissões religiosas, em particular com os nossos irmãos muçulmanos.

CAPÍTULO III

DE FRANCISCO DE ASSIS A FRANCISCO DE ROMA

A maior parte das pessoas não sabiam a razão pela qual o vigário de Cristo optou por chamar-se Francisco. Alguns de nós pensaram em Francisco Xavier, em Francisco de Sales, ou em Francisco de Assis. Para clarificar bem estas dúvidas, foi quando o Sumo Pontífice Francisco tomou a palavra e esclareceu tudo, dizendo: “Deixai que vos conte como se passaram as coisas: “Na eleição, tinha ao meu lado o Cardeal Cláudio Hummes”, arcebispo emérito de São Paulo e também Prefeito emérito da Congregação para Clero: “Um grande amigo!”. Quando o caso começava a tornar-se um pouco “perigoso”, ele animava-me. E quando os votos atingiram dois terços, surgiu o habitual aplauso, porque foi eleito o Papa. Ele abraçou-me, beijou-me e disse-me: “Não te esqueças dos pobres!”. E aquela palavra gravou-se-me na mente. Os pobres, os pobres. Logo depois, “associando-o aos pobres, pensei em Francisco de Assis”. Em seguida “pensei nas guerras, enquanto continuava o escrutínio até contar todos os votos”. E Francisco é o homem da paz. E assim surgiu o nome no meu coração: “Francisco de Assis. Para mim, é o homem da pobreza, o homem da paz, o homem que ama e preserva a criação”. Neste tempo também “a nossa relação com a criação não é assim muito boa, pois não? Francisco é o homem que nos dá este espírito de paz, o homem pobre”¹⁰⁰.

Logo que o representante máximo da Igreja Católica em Buenos Aires é eleito como Bispo de Roma, ele assume o nome Francisco e torna-se inevitável fazer a comparação entre os dois Franciscos, o de Assis e o de Roma, tanto mais que, “o Francisco de Roma se confiou ao Francisco de Assis”. Portanto, não se pode falar numa imitação, mas de “constatar pontos de inspiração e coincidência que nos indicarão a forma e o estilo que o Papa Francisco quer conferir à direção da Igreja universal”¹⁰¹.

Devido ao facto de o Santo Padre ter escolhido o nome de Francisco, uma grande parte das pessoas voltou a interessar-se por esta figura medieval, isto é, uma das mais luminosas que o Cristianismo e o próprio Ocidente jamais produziram: Francisco de Assis. Há quem o chame último cristão ou o primeiro depois do único, de Jesus Cristo, ou até de “Alter Christus”¹⁰².

¹⁰⁰ Papa Francisco, “Discurso do Papa Francisco aos Jornalistas,” *AAS* 105 n.º 4-5 (16 de Março de 2013). Cf. ainda Enrico Imalà (Org), “A mensagem de São Francisco: o santo de Assis nas palavras do Papa.” (Lisboa: Clube do autor, 2017), 25.

¹⁰¹ Leonardo Boff, *Francisco de Assis e Francisco de Roma: Uma nova primavera na Igreja* (Lisboa: Pergaminho 2014), 43.

¹⁰² São Boaventura, “Legenda Maior,” n. 1-7, in *Fontes Franciscanas*, 702-707.

1. Os sonhos de Francisco de Assis e do Papa Francisco

O Sumo Pontífice, de certa maneira, dirige-nos para um sonho, pois são os sonhos que sempre dão ânimo e continuam a animar os criadores de novos caminhos e que inauguraram grandes mudanças e transformações. Francisco de Assis teve também um apelo, através e perante o Crucifixo, seguindo-o para reparar a Igreja de Deus.

1.1. O sonho de Francisco de Assis

Ao falar em sonho e sabendo que este é uma experiência de imaginação do inconsciente durante o tempo do sono, podemos fazer a pergunta: Qual seria o sonho do Papa Francisco? Estamos a supor que, quando escolheu o nome Francisco, se inspirou no sonho de São Francisco de Assis formulado nas palavras: “Francisco, vai e repara a minha casa que, como vês, está quase em ruínas”¹⁰³. Este simples acontecimento da palavra do Senhor, ouvida na Capela de São Damião, esconde um simbolismo profundo. Imediatamente, “São Francisco sentiu-se chamado a reparar esta pequena Igreja”¹⁰⁴. Porém, o estado ruinoso deste edifício era símbolo da situação dramática e inquietante da própria Igreja, nessa época. Com uma fé superficial que nem forma, nem transforma a vida; com um clero pouco zeloso, com esfriamento do amor; uma destruição interior da Igreja que também resultou de uma decomposição da unidade, com o surgimento do movimento dos hereges. Contudo, nessa Igreja em ruína, o Crucifixo está no centro e fala: convida à renovação, chama Francisco a um trabalho manual para reparar a pequena igreja de São Damião, modelo de um apelo mais profundo para renovar a própria Igreja de Cristo, com uma radicalidade da fé e com o entusiasmo do amor a Cristo.

Este acontecimento, ocorrido provavelmente em 1205, leva a pensar noutro acontecimento similar, ocorrido em 1209. O Sonho do Papa Inocêncio III. Este viu em sonhos a Basílica de São João de Latrão, Igreja mãe de todas as Igrejas, a desmoronar-se e um pequeno e insignificante religioso a sustentá-la com os ombros, para que não caísse.¹⁰⁵ É interessante notar que não é o Papa que sustenta a igreja, para que não caia, mas um religioso, débil e sem aparência, em quem o Papa reconhece Francisco, quando este o visita. Inocêncio III era um Papa poderoso, também possuidor de grande cultura teológica e com grande poder político. No entanto, não é ele quem renova a Igreja, mas, sim, um pequeno e insignificante religioso: Francisco de Assis.

¹⁰³ Tomás de Celano, “Vida Segunda,” n. 10, in *Fontes Franciscanas*, 247.

¹⁰⁴ Enrico Imalà (Org), “A mensagem de São Francisco: o santo de Assis nas palavras do Papa.” (2017), 73.

¹⁰⁵ Cf. “Legenda dos três companheiros,” n. 51, in *Fontes Franciscanas*, 869.

É importante verificar que São Francisco não renova a Igreja, sem ou contra o Papa, mas em comunhão com ele. Duas vontades unidas: hierarquia e carisma – o sucessor de Pedro, os Bispos, a Igreja fundada sobre o alicerce dos apóstolos e o carisma novo que o Espírito Santo cria nesse momento para renovar a Igreja. É na comunhão que se dá a verdadeira renovação.

São Francisco optou por viver o Evangelho¹⁰⁶ pura e literalmente, na mais radical pobreza, numa simplicidade quase ingénuo, numa humildade que o colocava na Terra, ao nível dos mais desprezados da sociedade, a viver entre os leprosos e a comer com eles da mesma tigela.¹⁰⁷

1.2. O sonho do Papa Francisco

O sonho de Francisco de Roma está conectado com o de Francisco de Assis. Sabendo que tudo tem lugar central em “Jesus, profeta e operário que viveu entre nós, aliás, Jesus histórico, na pobreza, na simplicidade, no serviço, no amor incondicional e na misericórdia sem limites, na proximidade de todos os que estavam à sua volta, especialmente os pecadores”¹⁰⁸. O Papa tem plena convicção de que Jesus de Nazaré salvará a Igreja, por isso, não se firma num rigorismo de Doutrina e de Disciplina, mas naquilo que o Jesus histórico disse e fez.¹⁰⁹

Como é sabido, no ano de 2013 ocorreu um conclave para os cardeais escolherem o sucessor para a cadeira de Pedro. A maioria dos cardeais elege o “cardeal Bergoglio e ele escolheu o seu nome, para assinalar um projeto de Igreja na linha do espírito de São Francisco”, cujo projeto “era o oposto do projeto de Igreja do seu tempo, que se expressava pelo poder temporal sobre quase toda a Europa até à Rússia, por imensas catedrais, sumptuosos palácios e abadias grandiosas”¹¹⁰.

Jesus ensinou-nos a viver, segundo o que os evangelistas relatam na oração da Fraternidade (Mt 6,9-13), na parábola do rico e Lázaro (Lc 16,19-31) e na do Bom Samaritano (Lc 10,25-37): como filhos e filhas de Deus, como irmãos e irmãs uns dos outros, como solidários para com os pobres e os oprimidos, como despojados das riquezas, sem nenhuma discriminação diante de qualquer pessoa, sã ou doente, pecadora ou piedosa, pagã ou hebreia, e como servidores de toda a humana criatura.¹¹¹

¹⁰⁶ Tomás de Celano, “Vida Primeira,” n. 22, in *Fontes Franciscanas*, 256.

¹⁰⁷ Tomás de Celano, “Vida Primeira,” n. 16, in *Fontes Franciscanas*, 251.

¹⁰⁸ Boff, *Francisco de Assis: Uma nova primavera*, 116.

¹⁰⁹ Cf. Boff, *Francisco de Assis: Uma nova primavera*, 116.

¹¹⁰ Boff, *Francisco de Assis: Uma nova primavera*, 51.

¹¹¹ Regra Bulada; Segundo a expressão própria de São Francisco de Assis, os frades deviam ser “submissos a toda a criatura por amor de Deus” (Rb 16,6), In *Escritos de São Francisco*.

Na época de São Francisco, a Igreja Católica estava moralmente danificada pela opulência dos Papas e pelo mundanismo dos Bispos e do Clero em geral. Hoje, está também reduzida devido a padres e bispos pedófilos e a escândalos financeiros do Banco do Vaticano. Tais desvios fizeram com que a Igreja perdesse o seu capital mais valioso; a sua reputação e moralidade.

Perante o Crucifixo de São Damião, São Francisco recebeu o apelo e a missão de reinventar outra forma de ser Igreja. O Papa Francisco foi eleito vigário de Cristo para resgatar o frescor e o fascínio que a Igreja perdera, desmoralizada perante todos.

Veio da periferia, do fim do mundo, do grande sul, e não de nenhuma sede episcopal famosa pela sua história. É filho do cristianismo colonizado, portanto, sempre dependente dos grandes centros metropolitanos e eclesiásticos. No entanto, este cristianismo, ao longo de quinhentos anos, lançou raízes nas nossas culturas mestiças, ganhou rosto novo e fermentou uma surpreendente vitalidade e originalidade.

O Sumo Pontífice Francisco traz características novas, que são a base do seu original estilo de ser, de atuar, de falar e de se relacionar com todos. É através desta originalidade que pode projetar a reinvenção institucional da Igreja e configurar de forma diferente a velha estrutura da Cúria Romana.¹¹²

O Cristianismo centro-europeu agoniza e está no crepúsculo. Outrora, foi uma fonte de águas vivas.

“Hoje é um resíduo de água estagnadas e sem vida. É um cristianismo que nos chega marcado por disputas filosófico-teológicas e político-religiosas que tornaram inflexível a novidade do Evangelho. É um cristianismo refém dos quadros teóricos da cultura greco-romano-germânica que produziu os seus frutos. Mas, passou”¹¹³.

Desta forma, foi instaurada uma autarquia espiritual mais cerrada e asfíxiada, sem capacidade de autorrenovação interna e de intercâmbio cultural com o meio. A Igreja concebeu-se como um castelo cercado, protegido e isolado do curso da História. Este tipo de Igreja não tem condições para renovar a instituição e garantir um futuro significativo no interior da fase planetária da humanidade. A renovação só poderia vir de fora. E veio. É o significado providencial da figura do Papa Francisco, considerando características, carregadas de consequências.¹¹⁴

¹¹² Boff, *Francisco de Assis: Uma nova primavera*, 117.

¹¹³ Boff, *Francisco de Assis: Uma nova primavera*, 117.

¹¹⁴ Boff, *Francisco de Assis: Uma nova primavera*, 118.

2. De São Francisco ao Papa Francisco: no âmbito do “Espírito de Assis”¹¹⁵

Francisco de Assis tentou reconciliar o cristianismo com o Islão. Totalmente contra as Cruzadas, entendidas pelo comum dos cristãos como uma ‘guerra santa’, o santo foi um verdadeiro arauto do amor, com palavras e gestos. De forma tal que “chegou a visitar o sultão Malik Al-Kamil, em Damietta, no Egito, em Agosto de 1219”¹¹⁶.

O Papa Francisco segue e assume o mesmo espírito de Francisco de Assis, espírito de paz e de reconciliação, que, no santo, culminara já no chamado ‘Perdão de Assis’, ou Indulgência da Porciúncula, experiência da qual Francisco de Roma, em 2015, hauriu e se baseou para o Jubileu Extraordinário da Misericórdia.

Nesse sentido se insere o ‘*Espírito de Assis*’, convocado por João Paulo II, em 27 de outubro de 1986.¹¹⁷

2.1. São João Paulo II e o Espírito de Assis

O Sumo Pontífice São João Paulo II teve um papel importantíssimo na edificação duma relação fraterna entre todas as confissões religiosas e também reatar laços entre os cristãos, isto é, o diálogo inter-religioso e ecuménico. Durante o seu pontificado realizou o primeiro encontro pela paz entre os líderes religiosos em Assis. O que em Assis criou uma novidade foi o facto de a súplica da oração não ser de uns contra os outros, mas prece fraterna, de uns pelos outros, e com os outros.

“O convite ao diálogo, a todos os níveis, para tornar possível uma ecologia integral, tem um bom modelo universal de referência em São Francisco de Assis, um santo amado até por muitos que não são cristãos”¹¹⁸.

Com efeito, para o Pontífice, o ‘*Espírito de Assis*’:

“encontra raízes em São Francisco de Assis, profeta e instrumento da paz e irmão de todas as criaturas. As suas palavras e sobretudo os gestos reconciliaram cidades e homens desavindos, mostrando que a profecia messiânica anuncia que “as espadas se converterão em arados [...] e o lobo viverá com o cordeiro...” (Is 2, 4; 11, 6), e pode deixar de ser mera utopia. “Um desses gestos, que maior brado deu, foi o

¹¹⁵ Carbajo, *Ecologia franciscana*, 257.

¹¹⁶ Noel Muscat, OFM, “La llegada de San Francisco a Oriente”, in *Tierra Santa: la revista de los Santos Lugares* n. 4 (Set./Out. de 2017), 28.

¹¹⁷ João Paulo II, “Discurso de João Paulo II aos representantes das Igrejas e comunidades eclesiais cristãs reunidas em Assis para o dia Mundial da Oração,” *AAS* 79 n.º 7 (1987).

¹¹⁸ Carbajo, *Ecologia franciscana*, 257.

encontro com o sultão Malik Al-Kamil, em 1219; acontecimento cujo centenário foi celebrado no ano que acabou, com numerosos encontros de oração e reflexão em prol da paz”¹¹⁹.

Foi há 34 anos que, em Assis, surgiu o desejo de realizar um encontro das religiões em favor da paz. São já muitos anos de caminho no Espírito de Assis, percorrido desde a manhã do “dia 27 de Outubro de 1986”¹²⁰. São João Paulo II, inspirado na ousadia evangélica do gesto e palavras de Francisco de Assis, quis “fazer renascer das cinzas de um século de guerras e intolerância”, o “espírito de Assis”. Provocou o degelo, ao congregar na cidade de São Francisco uma jornada que o mundo não se lembrava de ter visto. A imagem era impressionante: “Juntava-se o cristianismo do Ocidente com o do Oriente e as Igrejas da Reforma”, partilhando o espaço com a religião “hebraica e islâmica”, abraçando “o budismo e o hinduísmo”, saudando cordialmente a polifónica vitalidade de tantas outras tradições espirituais presentes para, juntos, “rezarem e jejuarem pela paz”¹²¹.

Na Porciúncula (Basílica de Santa Maria dos Anjos), surgiu no céu de Assis um esplêndido e auspicioso Arco-Íris, em que todos viram um sinal de esperança e paz.

Celebrámos, no ano passado, 33 anos desse acontecimento profético de Assis que se transformou em ícone de paz e esperança para a humanidade. De facto, “o mundo vivia tempos atribulados. Em várias partes do mundo, surgiram focos de guerra” e o muro de Berlim teimava em dividir a humanidade em blocos contrapostos e manter um clima de guerra fria. Neste contexto, a “ONU proclamou 1986 ano internacional da paz. João Paulo II, sempre atento aos sinais dos tempos, aproveitou a ocasião para, na semana da oração pela unidade dos cristãos (18-25 de janeiro), tornar pública a iniciativa de uma Jornada de oração pela paz em Assis”¹²².

Para este encontro especial em Assis seriam convocadas as autoridades das Igrejas e comunidades cristãs e representantes das religiões de todo o mundo. Na mesma altura, o Papa recordava a urgência do empenho de toda a humanidade pela paz: “nenhum cristão ou mesmo nenhum ser humano que acredite em Deus Criador do mundo e Senhor da história pode permanecer indiferente, perante um problema que toca intimamente o presente e o futuro da humanidade”¹²³.

¹¹⁹ Isidro Pereira Lamelas, OFM, “O Espírito de Assis ou o espírito da paz: de São Francisco ao Papa Francisco: Diálogo entre as religiões e a construção da paz,” in *Revista Mensageiro do Coração de Jesus* (Janeiro 2020), 14.

¹²⁰ Carbajo, *Ecologia franciscana*, 258.

¹²¹ Lamelas, “O Espírito de Assis,” 14.

¹²² Lamelas, “O Espírito de Assis,” 14.

¹²³ Papa João Paulo II, “Omelia di Giovanni Paolo II: Conclusione dell’Ottavario di Preghiera per l’unità dei Cristiani,” *AAS* 78 n.º 6 (1986), acedido a 08/07/2020, <http://www.vatican.va/archive/aas/documents/AAS-78-1986-ocr.pdf>.

Em Janeiro de 1993, quando a Europa sofria os horrores da guerra dos Balcãs, o bispo de Roma, movido pelo “desejo de educar para a paz através da divulgação de uma espiritualidade e de uma cultura de paz”, sentiu mais uma vez ser urgente voltar a Assis para, com todas as religiões, rezar pela paz.¹²⁴

O encontro do ‘*Espírito de Assis*’ envolve também a participação daqueles que se afirmam como não crentes, considerando que a paz é um valor globalmente reconhecido. Estes encontros têm mudado a maneira como as religiões estabelecem laços e se empenham em tarefas comuns, manifestando como é possível edificar laços onde o respeito e entendimento mútuo estão presentes.

2.2. *O sonho da paz e a profecia de Assis a partir da concentração das confissões religiosas*

As religiões necessitam de rever as suas histórias, em busca de uma plena reconciliação, para que o caminho conjunto da paz se torne efetivo, oportuno e profético. O “Espírito de Assis”, renovado, em nossos dias, acentua essa “nova” oportunidade para as religiões. O entusiasmo nos visita, de facto, e existe a possibilidade de fazer a diferença. Portanto, o Papa Francisco sublinha que “a paz interior como o cuidado da ecologia e o bem comum, porque autenticamente vivida”, por isso, “é necessário alargar a nossa compreensão da paz” (*LS* § 225), porque

“a paz mundial está ameaçada, não apenas pela corrida aos armamentos, pelos conflitos regionais e por causa das injustiças que ainda existem no seio dos povos e entre as nações, mas também pela falta do respeito devido à natureza, pela desordenada exploração dos seus recursos e pela progressiva deterioração da qualidade de vida”¹²⁵.

O “projeto de paz” não terá de ser composto pelas lideranças mundiais, mas pelas bases das nossas tradições de fé. A autêntica transformação precisa de acontecer desde baixo, precisamente porque é aí que se encontram os problemas mais sérios. É tempo de um novo protagonismo, onde cada comunidade tome parte nessa descoberta mútua da promoção da paz. É preciso encontrar caminhos para a resolução criativa dos conflitos e a neutralização das hostilidades. De contrário, tais momentos serão festivos e entusiasmantes, mas não passam de oportunidade para um turismo inter-religioso, até com plena piedade, e sem uma implicação no

¹²⁴ Lamelas, “O Espírito de Assis,” 14.

¹²⁵ João Paulo II, “Paz com Deus Criador paz com toda a criação: Mensagem de Sua Santidade para a Celebração do XXIII Dia Mundial da Paz,” (1 de Janeiro de 1990), acedido a 06/05/2020, http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_19891208_xxiii-world-day-for-peace.html.

mundo das pessoas que creem. Contudo, pode-se dizer que sem hospitalidade inter-religiosa não há paz religiosa e social.

O papa Francisco sublinha que a “paz social não pode ser entendida como uma mera ausência de violência obtida pela imposição de uma parte sobre as outras, porque se assim for seria uma paz falsa aquela que servisse como desculpa para justificar uma organização social que silencie ou tranquilize os mais pobres” (*EG* § 218).

Na maneira de difundir a paz entre a humanidade inteira, o Papa João Paulo II convidou, mais uma vez, em 24 de janeiro de 2002 – poucos meses depois do trágico atentado de 11 de setembro – os representantes de todas as Igrejas, comunidades cristãs e religiões, para outra jornada de oração pela paz, mantendo bem vivo o desejo da paz e a profecia de Assis. Nessa mesma oportunidade, o Sumo Pontífice enviou aos chefes de Estado e governantes do mundo uma carta onde apresentava o “Decálogo de Assis para a paz”¹²⁶, no qual reiterava a necessidade de a família humana escolher o amor, em vez do ódio. Contra os que vaticinam um futuro de guerras religiosas e conflitos entre civilizações, há que dar eco às palavras fortes de João Paulo II em Assis, em 2002: “Mai più violenza! Nunca mais a violência! Nunca mais a guerra! Nunca mais o terrorismo! Em nome de Deus, cada religião deve trazer à terra justiça e paz, perdão e vida”¹²⁷.

Estar em paz com o Criador é necessário para uma conversão ecológica, e assim, “melhor nos poderemos consagrar a construir a paz com toda a criação, inseparável da paz entre os povos”¹²⁸, porque aqui podemos ver “a paz como um bem precioso, um objeto da nossa esperança; por ela aspira toda a humanidade”¹²⁹.

Ao longo do tempo, vários fundamentalistas utilizaram a religião como meio para atingir os seus fins porque surge “uma má compreensão dos princípios de cada crente que os levou a justificar o domínio do ser humano sobre a criação ou as guerras, a injustiça e a violência” (*LS* § 200). Por isso, a história reconhece o triste fenómeno das guerras de religião, sabe que o sentido religioso alcança sempre a sua maturidade e gera no crente a percepção de que a fé em Deus, Criador do universo e Pai de todos, não pode deixar de promover entre homens e mulheres relações de fraternidade universal.

¹²⁶ João Paulo II, “O Decálogo de Assis para a Paz: Carta do Santo Padre São João Paulo II a todos os chefes de governo do Mundo com o Decálogo de Assis para a Paz,” (Vaticano, 24 de Fevereiro 2002), acessado a 11/02/2020, http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/2002/documents/hf_jp-ii_let_20020304_capi-stato.html

¹²⁷ João Paulo II, “O Decálogo de Assis para a Paz”.

¹²⁸ João Paulo II, “Paz com Deus Criador”.

¹²⁹ Papa Francisco, *A paz como caminho de esperança: diálogo, reconciliação e conversão ecológica*, «Mensagem do santo padre para a celebração do dia Mundial da Paz (1 de Janeiro de 2020)», acessado a 06/05/2020, http://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2020/documents/papa-francesco_angelus_20200101.html.

“A paz constrói-se, dia a dia, na busca de uma ordem querida por Deus, que traz consigo uma justiça mais perfeita” (EG § 219) entre o ser humano, por isso, entra aqui a questão ecológica como uma responsabilidade para todos porque implica o respeito pela vida e pela dignidade da pessoa humana, inclui também o respeito e o cuidado pelo universo criado, que está chamado a unir-se com o ser humano para glorificar a Deus (cf. Sl 148 e 96).

Na verdade, registam-se em todas as grandes tradições religiosas, testemunhos do vínculo íntimo que existe entre a relação com Deus e a ética do amor. Portanto, a iniciativa promovida há 34 anos por São João Paulo II assume o carácter de uma profecia pontual e um testemunho de paz.¹³⁰ Como ensinou o Concílio Vaticano II, na Declaração *Nostra aetate* – sobre as relações da Igreja com as religiões não cristãs – “não podemos [...] invocar Deus, Pai de todos, se nos recusarmos a tratar fraternalmente determinados homens e mulheres, criados à imagem de Deus”¹³¹. Apesar das diferenças que caracterizam os vários caminhos religiosos, o reconhecimento da existência de Deus é acessível aos homens e mulheres, que só podem chegar a Ele partindo da experiência da criação (Cf. Rm 1, 20).

3. O encontro histórico de Francisco de Assis e Francisco de Roma com os maometanos

Há 800 anos realizava-se o histórico encontro de diálogo entre São Francisco de Assis com o Sultão do Egipto, Malik Al-Kamil, um pilar na esteira do diálogo inter-religioso islâmico-cristão. Era o ano de 1219. Francisco de Assis, ante as Cruzadas e o clima de violência e conflito delas decorrente, decidiu dar o seu contributo para promover a paz, com a bênção e permissão do Papa Honório III.

No século XIII, houve um encontro profético de São Francisco de Assis com O Sultão do Egipto, Malik Al-Kamil. A histórica visita do Papa Francisco aos Emiratos Árabes é a confirmação da mesma intuição. Pode-se ser cristão entre os muçulmanos e muçulmano entre os cristãos, sem contendias nem guerras em nome de Deus. Pode-se ser devoto de uma religião, sem se ser intolerante para com os credos diferentes. Mostra-se, ainda, o caminho a seguir: o encontro e a hospitalidade. Por sua vez, para que o encontro se proporcione, há que correr o

¹³⁰ Cf. Bento XVI, “Mensagem do Bento XVI no 20º Aniversário do encontro Inter-Religioso de Oração pela paz convocado por João Paulo II,” (Castel Gandolfo, 2 de Setembro de 2006), acedido a 21/01/2020, http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/letters/2006/documents/hf_ben-xvi_let_20060902_xx-incontro-assisi.html.

¹³¹ Papa Paulo VI, “Declaração *Nostra Aetate* sobre a Igreja e as religiões Não-Cristãs,” *AAS* 58 n.º 10 (8 de outubro de 1966).

risco de atravessar limiares e derrubar fronteiras inventadas por medos humanos e interesses políticos.

3.1. *O Poverello de Assis em diálogo com o Islão, em Damietta*

O Papa Francisco sublinha o “diálogo como caminho que requer paciência” e abertura ao outro na escuta e na “generosidade” (LS § 201). “Grandes percursos de diálogo” (LS § 163) ajudam-nos a “usar a inteligência, com audácia e responsabilidade para encontrar formas” (LS § 192) de estabelecer a paz e justiça entre todos. Por isso, “o diálogo deve ser mais uma atitude vivencial do que um acervo de palavras”, apelar mais ao “coração” do que ao raciocínio, buscar mais a “amizade do que os pactos”¹³². No ano 2000, São João Paulo II fala no contexto do

“diálogo como um caminho que leva a conhecer a riqueza da diversidade e predispõe os ânimos para a recíproca aceitação, em ordem a uma autêntica colaboração, por isso é urgente propor novamente o caminho do diálogo a um mundo atribulado por demasiado conflitos e violências, por vezes desanimados e incapaz de perscrutar os horizontes da esperança e da paz”¹³³.

Durante muito tempo, o Santo de Assis quis ir até o Oriente em missão a terras do Islão. Esse seu sonho teve lugar desde 1212.¹³⁴ Mas circunstâncias em contrário foram adiando o seu sonho.

No mês de “setembro de 1218, chegou a Damietta o legado pontifício, cardeal Pelaio Galvão (1165-1232), a fim de dirigir a Quinta Cruzada”¹³⁵. A mentalidade que levava era a de que o Islão nasceu com a espada e se difundiu com a espada, devendo, por isso, também ser destruída com a espada.

A 24 de junho de 1219 junta-se aos cruzados, que partiram de Ancona. Embarcou com 12 frades, indicados por crianças, de entre muitos que desejavam acompanhá-lo. Cinco deles eram conhecidos: Pedro de Catânio, Bárbaro, Sabatino, Leonardo de Gislerio e Iluminado de Arce. Tomando consigo o referido Frei Iluminado, por ter alguns conhecimentos de árabe prático, no fim de julho ou começo de agosto de 1219, Francisco chegou ao campo dos

¹³² Carbajo, *Ecologia franciscana*, 251.

¹³³ João Paulo II, “Mensagem de sua Santidade João Paulo II para a celebração do XXIII dia Mundial da Paz”, (1 de Janeiro de 2000), acessado a 10/05/2020, http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_08121999_xxxiii-world-day-for-peace.html.

¹³⁴ Isidro Pereira Lamelas, OFM, “Ensaio: Francisco de Assis e Francisco de Roma encontram-se com os irmãos muçulmanos,” (09 de Fevereiro de 2019), acessado a 23/01/2020, <https://setemargens.com/ensaio-francisco-de-assis-e-francisco-de-roma-encontram-se-com-os-irmaos-muculmanos/>.

¹³⁵ Lamelas, “Ensaio: Francisco de Assis”.

cruzados, perto de Damietta. Parece que os terão acompanhado ainda até à frente da batalha, Fr. Pedro de Catânio, Fr. Elias e Fr. Cesário de Espira.¹³⁶

São Boaventura, na sua *Legenda Maior*, descreve nestes termos os primeiros passos do inaudito encontro:

“Tomando por companheiro Frei Iluminado, um irmão de facto iluminado, no sentido de inteligente, e também corajoso, puseram-se a caminho, quando imediatamente depararam com duas ovelhinhas. Entusiasmado com este encontro, Francisco comentou para o companheiro: “confia no Senhor, meu irmão! Está a realizar-se em nós aquele aviso do Evangelho: ‘Envio-vos como ovelhas para o meio de lobos’”¹³⁷.

Ao terminar o encontro com o Sultão, de certeza que ele deu indicação aos dois fradinhos para dizerem o seu nome, quando atravessassem a fronteira, tanto que Francisco e o Iluminado repetiam o nome do Sultão continuamente, de tal forma que os sarracenos deixaram-nos passar, julgando-os embaixadores dos chefes dos cristãos, com propostas de rendição ou de abjurar da fé. Não podemos recordar aqui todos os pormenores do encontro, que algumas fontes narraram com pormenor. Sublinhamos apenas o essencial: a hospitalidade e a cortesia com que tudo decorreu.¹³⁸

O Sultão e Francisco,¹³⁹ dois espíritos nobilíssimos, enquanto os exércitos cristãos e sarracenos procuravam o extermínio, baixam as barreiras e acabam por entender-se e amar-se. Grande foi, por isso, o espanto e a admiração dos cruzados, quando, cerca de um mês depois, viriam reaparecer em Damietta os dois frades, escoltados por cavaleiros sarracenos, mandados pelo Sultão para os proteger e honrar.

Com este encontro inusitado, o Santo de Assis inaugurou um movimento em contracorrente, dentro da Igreja. Não porque tenha inventado algo, mas porque recuperou o espírito original da Igreja missionária, isto é, da Igreja de Cristo que “veio derrubar o muro que separava” (Ef 2,14) de um Deus que nos chama dum outro lado do mar. Francisco arrisca colocar-se numa fronteira física, religiosa e missionária para suprimir o medo que resulta das fronteiras da exclusão. A peregrinação retoma agora o seu sentido original, tal como a cruz que, como ensina S. Paulo, aproximou os que “estavam longe” (Ef 2,13). A cruz volta a ser a porta de entrada para a nova humanidade que deve construir caminhos e pontes e não muros.

¹³⁶ Cf. Tomás de Celano, “Vida Segunda,” n. 30, in *Fontes Franciscanas*, 389-390.

¹³⁷ São Boaventura, “*Legenda Maior*,” IX, 8, in *Fontes Franciscanas*, 699.

¹³⁸ Lamelas, “Diálogo entre as religiões,” in *Revista*, 17.

¹³⁹ Tomás de Celano, “Vida Primeira,” XX, 5, in *Fontes Franciscanas*, 286.

Assim, enquanto ambas as margens do Mediterrâneo eram marcadas pelo ódio, o Pobre de Assis foi a Damietta, a poucos quilômetros de distância do Cairo para conversar com o Sultão Malik Al-Kamil, fazendo com que o Evangelho se encontrasse com o Alcorão.

“O diálogo processa-se sem que nenhum dos interlocutores tenha de renunciar à respectiva fé. Os doutores da lei muçulmanos ainda ameaçaram cortar a cabeça aos dois frades, mas o sábio Kamil” ponderou melhor, lembrado do seu “antepassado Saladino”, que soube conviver com três leis: “sarracena, judia e cristã”¹⁴⁰.

Um gesto inesperado foi este, vindo de Francisco de Assis, forte nas intenções e implicações, mas que permaneceu por muito tempo, pouco “glorioso”, sendo considerado até mesmo, para a maioria, como um “fracasso”. Mas foi desejo do próprio Francisco de Assis ir até os muçulmanos, “sem bolsa nem alforje...” (Lc 10,4), com a única arma do respeito, que ainda hoje se coloca como caminho para buscar o entendimento e a harmonia entre Oriente e Ocidente. O Pobrezinho de Assis, com a visão da evangelização e com as suas ações, faz parte de toda uma outra lógica, desconhecida na época, e acaba até mesmo por prever a derrota dos cruzados.

Nós somos seres falantes e através da fala construímos o mundo com nossas relações. Portanto, o ser humano é, na essência, alguém de relação ilimitadas.

Os dois grandes líderes atuais do cristianismo e do Islão, Francisco e Al-Kamil, uniram-se em favor da paz e da tolerância em ambiente de guerra e conflito, durante as Cruzadas. Deram um exemplo de diálogo inter-religioso e compreensão recíproca. Portanto, promovemos juntos a missão de São Francisco e do Sultão. Cabe-nos enfrentar os que espalham ódio e preconceitos entre religiões. Cabe a nós comprometermo-nos seriamente para convencer os outros a unirem-se no movimento que promove o diálogo inter-religioso, a paz e a harmonia social, ao celebrar o 800º aniversário daquele encontro histórico.

3.2. A primeira visita Papal da Igreja Católica, o vigário de Cristo na Península Árabe

A viagem apostólica do Sumo Pontífice Papa Francisco a Abu Dhabi, nos Emirados Árabes Unidos, caracterizou-se por dois abraços: o abraço de paz com o Grande-Imã de Al-Azar, e, também, 2) o abraço com o mundo muçulmano sunita. Ambos os gestos simbolizam um caminho de encontros. Contudo, o Papa Francisco lança o convite a todos os

¹⁴⁰ Lamelas, “Diálogo entre as religiões,” in *Revista*, 17.

“crentes para que sejam coerentes com a sua própria fé e não contradigam com as suas ações; será necessário insistir para que se abram novamente à graça de Deus e se nutram profundamente das próprias convicções sobre o amor, a justiça e a violência” (LS § 200).

O Papa Francisco convida a todos para uma conversão pessoal e coletiva a “pensar no bem comum e a prosseguir pelo caminho de diálogo que requer paciência, ascese e generosidade, lembrando sempre que a realidade é superior à ideia” (LS § 201).

O abraço que marcou a primeira das duas assinaturas insere-se no contexto de um documento conjunto entre a Igreja Católica e a Universidade de Al-Azar sobre a fraternidade humana pela paz mundial e a convivência comum. Portanto, os dois líderes religiosos fizeram uma declaração dizendo-se irmãos, com todas as implicações positivas que este nome traz em si. Como testemunhas do abraço e da assinatura, estavam os líderes das grandes religiões mundiais e, humildemente, a Comunidade. É a realização do sonho de São João Paulo II: as religiões rezam pela construção da paz e umas pelas outras. Não mais uns contra os outros.

A ida do Papa Francisco aos Emirados Árabes Unidos, como visita de Estado, constituiu evidentemente um momento histórico de grande importância simbólica. Pôs em conjunto diferentes nacionalidades, com maneiras de vida muito diferentes, a conviveram nesse país. O objetivo da mensagem e da visita do Papa é o de encorajar a buscar as coisas que os unem, para além das diferenças da fé e da cultura, isto é, a ideia de tolerância, que compartilham os muçulmanos, os cristãos e outras confissões religiosas. No entanto, a natureza excepcional desta visita também deriva da personalidade do próprio Papa Francisco. Ele é o primeiro Papa da América Latina. Ele fala para todos. Ele tem o carisma do *‘Poverello’* de Assis, de deitar por terra os muros para estar conectado com todos, podendo, assim, criar e estabelecer um laço entre o pastor e as suas ovelhas. Ele também é capaz de ver para além da superficialidade das coisas. Num mundo com muitos conflitos, ele traz a “mensagem da unidade e da busca da paz”¹⁴¹. O Papa salienta que

“chegou o tempo de as religiões se gastarem mais ativamente, com coragem e ousadia e sem fingimento, para ajudar a família humana a amadurecer a capacidade de reconciliação, a visão de esperança e os itinerários concretos da paz”¹⁴².

¹⁴¹ Papa Francisco, “Documento sobre a Fraternidade Humana em Prol da Paz Mundial e da convivência comum,” (4 de fevereiro de 2019), acessado a 29/01/2020, http://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html.

¹⁴² Papa Francisco, “Viagem Apostólica do Papa Francisco aos Emirados Árabes Unidos: Encontro inter-religioso,” (3-5 de Fevereiro de 2019), acessado a 14/02/2020, http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/february/documents/papa-francesco_20190204_emiratiarabi-incontrointerreligioso.html.

E mais fundamental ainda é que “a religião não seja instrumentalizada e corra o risco de, admitindo violência e terrorismo, se negar a si mesma”¹⁴³. É por isso que a sua visita aqui não diz respeito apenas aos Emirados ou ao mundo muçulmano, mas estende-se muito para além deles.

O Papa Francisco e o Grande-Imã de Al-Azhar Ahmed Al-Tayyib assinaram o documento conjunto que marca a história das relações entre a Igreja e o Islão. O documento sobre “a Fraternidade Humana em Prol da Paz Mundial e da convivência comum”¹⁴⁴, de que resumimos alguns passos. O documento é um passo de grande importância no diálogo entre cristão e muçulmanos e um poderoso sinal de paz e esperança para o futuro da humanidade.¹⁴⁵

Francisco e Al-Tayyib “indicaram juntos um caminho de paz e reconciliação no qual todos os homens e mulheres de boa vontade podem caminhar; não apenas cristãos e muçulmanos”. É um documento “corajoso e profético, porque enfrenta, chamando-os pelo nome, os temas mais urgentes do nosso tempo. Temas sobre os quais quem acredita em Deus é exortado a questionar a própria consciência e assumir com confiança e decisão a sua responsabilidade de dar vida a um mundo mais justo e solidário”¹⁴⁶.

A *LS* sublinha o papel da religião na busca de soluções para o problema ecológico. Não é em vão que a religião leva o Homem a sair de si mesmo para se ligar com laços de amor a Deus, aos outros e à natureza, considerando “a realidade como um todo integrado e independente”¹⁴⁷. O papel da religião deve ser complementado com o da ciência, pois as “diferentes abordagens da realidade” induzem a um “diálogo fecundo e produtivo para ambas” (*LS* § 62).

É também um apelo vibrante a responder ao mal com o bem, a fortalecer o diálogo inter-religioso e a criar o respeito mútuo para bloquear o caminho daqueles que sopram no fogo do conflito de civilizações.

Na introdução do Documento, Francisco e Al-Tayyib sublinham que a fé leva o crente a ver no outro um irmão que se deve apoiar e amar. Da fé em Deus, que criou o universo, as criaturas e todos os seres humanos – iguais pela sua Misericórdia –, o crente é chamado a expressar esta fraternidade humana, salvaguardando a criação e todo o universo e apoiando todas as pessoas, especialmente, as mais carenciadas e os pobres.

¹⁴³ Papa Francisco, “Encontro inter-religioso”.

¹⁴⁴ Papa Francisco, “Documento sobre a Fraternidade Humana”.

¹⁴⁵ Papa Francisco, “Documento sobre a Fraternidade Humana”.

¹⁴⁶ Papa Francisco, “Documento sobre a Fraternidade Humana”.

¹⁴⁷ Carbajo, *Ecologia Franciscana*, 255.

Na verdade, o Papa e o Grande-Imã fazem memória da realidade em que vivemos: “Partindo deste valor transcendente, em vários encontros dominados por uma atmosfera de fraternidade e amizade, compartilharemos as alegrias, as tristezas e os problemas do mundo contemporâneo, a nível do progresso científico e técnico, das conquistas terapêuticas, da era digital, dos mass-media, das comunicações; a nível da pobreza, das guerras e das aflições de tantos irmãos e irmãs em diferentes partes do mundo, por causa da corrida às armas, das injustiças sociais, da corrupção, das desigualdades, da degradação moral, do terrorismo, da discriminação, do extremismo e de muitos outros motivos”¹⁴⁸.

Portanto, na declaração conjunta, os dois líderes, Católico e Muçulmano, sublinham e dão atenção a questões importantes, tais como a miséria, a exploração e a degradação moral e determinam uma solução, baseada no trabalho conjunto, capaz de reverter esses males e amenizar as suas consequências.

É preciso saber que a presença cristã em Abu Dhabi antecede a criação dos Emirados Árabes Unidos (em 1971), porque, no início dos anos 1960, o Emir de Abu Dhabi deu terras aos católicos para construírem uma Igreja.¹⁴⁹ Hoje, existem muitos outros locais de culto para as outras religiões, e queremos que todos possam praticá-las livremente. É por isso que a visita do Papa também vai além dos católicos: ela traz uma mensagem mais geral de união e de respeito mútuo, uma ideia que também queremos transmitir aos nossos jovens, para convidá-los a serem mais tolerantes do que os mais velhos.

Com otimismo, conclui-se: de tais fraternas e sinceras confrontações do encontro cheio de esperança, entre o Papa Francisco e o Grande-Imã, num futuro luminoso para todos os seres humanos, nasceu a ideia deste “Documento sobre a fraternidade humana”¹⁵⁰. Um documento refletido e baseado na honestidade e na seriedade, pretendendo ser uma afirmação conjunta de boas e leais vontades, capaz de convidar toda a gente, que traz no coração a fé em Deus e a fé na fraternidade humana, a unir-se e trabalhar em conjunto, de modo que tal Documento se torne para as novas gerações um guia rumo à cultura do respeito mútuo, no entendimento da grande graça divina que torna irmãos e irmãs todos os seres humanos.¹⁵¹

¹⁴⁸ PAPA FRANCISCO, “Encontro inter-religioso”.

¹⁴⁹ Gauthier Vaillant, “Visita do Papa a Abu Dhabi levou mensagem de união e de respeito mútuo,” (05 de fevereiro de 2019), acessado a 28/01/2020, <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/586449-visita-do-Papa-a-abu-dhabi-levou-mensagem-de-uniao-e-de-respeito-mutuo>.

¹⁵⁰ Papa Francisco, “Documento sobre a Fraternidade Humana”.

¹⁵¹ Papa Francisco, “Documento sobre a Fraternidade Humana”.

Segundo o voto do Sumo Pontífice Francisco em Abu Dhabi,¹⁵² foi dado mais um passo:

“Eu e o Grã-Imã de Al-Azhar Ahmed assinamos o ‘Documento sobre a Fraternidade Humana’, no qual afirmamos juntos a comum vocação de todos os homens e mulheres de ser irmãos enquanto filhos e filhas de Deus; punimos toda a forma de violência, especialmente a violência revestida de motivações religiosas, e nos responsabilizamos na difusão dos valores autênticos e da paz no mundo. Este Documento – acrescentou – será estudado nas escolas e nas universidades de muitos países, mas eu também aconselho que vós o leiais, e conheçais, porque traz muitos impulsos para avançar no diálogo sobre a fraternidade humana”¹⁵³.

3.3. “Construir a paz é difícil, mas viver sem paz é o tormento”¹⁵⁴

Neste momento, é necessário perceber que, para criar a paz, é preciso eliminar a venda e a compra das armas, porque “é uma absoluta contradição falar de paz, negociar a paz, e, ao mesmo tempo, promover ou admitir o comércio das armas”¹⁵⁵.

No Catecismo da Igreja Católica enuncia-se que

“o respeito e o desenvolvimento da vida humana exigem a paz. A paz não é somente ausência de guerra e não se limita a garantir o equilíbrio das forças adversas. A paz não pode ser obtida na terra sem a salvaguarda dos bens das pessoas, sem a livre comunicação entre os seres humanos, o respeito pela dignidade das pessoas e dos povos, a prática assídua da fraternidade. E a ‘tranquilidade da ordem’, ‘obra da justiça’ (Is 32,17) é efeito da caridade”¹⁵⁶.

¹⁵² Scaramuzzi, Iacopo, “‘Que os fiéis leiam o documento que assinei com os imãs’, pede Francisco” (06 de Fevereiro 2019), acessado a 29/01/2020, <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/586460-que-os-fieis-leiam-o-documento-que-assinei-com-os-imas-pede-francisco>.

¹⁵³ Papa Francisco, “Audiência Geral: Viagem apostólica aos Emirados Árabes Unidos,” (6 de Fevereiro 2019), acessado a 02/02/2020, http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2019/documents/papa-francesco_20190206_udienza-generale.html.

¹⁵⁴ Papa Francisco, “Regina Coeli: Peregrinação do Papa Francisco à Terra Santa por ocasião do 50º aniversário do encontro em Jerusalém entre o Papa Paulo VI e o Patriarca Atenágoras,” (Belém, 25 de Maio de 2014), acessado a 05/02/2020, http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2014/documents/papa-francesco_regina-coeli-terra-santa_20140525.html.

¹⁵⁵ Cf. Papa Francisco, “Mensagem do Santo Padre Francisco para a celebração do XLVII dia mundial da paz,” (1 de janeiro de 2014), acessado a 05/02/2020,

http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20131208_messaggio-xlvii-giornata-mondiale-pace-2014.html.

Cf. ainda Papa Francisco, “Mensagem do Santo Padre Francisco para a celebração do 50º Dia Mundial da Paz,” (1 de janeiro de 2017), acessado a 05/02/2020,

http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20161208_messaggio-l-giornata-mondiale-pace-2017.html.

¹⁵⁶ Catecismo da Igreja Católica § 2304.

E, como podemos perceber, para criar a paz é preciso ter coragem. Há que ver o que deixaram para nós os nossos antepassados e o empréstimo que contraímos para as gerações futuras. Filhos e filhas, cansados e extenuados pelos conflitos: desejosos de alcançar a aurora da paz. Filhos que nos pedem o derrube dos muros da inimizade e a busca da estrada do diálogo e da paz, para que triunfem o amor e a amizade. Portanto, para estabelecer a paz é necessário ter coragem, muita mais do que para criar a guerra. É preciso coragem para dizer sim ao encontro, e não à briga; ao diálogo, e não à violência; às negociações, e não às hostilidades; ao respeito dos pactos, e não às provocações; sim à honestidade, e não à falsidade. Para tudo isto, é necessário ter coragem, grande força de espírito. Há que manter acesa em nós a chama da coragem para efetuar, com paciência e perseverança, opções de diálogo e reconciliação para que vença, finalmente a paz, a confiança perante os nossos medos e o perdão diante das nossas tensões.¹⁵⁷

O bem comum comporta a paz, isto é, uma ordem justa, duradoura e segura. Supõe, portanto, que a autoridade assegure, por meios honestos, a segurança da sociedade e a de seus membros, fundamentando o direito à legítima defesa pessoal e coletiva. Aqui também podemos sublinhar que a paz terrestre, a partir da perspectiva bíblica, é imagem e fruto da paz messiânica (Is 9,5). Pelo sangue de sua cruz, Cristo “matou a inimizade na própria carne”, reconciliou os homens e as mulheres com Deus e fez de sua Igreja o sacramento da unidade do género humano de sua união com Deus. “Ele é a nossa paz” (Ef 2,14) e declara “bem-aventurados os que promovem a paz” (Mt 5,9).

3.4. A paz de Francisco é a de Cristo

Quem segue a Cristo recebe a verdadeira paz, a paz que só Ele, e não o mundo, nos pode dar. Na ideia de muitos, Francisco aparece associado com a paz. E está certo. Mas poucos o veem em profundidade.

Qual é a paz que Francisco acolheu e viveu, e nos transmite? A paz de Cristo, que passou através do maior amor, o de Cristo. É a paz que Jesus ressuscitado deu aos discípulos, quando apareceu no meio deles (cf. Jo 20,19-20). É a paz da Ressurreição.

A chamada oração de São Francisco de Assis (porque a ele atribuída) possui uma singularidade. Não vem de teólogos profissionais, mas de pessoas que se inscrevem nas áreas ditas impropriamente “seculares”, da administração e da pedagogia e que fazem reflexões de

¹⁵⁷ Papa Francisco, “Palavras do Papa Francisco, Invocação pela Paz,” (Vaticano 8 de Junho de 2014), acessado a 05/02/2020, http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/june/documents/Papa-francesco_20140608_invocazione-pace.html.

grande pertinência. Ao lado de cada verso, recolhe-se tópicos da vida de São Francisco que servem de contexto ou de ilustração ao conteúdo da oração.

Nesta oração, atribuída ao seráfico de Assis, aparece o que é tipicamente cristão e que não se encontra nas demais formulações da Lei Áurea (“faz ao outro o que não queres que te façam a ti” ou de forma totalmente negativa: “não faças ao outro o que não queres que te façam a ti” [Tb 4,15]).

Francisco de Assis queria seguir o exemplo de Jesus Cristo de um modo absoluto, em todos os aspetos. Um dos seus gestos, nesse sentido, era aproximar-se das pessoas, desejando-lhes a paz. Foi com essa mesma palavra que Jesus, depois da ressurreição, se apresentou aos seus discípulos, que se haviam escondido no Cenáculo com medo do que lhes poderia acontecer. E o Papa Francisco, numa das suas reflexões, definiu a paz cristã como “paz inquieta”¹⁵⁸, que nos impulsiona a tomar iniciativas a favor de um mundo onde as pessoas se sintam acolhidos e respeitadas.

Ao acompanhar os sinais de paz do nosso tempo, deparamo-nos com uma frase da “oração de São Francisco” onde se diz: “Senhor, fazei-me instrumento da vossa Paz”¹⁵⁹. A paz é um bem universal e por isso deve ser construída por todos nós, em nome de valores que estão presentes em cada homem e mulher. Se cada um pusesse em prática o conteúdo dessa oração, assistiríamos a uma revolução inusitada. Jesus Cristo foi e continua a ser inspiração de milhões de mulheres e de homens que, em vez de se acusarem uns aos outros, arregaçam as mangas e lutam por uma cultura do amor.

Muitas vezes, queremos viver em harmonia e manter a paz de espírito, mas no ambiente que frequentamos isso nem sempre é possível. As diferenças entre as pessoas provocam atritos constantes. E, como somos inflexíveis em nossas crenças e opiniões, esses desencontros e choques sempre existirão. Isso não quer dizer que devemos deixar de pedir para que a paz se propague no mundo inteiro. A “oração de São Francisco” ensina-nos a sonhar e a lutar pela paz. A paz em nossa casa, nas ruas, nas cidades e entre todas as nações. A paz, sobretudo, dentro de cada um de nós.

¹⁵⁸ Ferreira, Pedrosa, “Papa Francisco dia-a-dia” (2015), acessido a 06/02/2020, <https://books.google.pt/books?id=YaUADgAAQBAJ&pg=PA6&lpg=PA6&dq=Papa+Francisco:+a+paz+crist%C3%A3+como+a+paz+inquieta&source=bl&ots=UO1jGE69Uk&sig=ACfU3U3Y-TCOK7iOSrcBO6VaVv31Vh6oBg&hl=pt-PT&sa=X&ved=2ahUKEwjvuM3d-LznAhVFDWMBHWjnCsEQ6AEwAnoECAgQAQ#v=onepage&q=Papa%20Francisco%3A%20a%20paz%20crist%C3%A3%20como%20a%20paz%20inquieta&f=false>.

¹⁵⁹ Cf. Oração Simples de São Francisco. Quando se fala de paz franciscana, muitos, ainda hoje, citam imediatamente a chamada Oração Simples de São Francisco. A oração aparece pela primeira vez no número de dezembro de 1912 de *La Clochette*, uma pequena revista fundada por um sacerdote da Normandia, Esther Auguste Bouquerel (1855-1923), que publicou a oração, provavelmente escrita por ele mesmo, na mesma revista. O problema da atribuição a São Francisco começou quando o capuchinho Étienne Benôit de Paris publicou a oração atrás de uma imagem de São Francisco que sustém a regra da terceira ordem, intitulando-a *Prière pour la paix*, In Enrico Imalà (Org), “A mensagem de São Francisco: o santo de Assis nas palavras do Papa,” 36-37.

4. O que acontecer no planeta terra dependerá da reconciliação interior do ser humano?

No *Cântico das Criaturas*,¹⁶⁰ terminado no final da sua vida, Francisco revela o seu segredo. É quando descobre o sentido luminoso da criação, após de viver uma experiência interior, que é como que experiência de um novo nascimento.

Ao convertermo-nos em Homem novo, compreendemos o sentido da criação. A água, o vento, o fogo, simbolizam as forças obscuras que nos habitam e cercam. No *Cântico*, elas perdem ou suavizam o seu carácter destruidor. Portanto, Francisco exprime não só o seu amor pelas criaturas, mas também a reconciliação com todas as suas forças íntimas obscuras. Sem esta reconciliação, o Homem não pode entender-se com Deus, com as pessoas, com as coisas e consigo mesmo.

Francisco de Assis era um homem apaixonado, que conseguia captar todas estas forças para as transformar em forças de amor e unidade. Se não nos esforçarmos por seguir essa orientação, essas forças podem ser desperdiçadas ou tornar-se destruidoras. Por isso, fraternidade humana e fraternidade cósmica são inseparáveis.¹⁶¹

Não basta proclamar os *Direitos Humanos*,¹⁶² para que homem e mulher respeitem os seus semelhantes e os considerem como seus irmãos e irmãs. Os grandes autores espirituais mostram-nos o caminho da salvação. É preciso que ele se abra ao amor que o Criador manifesta para com toda a sua obra, até às mais humildes criaturas.

No ser humano, a Natureza prossegue rumo ao seu futuro, também por descobrir. Entretanto a busca do ser humano orienta-se para uma maior responsabilidade, uma maior liberdade, quanto aos seus projetos. Cabe-lhe pois assumir, cuidar, preservar a liberdade, para que não se torne escravo da liberdade nem a liberdade converta em tirania.¹⁶³

Pela história da humanidade, percebemos que o ser humano é liberdade. Tem poder de construir e de destruir, gerando o verdadeiro progresso ou comprometendo o seu futuro e o de toda a criação. Depende do que escolher.

¹⁶⁰ São Francisco de Assis, “Cântico das Criaturas,” in *Fontes Franciscanas*, 60 e 88.

¹⁶¹ Éloi Leclerc, *A Fraternidade como Herança* (Braga: Editorial-Franciscana, 2019), 20.

¹⁶² Cf. “Declaração Universal dos Direitos do Homem,” acessado a 08/02/2020, http://pfdc.pgr.mpf.mp.br/atuacao-e-conteudos-de-apoio/legislacao/direitos-humanos/declar_dir_homem.pdf.

¹⁶³ M. Isabel P. Varanda, “A Ecologia como chave hermenêutica da Criação e da Evolução,” *Theologica* 45 (2010), acessado a 03/03/2020, <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/13354/1/varanda.pdf>.

5. Uma ‘Igreja sem saída’ e uma ‘Igreja em saída’

O Papa provém de outro tipo ou experiência de Igreja. Uma Igreja periférica, mais leve e colorida, mais flexível e que tomou os tons e os sons da Encarnação nas diferentes culturas existentes no continente latino-americano. Sentiu-se livre para um novo ensaio de Igreja, à semelhança do cristianismo dos primórdios, quando penetrou na cultura greco-latina, e, mais tarde, na germânica. Assim, está à altura dos desafios internos e externos, especialmente perante a devastadora crise do sistema-vida e do sistema-Terra, que assola toda a humanidade e que não poupa sequer a Igreja do Velho Mundo.

5.1. Uma ‘Igreja sem saída’¹⁶⁴

O Sumo Pontífice, Francisco, apercebe-se de que a forma romanocêntrica e eurocêntrica está sem saída; já não manifesta condições para resgatar o frescor do Evangelho e a alegria que a mensagem cristã produz. Criou-se o que ele chama “desertificação espiritual”. A proposta de refundação está completamente concentrada no encontro pessoal com Jesus histórico, “não idealizado pelas ideologias posteriores de magnificação”¹⁶⁵, mas com o Jesus dos Evangelhos que se fez pobre, simples, humilde e que peregrinou no meio do povo.

À igreja no seu global restaura e tem presente o pensamento de missão. Portanto, aqui não se refere a conquistar pessoas para a religião cristã, mas sim deixar livre as pessoas para as suas opções, isto é, insiste-se na proposta de reconhecer o outro, de curar o outro, de estabelecer pontes, de estar conectados e de nos apoiarmos¹⁶⁶ “a carregar as cargas uns dos outros” (Gl 6,2). Lembra o Papa: “A Igreja não cresce por proselitismo, mas por atração”. Deixa a tradicional expressão “nova evangelização”, pela mais rica “conversão pastoral”¹⁶⁷ de toda a Igreja no sentido de se estar próximo das pessoas e caminhar lado a lado com elas.

A metáfora usada na entrevista que deu à revista dos Jesuítas *Civiltà Cattolica*, em setembro de 2013, foi brilhante:

“Vejo com clareza [...] que aquilo de que a Igreja mais precisa hoje é a capacidade de curar as feridas e de aquecer o coração dos fiéis, a proximidade. Vejo a Igreja como um hospital de campanha depois de uma batalha. [...] As pessoas têm de ser acompanhadas, as feridas têm de ser curadas. [...] As reformas organizativas e

¹⁶⁴ Boff, *Francisco de Assis: Uma nova primavera*, 156.

¹⁶⁵ Boff, *Francisco de Assis: Uma nova primavera*, 156.

¹⁶⁶ Boff, *Francisco de Assis: Uma nova primavera*, 157.

¹⁶⁷ Boff, *Francisco de Assis: Uma nova primavera*, 157.

estruturais são secundárias, isto é, vêm depois. A primeira reforma deve ser a da atitude. Os ministros do Evangelho devem ser capazes de aquecer o coração das pessoas, de caminhar na noite com elas, de saber dialogar e mesmo de descer às suas noites, na sua escuridão, sem perder-se. O povo de Deus quer pastores e não funcionários”¹⁶⁸.

A *Evangelii Gaudium* (EG) vem, no global, perpassada de alegria, de esperança e de audácia inovadora. O querer optar por uma Igreja-casa de todos e para todos, sem o emaranhado confuso das doutrinas. Francisco elabora uma posição fundada no realismo filosófico, segundo o qual a realidade extrapola sempre o conceito ou “a realidade é superior à ideia”. Este princípio da primazia da realidade sobre a sua representação evita que “a ideia desligada da realidade dá origem a idealismos e nominalismos ineficazes que, no máximo, classificam ou definem, mas não empenham” (EG § 231-232).

Com humor, o Pontífice afirma que há evangelização com “cara de funeral” (EG § 10), que muitos vivem uma permanente “Quaresma sem Páscoa” (EG § 6), “pessimistas lamurientos e desencantados com cara de vinagre” (EG § 85), com atitudes de “generais de exércitos derrotados” (EG § 96).

5.2. Uma Igreja em saída (EG § 20)

O Papa Francisco partiu da percepção aguda de que a Igreja, tal como estava, era uma Igreja sem “saída”. Ele propôs “uma Igreja em saída”, isto é, uma saída: o sonho, o frescor e o fascínio e o regresso do envio a partir do Antigo e do Novo Testamentos. No Antigo Testamento: Abraão aceitou o chamamento para partir rumo a uma nova terra (cf. Gn 12,1.3); Moisés ouviu o chamamento de Deus: “Vai; Eu te envio” (Ex 3,10), e fez sair o povo para a terra prometida (cf. Ex 3,17); a Jeremias, disse Deus: “Irás aonde Eu te enviar” (Jr 1,7). No Novo Testamento, a obediência em missão com o mandato de Jesus: “ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado” (Mt 28,19-20); a decisão dos Apóstolos foi de fundarem a Igreja como algo autónomo, de “saírem” e de “deixarem de ser uma seita judaica”, que vivia em comunhão “de bens em Jerusalém e frequentava o templo para rezar”¹⁶⁹; naquele

¹⁶⁸ “A Igreja? Um hospital de campanha: Entrevista ao Papa Francisco realizado pelo Padre António Spadaro diretor da revista “Civiltà Cattolica,” in *L’Osservatore Romano* (21 de Setembro de 2013), acessado a 20/02/2020, http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/Papa-francesco_20130921_intervista-spadaro.html.

¹⁶⁹ Boff, *Francisco de Assis: Uma nova primavera*, 161.

“ide” de Jesus, estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, e hoje todos somos chamados a esta nova saída missionária; os discípulos reuniram-se em Concílio em Jerusalém e decidiram: “pareceu bem ao Espírito Santo e a nós” “sairmos” para os gentios; tomaram elementos da mensagem de Jesus e fundaram a Igreja concreta.

Nós somos seres “falantes” e através da “fala construímos o mundo com nossas relações”. Portanto, “o rosto do outro torna impossível a indiferença” porque ele torna o ser humano, na essência, alguém de relação ilimitadas. O “rosto do outro” nos convida a tomar posição porque “fala, provoca, evoca e convoca”. Especialmente “o rosto do pobre, marginalizado e excluído”¹⁷⁰.

A Igreja, para usar a linguagem do Papa Francisco, nasceu desta “saída” para os gentios e para o mundo; caso contrário, teria continuado a ser uma seita judaica, restrita à Palestina.¹⁷¹

Daí que a Igreja “em saída”¹⁷² se caracterize pelo bom senso de se envolver, acompanhar, frutificar, encontrar e festejar com os que estão nas periferias. A comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor (cf. 1 Jo 4,10), e, por isso, ela sabe ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos.¹⁷³ A compaixão de Jesus é uma compaixão que o impele a sair de si mesmo para anunciar, mandar em missão, enviar a curar e a libertar. Reconhecemos a nossa fragilidade, mas deixamos que Jesus a tome e nos lance para a missão, já que, a audácia e a coragem apostólicas são constitutivas da missão.¹⁷⁴

¹⁷⁰ Leonardo Boff, *Saber cuidar: Ética do humano – compaixão pela terra* (Petrópolis: Vozes, 1999), 39.

¹⁷¹ Boff, *Francisco de Assis: Uma nova primavera*, 162.

¹⁷² Papa Francisco, *Laudato si'*, § 24.

¹⁷³ Papa Francisco, *Laudato si'*, § 24.

¹⁷⁴ Papa Francisco, “Exortação Apostólica *Gaudete et exultate* sobre o chamamento à santidade no mundo atual”, (Libreria Editrice Vaticana, 2018), § 131.

6. Síntese

O Sumo Pontífice Francisco é o primeiro Papa da Companhia de Jesus. Preferiu sentir e viver o seu pontificado referindo-se frequentemente a São Francisco de Assis, ultrapassando barreiras e divisões seculares. Neste aspeto, o sucessor de Pedro tornou-se um verdadeiro franciscano, sendo embora sempre jesuíta. De facto, a espiritualidade franciscana sempre esteve ligada à figura de Francisco de Assis e à sua experiência pessoal de “Deus Trino e Uno”¹⁷⁵.

O Papa Francisco escolheu este nome em homenagem a Francisco de Assis figura notável da Itália e França, principalmente, por causa do seu amor pela Igreja e pelos pobres. Recorda-se todos os indigentes e os cristãos que se unem para ajudar os doentes, os órfãos, sem abrigo, perseguidos, marginalizados.¹⁷⁶

O diálogo inter-religioso é condição necessária para a paz, preocupação dos dois Franciscos. E é um caminho para a paz, não porque contribui para afastar o espectro funesto das guerras de religião (que já cobriram de sangue muitos períodos da história da humanidade), mas porque este pode contribuir para que, finalmente, o nome do único Deus se torne cada vez mais o que é: um nome de paz, um imperativo de paz. E aqui o Papa referiu também o sair de si com coragem e ir ao encontro do outro, não para convertê-lo à nossa religião, mas para entender e estabelecer ponte entre todas as religiões, meio caminho para construir a paz.

O encontro vivido por São Francisco de Assis e pelo Sultão Malik Al-Kamil, há oito séculos atrás, em plena quinta cruzada, foi um encontro de paz. Acreditamos que o sonhador Francisco estende a paz a toda criação, sentido prático e mais eficácia do que os que preferiram o confronto ao diálogo. O resultado reside, precisamente, no facto de que, oitocentos anos depois, os frades franciscanos, ainda permanecem na Terra Santa, vivos e ativos.

O Papa Francisco aproveitou o ensejo do VIII centenário do encontro de São Francisco de Assis com o Sultão Al-Malik Al-Kamil para como irmãos vir procurar a paz junto doutros irmãos. Tornando-se assim todos instrumentos de paz ao serviço da construção de uma ecologia integral.¹⁷⁷ Portanto, “não podemos permitir que as atuais e as novas gerações percam a memória do que aconteceu, aquela memória que é garantia e estímulo para construir um futuro mais justos e fraterno”¹⁷⁸.

O coração desta experiência de diálogo inter-religioso centra-se na relação com as pessoas. Nós não encontramos muçulmanos ou judeus, encontramos pessoas que vivem a fé

¹⁷⁵ Francisco de Assis, “Louvores a Deus,” In *Fontes Franciscanas*, 51.

¹⁷⁶ Cf. Papa Francisco, “Encontro com o corpo diplomático acredito junto da Santa Sé: «Discurso do Santo Padre Francisco,” (Sala Régia, 22 de março de 2013).

¹⁷⁷ Papa Francisco, “Documento sobre a Fraternidade Humana”.

¹⁷⁸ Papa Francisco, “Documento sobre a Fraternidade Humana”.

muçulmana ou judaica. E hoje também pessoas que não vivem dentro do horizonte da fé, mas são pessoas com as quais é possível entrar em relação, seguir juntos e cooperar. Respeita-se a “crença, a liberdade de culto e a liberdade religiosa”¹⁷⁹.

Francisco de Assis recorda que não se pode chamar meu àquilo que é de Deus. É esta uma atitude que gera a restituição a Deus, de tudo o que Dele provém.¹⁸⁰ São Francisco exorta a louvar, pede que trabalhemos, oferecendo um exemplo através das atitudes. Uma espiritualidade vivida como uma fraternidade: irmãos que vivem como menores diante de todos os homens e mulheres. O Papa em Marrocos “sente-se junto das periferias e dos confins. Deus já lá está e Jesus já lá se encontra”¹⁸¹.

Uma Igreja em saída aos extremos e confins requer constante e permanente conversão missionária. Quantos santos, quantas mulheres e homens de fé nos dão testemunho, mostrando como é possível e praticável esta abertura ilimitada, esta saída misericordiosa, ditada pelo impulso urgente do amor e da sua lógica intrínseca de dom, sacrifício e gratuidade (cf. 2 Cor 5,14-21).

O Sumo Pontífice, na Celebração dos Dias Mundiais das Missões¹⁸² apresenta sempre o Espírito Santo como o principal motor da missão. A Ele compete soprar nos nossos corações: “vem e “vai”. Dentro deste apelo, podemos questionar-nos: aonde ir e ao encontro de quem? Aqui, Jesus intervém. Encoraja os seus discípulos a fazerem-se ao largo, a irem para outra margem, para os confins. Ao encontro do outro, daquele que, sendo-me desconhecido, é o meu próximo, e ter misericórdia com um irmão que o Senhor colocou no meu caminho.

Aprendendo com o passado, aprendemos com a história, a sanar feridas que nos condicionam. Viveremos o futuro, alimentando o entusiasmo e fazendo germinar sonhos, suscitar profecias, fazer florescer esperanças. A partir desse momento, em diante, poderemos aprender uns com os outros, a aquecer os corações, a inspirar as nossas mentes com a luz do Evangelho e a dar nova força às nossas mãos.¹⁸³

¹⁷⁹ Papa Francisco, “Coletiva de imprensa do Santo Padre durante o voo de regresso de Rabat,” (31 de Março de 2019), acessado a 24/02/2020, <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/events/event.dir.html/content/vaticanevents/pt/2019/2/5/voloritorno-emiratiarabi.html>.

¹⁸⁰ Cf. São Francisco de Assis, “Louvores a dizer antes de todas as horas,” in *Fontes Franciscanas*, § 55. Diz São Francisco: «Omnipotente, santíssimo e soberano Deus, [...] todo o bem a ti atribuíamos para sempre”.

¹⁸¹ Papa Francisco, “Coletiva de imprensa”.

¹⁸² Cf. Papa Francisco, “Mensagem de sua Santidade para o dia Mundial das Missões de 2019,” (20 de Outubro de 2019), acessado a 22/02/2020, http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20190609_giornata-missionaria2019.html.

¹⁸³ Papa Francisco, “Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit* aos jovens e a todo o povo de Deus,” Lisboa de Abril de 2019, § 199.

CONCLUSÃO

Ao terminar estes estudos acerca *Da ecologia integral na encíclica Laudato Si' . Leitura inspirada por Francisco de Assis e Francisco de Roma*, cujo resultado, se vê na minha dissertação tem três capítulos.

No Capítulo I, acentuei o que a encíclica *Laudato Si'* trata, principalmente acerca da poluição, nomeadamente os poluentes atmosféricos – causa de milhões de mortes prematuras, sobretudo entre os mais pobres – sem esquecer ainda a poluição causada pelos fumos da indústria, pelas descargas, pelos pesticidas, pelos resíduos. O nosso Planeta terra transforma-se num imenso depósito de lixo. O sumo Pontífice Francisco reconhece que há um consenso científico muito consistente, indicando que estamos perante um preocupante aquecimento do sistema climático, decorrente da concentração de gases com efeito estufa. A humanidade deve tomar consciência da necessidade da mudança de estilos de vida, de produção e de consumo. Aqui, o Pontífice fala do derretimento das calotas polares e dos glaciares, a par da perda das florestas tropicais. Portanto, é urgente e imperioso o desenvolvimento de políticas capazes de fazer com que, nos próximos anos, a emissão de anidrido carbónico e outros gases altamente poluentes se reduza drasticamente.

A encíclica *Laudato Si'* recorda que as autoridades têm o direito e a responsabilidade de adotar medidas de apoio claro e firme aos pequenos produtores e a diversificação da produção. E para que haja uma liberdade económica de que todos beneficiem, pode ser necessário pôr limites aos que detêm maiores recursos e poder financeiro. A leitura da encíclica mostra como o Papa resgata a interpretação hermenêutica da tradição bíblica, em que as relações Deus-Homem-natureza estão profundamente imbricadas. E dá importância a uma aproximação integral para combater a pobreza e ao mesmo tempo cuidar da natureza.

O Papa pronuncia a ecologia social e recorda que várias nações são governadas segundo sistemas institucionais precários, à custa do sofrimento do povo. Ocorrem comportamentos ilegais, não obstante as normas sobre o ambiente, nem sempre aplicadas. Francisco elogia a criatividade e generosidade de pessoas e grupos capazes de dar a volta às limitações do ambiente, modificando os efeitos adversos dos condicionalismos e aprendendo a orientar a sua existência no meio da desordem e precariedade. E dá exemplos referentes à urbanização: que projeta edifícios, bairros e cidades, deve servir a qualidade de vida das pessoas, a sua harmonia com o ambiente, o encontro e ajuda mútua, e escutar o ponto de vista dos habitantes.

O Papa alerta para as consequências de algumas estratégias para combater as emissões de gás que penalizam os países pobres com pesados compromissos de redução de emissões, criando uma nova injustiça sob a capa do cuidado do meio ambiente.

É importantíssima a contribuição das religiões na solução dos problemas económicos, sociais e ambientais.

A encíclica *Laudato Si'* lembra o papel educativo da família no cuidado pela vida e o uso correto das coisas. E se compete à política e às várias associações um esforço de formação das consciências da população, o mesmo se diz da Igreja. Francisco espera que nos seminários e nas casas religiosas de formação se eduque para uma austeridade responsável. A espiritualidade cristã encoraja um estilo de vida profético e contemplativo, capaz de gerar alegria sem estar obcecado pelo consumo. E propõe um crescimento na sobriedade e uma capacidade de se alegrar com pouco. A mensagem de Papa Francisco é urgente e clara: para nos salvar, nós, humanos, devemos salvar-nos junto com a Terra, isto é, amando a Terra como a nós mesmos.

O Capítulo II sublinha que a nossa casa comum está enferma. Deveremos analisar a taxa da deflorestação tão urgentemente. É uma forma de nos alertarmos uns aos outros para tomar mais cuidado no que vamos deixar para os nossos filhos e netos.

A terra existe antes de nós e foi-nos dada. Apresentar o ser humano na exploração selvagem da natureza, como dominador e devastador não é interpretação correta da Bíblia. Portanto, há que voltar a ler os textos bíblicos no seu contexto, com justa interpretação. Cultivar quer dizer proteger, cuidar, preservar, velar, isto é, implementar uma relação de dar e receber numa atitude responsável entre o ser humano e a natureza (*LS* § 67).

A criatividade humana tem como base a ciência e a tecnologia e não podemos ignorar que a energia nuclear, a biotecnologia, a informática, o conhecimento do nosso próprio DNA e outras potencialidades nos dão um poder tremendo. Sabemos que os problemas da fome e da miséria no mundo serão resolvidos simplesmente com o crescimento do mercado, mas entendemos que o mercado, por si só, não oferece uma garantia do desenvolvimento humano integral nem a inclusão social

A ecologia integral pressupõe uma conversão ecológica que inclua todos os aspetos: ambiental, cultural, social, económico, político, antropológico, espiritual. A *LS* acrescenta novos temas à ecologia, tais como a aceitação do próprio corpo (aprender a aceitar o próprio corpo, a cuidar dele e a respeitar os seus significados, é essencial para uma verdadeira ecologia humana *LS* § 155), a disposição das cidades de forma a poderem ser devidamente habitadas, a sanidade das instituições e alargar o conceito de ambiente, incluindo nele o património histórico, cultural, artístico e natural.

O Capítulo III salienta que é urgente desfazer o muro e estabelecer pontes no âmbito de diálogo e da comunicação entre todas as religiões. A comunicação e a identidade andam juntas no diálogo ecuménico e inter-religioso. A atitude correta não é a uniformidade forçada nem o sincretismo conciliatório. O diálogo deve fomentar-se tendo em conta a identidade específica de cada religião e incluindo também naturalmente os não crentes.

A *LS* valoriza os frutos do diálogo ecuménico e inter-religioso e apela também à valiosa contribuição que as religiões podem dar ao diálogo com as ciências. Reforça assim o convite a, que todos se sintam responsáveis pelo destino comum, e se esforcem por tornar possível “o despertar duma nova reverência pela vida” (*LS* § 207) situando os seres humanos no centro do desenvolvimento sustentável (*LS* § 167). Com efeito, “todos podemos colaborar, como instrumento de Deus, no cuidado da criação, cada um a partir da sua cultura e experiência”, segundo as suas “capacidades” e por sua própria “iniciativa”.

Portanto, existe entre as religiões pontos de encontro, tanto internos como externos, em função dos quais se pode estabelecer um diálogo respeitoso e construtivo. Em vez de nos tornar intolerantes, a fé não é segurança põe-nos a caminho e torna possível o testemunho e o diálogo com todos. Com efeito, a fé em Deus, Criador do universo e Pai de todos, não pode senão fomentar relações de fraternidade universal entre todos os seres humanos.

O diálogo profundo com as outras religiões é indispensável. A adequada formação dos interlocutores impõe-se sempre, mas com uma intensidade cada vez mais, na atual situação de insegurança na vida das nações. Nós, cristãos, precisamos, não só de acolher e saber conviver com todas as culturas e religiões, mas também de ser capazes de sempre pôr em prática a norma de Jesus que nos ilumina: o que fizer ao meu irmão mais pequenino, a mim o fazes (Mt 25,40). O pão e a água que se dá, é a Jesus que se dá. Aos imigrantes de outras confissões religiosas que chegam aos nossos países, devemos acolher. Mas gostaríamos que os cristãos pudessem ser acolhidos e respeitados nos países de tradição islâmica, judaica, budista, hinduísta e etc.

A experiência de Francisco de Assis, como ponto de referência para o Papa Francisco, poderá tornar real do sonho esse diálogo inter-religioso, nomeadamente, entre as religiões islâmica e católica. O ‘*Poverello*’ de Assis é homem de paz e o Pontífice de Roma é um homem humilde, capaz de tentar estabelecer pontes entre todas as confissões religiosas que acreditam num único Deus.

Uma Igreja aberta e próxima é uma Igreja decididamente missionária, capaz de sair da autorreferencialidade para chegar a todos, indistintamente, a fim de testemunhar no mundo o amor salvífico do Senhor. Portanto, trata-se de uma Igreja que toma a iniciativa, sem medo de ir ao encontro dos afastados, de chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos (Cf. *EG* § 24). É um convite especial à passagem de uma Igreja autorreferencial,

centrada em si mesma, a uma Igreja aberta à alteridade, porque quem deseja viver com dignidade e em plenitude não tem outro caminho senão reconhecer o outro e buscar o seu bem (*EG* § 9). Isso significa que a Igreja não é para si, mas sim uma ponte que dá passagem de uns para os outros.

Ao concluir o meu trabalho, embora com bastante dificuldade, percebo que todo o processo foi fundamental para o processo de conhecimento de mim mesmo e para o meu amadurecimento acadêmico e humano.

BIBLIOGRAFIA

Estudos de referência

- Allègre, Claude, *Ecologia das Cidades e Ecologias dos Campos*. Lisboa (1996).
- Boff, Leonardo, *Opciones de Vida. Retos al Franciscanismo*. Barcelona: Editorial Seráfica, 1982.
- _____, *Ecologia, grito da terra, grito dos pobres*. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- _____, *Francisco de Assis e Francisco de Roma: uma nova primavera na Igreja*. Rio de Janeiro: 2014.
- _____, *Saber cuidar: Ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis, RJ (Brasil): Vozes, 1999.
- Carvajal, Luis González, *Entre la utopia y la realidad: Curso de Moral Social*. Cantabria: Sal Terrae, 1998.
- Costa, J. Almeida, e A. Sampaio e Melo, *Dicionário da Língua Portuguesa*, (Porto: Porto Editora, 1999).
- Devall, Bill, e George Sessions, *Ecologia profunda: Dar propriedade à natureza*, (Águas Santas: Sempre-em-pé, 2004).
- Emerich, Coreth, *O que é o Homem? Elementos para uma Antropologia Filosófica*. Lisboa: Verbo, 1988.
- Freire, Paulo, *A Pedagogia do Oprimido: Paz e Terra*, (ed. S. Paulo, 2003).
- Graves, Jonathan, e Duncan Reavey, *A Mudança Global do Ambiente: Plantas, Animais e Comunidades* (Lisboa: Instituto Piaget, 1998).
- Hesse, Hermann, e Peter Comenzind, *Obras completas*, (Madrid: Aguilar, 1979).
- Hubaut, Michel, *São Francisco e a alegria de viver o Evangelho* (Braga: Editorial Franciscana, 2008).
- Impalà, Enrico, org., *A mensagem de São Francisco: o santo de Assis nas palavras do Papa*. Lisboa: Clube do autor, 2017.
- Leclerc, Éloi, *A Fraternidade como Herança*, Braga: Editorial Franciscana, 2019.
- Martínez, Ernesto Cardenal, *Vida el amor*. Salamanca: Sígueme, 1987.
- Morciano, Maria Milvia, coord., *Para uma Ecologia do ser humano: Antologia de textos* (Braga: Editorial Franciscana, 2013).
- Núñez, Martín Carbajo, *Ecologia franciscana: Raízes da encíclica Laudato Si' do Papa Francisco* (Braga: Editorial Franciscana, 2016).
- _____, *Tudo está conectado: Ecologia integral e comunicação na era digital*. Braga: Editorial Franciscana, 2020.

Santos, Filipe Duarte, *Alterações Globais* (os desafios e os riscos presentes e futuros), 1.^a edição: Setembro de 2012 em Lisboa.

Tolstói, Liev, *O Diabo e outros contos*. Lisboa: Relógio d'água, 2008.

Publicações Periódicas

Gates, Bill, “Covid-19 impressionantes testemunhos / reflexões.” *Ecos do Sameiro* LXXXIX, n.º 1051 (abril 2020).

Lamelas, Isidro Pereira, OFM, “O Espírito de Assis ou o espírito da paz: de São Francisco ao Papa Francisco. Diálogo entre as religiões e a construção da paz.” *Revista Mensageiro do Coração de Jesus* (Janeiro 2020), 13-20.

Muscat, Noel, OFM, “La llegada de San Francisco a Oriente: De Francisco a Francisco”, *La Revista de los Santos Lugares*, n.º 4 (2017), 25-29.

Varanda, Maria Isabel Pereira. “Da preocupação ecológica como retorno ao Deus Criador.” *Theologica*, 2^a série, 38/2 (2003), 287-306.

Documentos Pontifícios

Bento XVI, “Discurso ao Corpo Diplomático acreditado junto da Santa Sé.” *AAS* 99 (2007) (8 de janeiro de 2007).

_____, “Carta encíclica Caritas in Veritate.” *AAS* 101 (2009).

_____, “Homilia no início solene do Ministério Petrino.” *AAS* 97 n.º 11 (2005).

_____, “Mensagem à Conferência de alto nível sobre a segurança alimentar mundial.” (2 de junho de 2008) *L'Osservatore Romano*. Edição semanal em português.

_____, “Mensagem do Bento XVI no 20º Aniversário do encontro Inter-Religioso de Oração pela paz convocado por João Paulo II” (Castel Gandolfo, 2 de Setembro de 2006).

_____, “Mensagem para o dia Mundial da Paz de 2010.” *AAS* 102 (2010).

_____, “Viagem Apostólica à França por ocasião do 150º Aniversário das aparições de Lourdes.” (Paris, Palácio do Eliseu, 12 de setembro de 2008).

Catecismo da Igreja Católica, ed. Gráfica de Coimbra, Coimbra 2001.

João Paulo II, “Carta encíclica Centesimus annus.” *AAS* 83 n.º 10 (1991).

_____, “Carta encíclica Laborem Exercens.” *AAS* 73 n.º 9 (1981).

_____, “Discurso de João Paulo II aos representantes das Igrejas e comunidades eclesiais cristãs reunidas em Assis para o dia Mundial da Oração.” *AAS* 79 n.º 7 (1987).

_____, “Mensagem para o dia Mundial da Paz”. *AAS* 82 (1990).

- _____, Catequese (17 de Janeiro de 2000), 4: Insegnamenti 24/1 (2001), 179; L'Osservatore Romano (ed. portuguesa de 20 de Janeiro de 2001).
- _____, "Omelia di Giovanni Paolo II: Conclusione dell'Ottavario di Preghiera per l'unità dei Cristiani." *AAS* 78 n.º 6 (1986).
- _____, Paz com Deus Criador paz com toda a criação, «Mensagem de sua santidade para a celebração do XXIII dia Mundial da Paz (1 de Janeiro de 1990)».
- _____, Pontifício Conselho Justiça e Paz, «Compêndio da Doutrina Social da Igreja», (Vaticano, 29 de Junho de 2004).
- _____, O Decálogo de Assis para a Paz, «Carta do Santo Padre São João Paulo II a todos os chefes de governo do Mundo com o Decálogo de Assis para a Paz, (Vaticano, 24 de Fevereiro 2002)».
- _____, Paz na terra aos Homens, que Deus ama, «Mensagem de sua Santidade João Paulo II para a celebração do XXIII dia Mundial da Paz, (1 de Janeiro de 2000)».
- João XXIII, "Mater et Magistra." *AAS* 53 n.º 8 (1961).
- Papa Francisco, "Carta encíclica *Laudato Si'*." *AAS* 107 (2015).
- _____, "Discurso do Papa Francisco aos Jornalistas." *AAS* 105 n.º 4-5 (16 de Março de 2013).
- _____, "Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*." *AAS* 105 n.º 12 (2013).
- _____, "Gaudete et Exsultate." *AAS* (2018).
- _____, "Mensagem do Santo Padre Francisco para a Celebração do XLVII Dia Mundial da Paz." *AAS* 106 n.º 1 (2014).
- _____, "Mensagem do Santo Padre Francisco para a celebração do 50º Dia Mundial da Paz." *AAS* 109 n.º 1 (2017).
- _____, "Mensagem do Santo Padre Francisco para a celebração do Dia Mundial da Paz." *AAS* (2020).
- _____, «Peregrinação do Papa Francisco à Terra Santa por ocasião do 50º aniversário do encontro em Jerusalém entre o Papa Paulo VI e o Patriarca Atenágoras, Terra Santa, (25 de Maio de 2014)».
- _____, «Peregrinação do Papa Francisco à Terra Santa por ocasião do 50º aniversário do encontro em Jerusalém entre o Papa Paulo VI e o Patriarca Atenágoras, Terra Santa (25 de Maio de 2014)».
- _____, Batizados e enviados: a Igreja de Cristo em missão no mundo, «Mensagem de sua Santidade para o dia Mundial das Missões de 2019, (20 de Outubro de 2019)».
- _____, Coletiva de imprensa do Santo Padre durante o voo de regresso de Rabat, «Viagem Apostólica ao Papa Francisco a Marrocos, (31 de Março de 2019)».
- _____, Discurso do Papa Francisco, «Visita do Santo Padre à FAO por ocasião da II conferência Internacional sobre alimentação», (20 de Novembro de 2014).

_____, Documento sobre a Fraternidade Humana em Prol da Paz Mundial e da convivência comum, «Viagem Apostólica do Papa Francisco, aos Emirados Árabes Unidos, (3-5 de fevereiro de 2019)».

_____, Encontro inter-religioso, «Viagem Apostólica do Papa Francisco aos Emirados Árabes Unidos (3-5 de Fevereiro de 2019)».

_____, Arriscar juntos, «Jovens com raízes», In CRISTO VIVE (Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christus Vivit aos jovens e a todo o povo de Deus), Lisboa de Abril de 2019.

Papa Paulo VI, “Declaração Nostra Aetate sobre a Igreja e as religiões Não-Cristãs.” *AAS* 58 n.º 10 (8 de outubro de 1966).

Autores Franciscanos

São Boaventura, “Legenda Maior de São Francisco.” *Fontes Franciscanas: Escritos, Biografias, Documentos*, 4.ª ed. (Braga: Editorial Franciscana, 2017).

_____, *Itinerário da mente para Deus* (Ed. Centro de Estudos Franciscanos (Porto: 2009).

São Francisco de Assis, “Cântico das Criaturas.” *Fontes Franciscanas: Escritos, Biografias, Documentos*, 4.ª ed. (Braga: Editorial Franciscana, 2017).

_____, “Louvores a dizer antes de todas as horas.” *Fontes Franciscanas: Escritos, Biografias, Documentos*, 4.ª ed. (Braga: Editorial Franciscana, 2017).

_____, “Louvores a Deus.” *Fontes Franciscanas: Escritos, Biografias, Documentos*, 4.ª ed. (Braga: Editorial Franciscana, 2017).

_____, “Escritos de São Francisco e de Santa Clara de Assis.” *Fontes Franciscanas: Escritos, Biografias, Documentos*, 4.ª ed. (Braga: Editorial Franciscana, 2017).

Hagiografias de São Francisco de Assis

“Legenda dos três companheiros.” *Fontes Franciscanas: Escritos, Biografias, Documentos*, 4.ª ed. (Braga: Editorial Franciscana, 2017).

Tomás de Celano, “Vida Primeira.” *Fontes Franciscanas: Escritos, Biografias, Documentos*, 4.ª ed. (Braga: Editorial Franciscana, 2017).

_____, “Vida Segunda.” *Fontes Franciscanas: Escritos, Biografias, Documentos*, 4.ª ed. (Braga: Editorial Franciscana, 2017).

Bibliografia Eletrónica (Sitografia)

Alves, José Eustáquio Diniz. “Pegada Ecológica: e se eliminarmos os países ricos? Ecodebate” (Rio de Janeiro 19 de julho de 2013), acessado a 27/06/2019. <https://www.ecodebate.com.br/2013/07/19/pegada-ecologica-e-se-eliminarmos-os-paises-ricos-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/>.

- Comissão Europeia, “Alterações climáticas: de que se trata?: Uma Introdução para os Jovens” (2009) Luxemburgo: Comunidades Europeias 2009, acessado a 01/07/2019. http://www.louleadapta.pt/uploads/document/8_CE_Alteracoes_climaticas_de_que_s_e_trata.pdf.
- “Consumo Sustentável: Manual de Educação.” (Brasília, 2005) Consumers International/MMA/MEC/IDEC, acessado a 14/12/2019. <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao8.pdf>.
- “Declaração Universal dos Direitos do Homem”, acessado a 08/02/2020. http://pfdc.pgr.mpf.mp.br/atuacao-e-conteudos-de-apoio/legislacao/direitos-humanos/declar_dir_homem.pdf.
- Meadows, Donnella, e outros. “Más allá de los límites” (Madrid 1992), acessado a 21/12/2019. <http://servicioskoinonia.org/relat/392.htm>.
- “Declaração do Rio sobre o ambiente e desenvolvimento” (1992), acessado a 17/02/2020. https://apambiente.pt/_zdata/Políticas/DesenvolvimentoSustentavel/1992_Declaracao_Rio.pdf.
- “Efeito Estufa”, acessado a 08-12-2019. <https://escola.britannica.com.br/artigo/efeito-estufa/481419>.
- Ferreira, Tânia Marisa Cordeiro, Como promover práticas pro-ambientais? «Ilha Terceira-Açores», acessado a 5/12/2019, <https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/3671/1/TeseDoutoramentoTaniaMarisaCordeiroFerreira2016.pdf>.
- Papa Francisco. “Encontro do Papa Francisco com Shimon Peres e Mahmoud Abbas: Inovação Pela Paz” (8 de Junho de 2014), acessado a 05/02/2020. http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/june/documents/Papa-francesco_20140608_invocazione-pace.html.
- “A Igreja? Um hospital de campanha: Entrevista ao Papa Francisco realizado pelo Padre António Spadaro diretor da revista “Civiltà Cattolica”, publicada no L’Osservatore Romano (21 de Setembro de 2013), acessado a 20/02/2020. http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/Papa-francesco_20130921_intervista-spadaro.html.
- FAO e OMS, “Campanha contra obesidade e por uma nutrição sustentável” (2014), acessado a 04/08/2020. https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2014/11/20/interna_internacional,591972/fao-e-oms-lancam-campanha-contr-obesidade-e-por-uma-nutricao-sustentavel.shtml.
- Ferreira, Pedrosa. “Papa Francisco dia-a-dia” (2015), acessado a 06/02/2020. <https://books.google.pt/books?id=YaUADgAAQBAJ&pg=PA6&lpg=PA6&dq=Papa+Francisco:+a+paz+crist%C3%A3+como+a+paz+inquieta&source=bl&ots=UO1jGE69Uk&sig=ACfU3U3Y-TCOK7iOSrcBO6VaVv3lVh6oBg&hl=ptPT&sa=X&ved=2ahUKEwjvuM3dLznAhVFDWMBHWjnCsEQ6AEwAnoECAgQAQ#v=onepage&q=Papa%20Francisco%3A%20a%20paz%20crist%C3%A3%20como%20a%20paz%20inquieta&f=false>.

- Papa Francisco. “Discurso do Papa Francisco aos Jornalistas, Boletim da Santa Sé” (16 de Março de 2013), acessado a 09/01/2020.
<https://noticias.cancaonova.com/especiais/pontificado/francisco/na-integra-discurso-do-Papa-francisco-aos-jornalistas/>.
- Scaramuzzi, Iacopo. “ ‘Que os fiéis leiam o documento que assinei com os imãs’, pede Francisco” (06 de Fevereiro 2019), acessado a 29/01/2020.
<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/586460-que-os-fieis-leiam-o-documento-que-assinei-com-os-imas-pede-francisco>.
- Lamelas, Isidro Pereira, OFM. “Ensaio: Francisco de Assis e Francisco de Roma encontram-se com os irmãos muçulmanos” (09 de Fevereiro de 2019), acessado a 23/01/2020.
<https://setemargens.com/ensaio-francisco-de-assis-e-francisco-de-roma-encontram-se-com-os-irmaos-muculmanos/>.
- Kolbert, Elizabeth. “The Sixth Extinction: an unnatural history” (New York: Henry Hol, 6 de Janeiro de 2015), acessado a 26/06/2019.
https://www.fruugo.pt/a-sexta-extincao-uma-historia-natural/p-28467547-60775500?language=pt&ac=croud&gclid=EAJaIQobChMIyd282eSf6gIVkMCyCh0IkAs0EAQYAiABEgLR9_D_BwE.
- Rahner, Karl. “O cristão do futuro” (2004), acessado a 22/02/2019.
<http://www.e-cristianismo.com.br/vida-crista/o-cristao-do-futuro.html>.
- Sanchez-Benítez. “O que causa o calor 'infernai' que atinge a Europa?” (28/06/2019), acessado a 01/07/2019.
<https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/06/28/o-que-cause-o-calor-infernai-que-atinge-a-europa.ghtml>.
- Vaillant, Gauthier. “Visita do Papa a Abu Dhabi levou mensagem de união e de respeito mútuo” (05 de fevereiro de 2019, Emirados Árabes Unidos), acessado a 28/01/2020.
<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/586449-visita-do-Papa-a-abu-dhabi-levou-mensagem-de-uniao-e-de-respeito-mutuo>.
- Varanda, Maria Isabel Pereira, “A Ecologia como chave hermenêutica da Criação e da Evolução.” *Theologica* 45 (2010), acessado a 03/03/2020,
<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/13354/1/varanda.pdf>.
- Vaz, Dirley dos Santos. “Alterações Climáticas, riscos ambientais e problemas de saúde: breves considerações” In *Riscos naturais e a sustentabilidade dos territórios*, Universidade de Coimbra (Maio de 2010), acessado a 01/07/2019.
<http://www.uc.pt/fluc/cegot/VISLAGF/actas/tema4/dirley>.
- Weber, Max. “El político y el científico”, acessado a 08/11/2019.
<http://www.hacer.org/pdf/WEBER.pdf>.
- World Health Organization. “World hunger is still not going down after three years and obesity is still growing” (15 de Julho de 2019), acessado a 02/08/2020.
<https://www.who.int/news-room/detail/15-07-2019-world-hunger-is-still-not-going-down-after-three-years-and-obesity-is-still-growing-un-report>.